Vida, Morte, Fé

Caderno do professor

Vida, Morte, Fé

Religião não é crime

Caderno do professor

A produção deste material didático foi viabilizada pelo Programa Nacional de Apoio à Cultura (PRONAC 235372), ação integrante da programação prevista no Plano Bianual de Atividades do Museu da Pessoa 2024-2025, com o patrocínio oficial da Petrobras, apoio financeiro do BNDES, patrocínio do Mercado Livre e 3M, em parceria com o Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, PUC-SP, e realização do Museu da Pessoa.

Idealização Apoio Financeiro Patrocínio Parceria

Patrocínio Oficial Realização

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Arruda, Glair Alonso
Vida, morte, fé [livro eletrônico] : caderno do professor / Glair Alonso Arruda, Edin Sued Abumanssur ; coordenação Lucas Lara, Sônia Helena Dória London. -- São Paulo : Museu da Pessoa, 2025.
PDF

ISBN 978-85-60505-63-0

1. Diversidade religiosa 2. Educação 3. Material didático 4. Professores - Formação 5. Tolerância religiosa I. Abumanssur, Edin Sued. II. Lara, Lucas. III. London, Sônia Helena Dória. IV. Título.

25-275046 CDD-377.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Educação 370

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

COMO NAVEGAR NA PUBLICAÇÃO

SUMÁRIO
APRESENTAÇÃO
INTRODUÇÃO
CRÉDITOS

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1
Aula 1
Aula 2
Aula 3
Aula 4

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2
Aula 1
Aula 2
Aula 3

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 3
Aula 1
Aula 2
Aula 3
Aula 4

O menu no topo da página possui links que direcionam para os temas. Utilize-o para acessar as sequências didáticas e as aulas, clicando nos itens.

VÍDEO 00:51:15

O boxe ao lado informa o tempo em que a entrevista pode ser assistida.

LEIA O QR CODE

Indicação para acessar o conteúdo em vídeo, posicionando a câmera do celular para ler o QR Code.

O menu lateral auxilia na navegação página por página, permitindo também voltar para o Sumário, para o início do capítulo e imprimir o conteúdo.

Volta ao Sumário
Página seguinte
Página anterior
Volta ao início
Imprimir
Página 0

SUMÁRIO

Introdução 4

Sequência didática 1
A Religião como serviço 7
Aula 1 – Histórias de amor ao próximo **9**
Aula 2 – Um chamado à compaixão **13**
Aula 3 – Encontrar uma razão para viver **17**
Aula 4 – Curando o corpo e a alma **22**

Sequência didática 2
A Religião como herança 29
Aula 1 – Histórias de saídas e de chegadas **31**
Aula 2 – Histórias de presenças e ausências **36**
Aula 3 – Histórias dos que vieram antes de nós **42**

Sequência didática 3
A Religião como experiência 47
Aula 1 – Em busca de si mesmo: ancestralidade, identidade e diferença **49**
Aula 2 – Em busca do equilíbrio: passado, presente e futuro na trajetória espiritual **54**
Aula 3 – Em busca de pontos em comum: o encontro da diversidade cultural e religiosa **59**
Aula 4 – Em busca da tolerância religiosa: superando preconceitos **64**

Créditos 69

SUMÁRIO
APRESENTAÇÃO
INTRODUÇÃO
CRÉDITOS

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1
Aula 1
Aula 2
Aula 3
Aula 4

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2
Aula 1
Aula 2
Aula 3

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 3
Aula 1
Aula 2
Aula 3
Aula 4

APRESENTAÇÃO

Existem muitas maneiras de lidar com a vida. Tantas quanto vidas há. Há vidas que buscam, vidas que se repetem, vidas que se cumprem, vidas que sobem e descem montanhas, vidas que restam, vidas vividas. Há formas distintas de experienciar a vida. Todas as maneiras se relacionam com as formas de lidar com a morte. Não há vida sem morte e não há morte sem vida. Uma complementa a outra. Não necessariamente uma se opõe à outra (isso é uma forma de viver a vida e a morte). Mas não há como haver vida sem morte. E vice-versa.

Cada um de nós tem uma forma de lidar com a vida, e com a morte. Essa forma deriva do sentido que damos a ambas. Diz Viktor Frankl que todo ser humano busca um sentido para sua vida. Esse sentido pode ser apenas um instinto de sobrevivência, um instinto que nos mantém na própria vida. O sentido que damos à vida acaba por nos dar um sentido para a morte. O sentido não tem nome, cor ou valor. Pode ser individual e coletivo, pode ser herdado ou atribuído. No entanto, para ver sentido é preciso ter fé. Não há sentido sem fé. Fé é sentido. Fé é sentida. Toda fé deriva em sentido. Toda fé traz sentido. Fé em Deus, em si, na natureza, na rebelião, na criação, na vingança, na própria vida e fé na morte. Toda fé é imbuída de sentido.

Vivemos e morremos embrulhados pelo constante desafio de existir e de fazer existir. Damos nascimento a novas vidas e, ao longo da jornada, vivemos nossas mortes. Nossa própria, mas também a daqueles que amamos, desamamos ou apenas conhecemos. Às vezes a dor da morte (sobretudo daqueles que nos importam) é tamanha que perdemos até mesmo o sentido de existir.

Tanto a vida quanto a morte provocam dor. A vida traz a dor sentida dentro de si. Da alma, do corpo, do existir. A morte traz a dor da perda, da saudade, do medo, da falta de sentido. A dor da vida e a da morte muitas vezes não têm sentido. Mas são sentidas. Muitas vezes a dor da vida e a da morte são o que nos faz buscar sentido. E fé.

Vida, morte e fé nascem juntas, ou crescem juntas. Culturas buscam sentido. Culturas permeiam nossas vidas e mortes de sentido, e de fé. Esse constante marulhar entre a vida, a morte e a fé é que dá sentido ao nosso existir.

Karen Worcman

SUMÁRIO
APRESENTAÇÃO
INTRODUÇÃO
CRÉDITOS

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1
Aula 1
Aula 2
Aula 3
Aula 4

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2
Aula 1
Aula 2
Aula 3

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 3
Aula 1
Aula 2
Aula 3
Aula 4

INTRODUÇÃO

A religião é um assunto de difícil tratamento, pois envolve paixões e compromissos pessoais que estruturam nossa visão de mundo e nossa identidade enquanto indivíduos. Ela merece e precisa ser tratada com cuidado, delicadeza e respeito. A melhor maneira de fazer isso é ouvir com simpatia as histórias de vida das pessoas. Nas entrevistas que compõem a exposição *Vida, Morte, Fé* pode-se perceber que, por trás de uma crença pessoal, está um indivíduo com suas dores, suas dúvidas, suas incertezas e sua busca por respostas. Há entrevistas que dizem como as crenças religiosas podem ser respostas e soluções para os problemas e os desafios enfrentados cotidianamente. Para algumas das pessoas entrevistadas, a fé se realiza na forma de prestação de serviço ao próximo, na solidariedade e no exercício da caridade. Para outras, a religião diz respeito à pertença a uma comunidade ou a uma etnia. Há ainda aqueles que veem na religião a expressão de uma experiência profunda de sentido para a vida. Em todas as falas, fica clara a centralidade da fé.

Vê-se nas entrevistas da exposição que são muitas as religiões e as formas de crer, e que a religião de cada pessoa pode ser como uma bússola no deserto ou um farol em meio ao nevoeiro. Vê-se ainda que ela pode também funcionar como uma âncora para a construção de nossa identidade ou dar-nos a coragem para voar.

O objetivo maior que se buscou neste material didático foi o desenvolvimento de um olhar tolerante e empático com a fé alheia. Essa empatia só pode ser desenvolvida se conhecermos a história de vida das pessoas. Mais do que as ideias, o que importa de fato são as pessoas. Em suas falas, às vezes estranhas, às vezes comoventes, percebe-se como a fé funciona como uma linha que vai costurando os retalhos da experiência de vida de cada uma. Dessa forma vai-se construindo a ideia de que respeitar a religião das pessoas significa respeitar a própria pessoa.

Nossos objetivos com este caderno didático são:

Oferecer aos professores do ensino médio ou EJA métodos de escuta das histórias de vida, identificando religiosidade e fé nas concepções acerca da vida e morte e na definição de projetos de vida a partir dessas concepções.

Oferecer aos estudantes maior compreensão da diversidade das relações estabelecidas pelas pessoas e grupos a partir de suas tradições religiosas e filosofias de vida.

Como metodologia para trabalhar a riqueza do tema “Vida, morte, fé”, escolhemos a sequência didática: uma estratégia educacional composta por um conjunto de atividades planejadas com intencionalidade didática e organizadas sequencialmente, em etapas. Em torno de conteúdos específicos, com foco na apropriação de um determinado conceito ou procedimento, cada sequência tem a possibilidade de adequação a destinatários fora da escola, e não apenas para os professores e colegas de turma.

Na perspectiva sociointeracionista, que procura colocar o estudante como sujeito ativo na construção do

SUMÁRIO
APRESENTAÇÃO
INTRODUÇÃO
CRÉDITOS

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1
Aula 1
Aula 2
Aula 3
Aula 4

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2
Aula 1
Aula 2
Aula 3

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 3
Aula 1
Aula 2
Aula 3
Aula 4

seu conhecimento, essa metodologia está relacionada a alguns princípios didáticos[1]:

1. **Valorização do conhecimento prévio dos estudantes.**
2. **Ensino centrado na problematização.**
3. **Ensino reflexivo com ênfase na explicitação verbal.**
4. **Ensino centrado na interação e sistematização dos saberes.**
5. **Utilização de atividades diversificadas, desafiadoras e progressivas.**

A exposição ***Vida, Morte, Fé*** disponibiliza treze entrevistas de pessoas influentes na sociedade brasileira, que relatam suas histórias de vida e a maneira como a religião influenciou suas escolhas e projetos de vida.

Para trabalhar didaticamente as entrevistas, você vai encontrar neste caderno três sequências didáticas, que poderá usar juntas ou de forma independente, como considerar melhor no seu planejamento anual. São elas:

- **A religião como serviço**
- **A religião como herança**
- **A religião como experiência**

Em cada sequência, você encontrará um quadro-resumo contendo os objetivos pedagógicos, as habilidades da BNCC da área das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas para o Ensino Médio e uma breve orientação contextualizando o tema explorado em toda a sequência. Organizada em três ou quatro aulas, ao final da sequência os alunos terão produzido um projeto que pode ser destinado a outros grupos da escola ou ao entorno de toda a comunidade escolar.

Você pode propor que os alunos assistam às entrevistas na íntegra ou editadas antes de cada aula acessando o QR Code que acompanha cada uma. Você também pode usar a minutagem informada para apresentar os trechos sugeridos usando equipamento de projeção. Alternativamente, durante as aulas pode ser feita uma leitura da transcrição que oferecemos dos trechos citados.

Cada aula foi estruturada para ser trabalhada dialogicamente em quatro momentos:

- Na abertura, fazemos um levantamento das experiências e do conhecimento prévio do aluno a respeito do tema.
- Na seção *Conhecendo pessoas e suas histórias*, trazemos a transcrição de alguns trechos das entrevistas e sua localização nos vídeos.
- Na seção *Conversando a respeito*, sugerimos perguntas problematizadoras para você conduzir a troca de ideias, considerando diferentes pontos de vista e com posicionamento crítico, buscando a sistematização do aprendizado.
- Na seção *Sugestão de atividade*, uma atividade individual ou em grupo propõe a aplicação dos estudos na realidade prática e diária do aluno, encontrando alternativas éticas e justas para a construção e a transformação da sociedade.

Sugerimos, ainda, uma visita à plataforma do **Museu da Pessoa** para iniciar o contato com o acervo e as

1 Antoni Zabala. *A prática educativa: como ensinar*. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SUMÁRIO
APRESENTAÇÃO
INTRODUÇÃO
CRÉDITOS

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1
Aula 1
Aula 2
Aula 3
Aula 4

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2
Aula 1
Aula 2
Aula 3

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 3
Aula 1
Aula 2
Aula 3
Aula 4

diversas histórias e imagens que o compõem. Usando a ferramenta **Conte Sua História**, alunos e professores podem compartilhar suas histórias e explorar ao máximo os recursos oferecidos pelo Museu da Pessoa, como a montagem de uma **Coleção de Histórias** com imagens e textos produzidos pelos grupos.

Bons trabalhos!

LEIA O QR CODE

SUMÁRIO **APRESENTAÇÃO** **INTRODUÇÃO** **CRÉDITOS**	**SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1** Aula 1 Aula 2 Aula 3 Aula 4	**SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2** Aula 1 Aula 2 Aula 3	**SEQUÊNCIA DIDÁTICA 3** Aula 1 Aula 2 Aula 3 Aula 4

A RELIGIÃO COMO SERVIÇO

Sequência didática

A religião como serviço é uma prática que transcende a fé individual e se manifesta em ações concretas de solidariedade e caridade. A ética religiosa orienta os fiéis a agirem com empatia e compaixão, promovendo a fraternidade entre as pessoas. A prática da solidariedade é essencial principalmente para com as populações em situação de vulnerabilidade. A caridade, como expressão do amor ao próximo, é um pilar fundamental, incentivando a ajuda aos necessitados. Assim, a religião é vivida como um serviço ao próximo e desempenha papel relevante onde, muitas vezes, a ação do Estado não chega.

Tópicos abordados: Sofrimento · Solidariedade · Caridade · Compaixão

QUADRO-RESUMO	
Quantidade de aulas	**4**
Duração de cada aula	**50 minutos**
BNCC para a área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas para o Ensino Médio	✣ **Competência específica 5: Reconhecer e combater as diversas formas de desigualdade e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos.**
Habilidades	✣ **(EM13CHS501) Compreender e analisar os fundamentos da ética em diferentes culturas, identificando processos que contribuem para a formação de sujeitos éticos que valorizem a liberdade, a autonomia e o poder de decisão.**
Habilidades *(continuação)*	✣ **(EM13CHS502) Analisar situações da vida cotidiana (estilos de vida, valores, condutas etc.), desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade e preconceito, e propor ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às escolhas individuais.**
Objetivos pedagógicos	✣ **Reconhecer a dimensão prática da religião nas histórias de vida de pessoas entrevistadas, identificando princípios éticos e práticas de solidariedade que fundamentaram suas escolhas no decorrer da vida.** ✣ **Distinguir entre aspectos subjetivos e aspectos práticos no modo de viver a fé e suas influências nas condutas pessoais e práticas sociais.** ✣ **Valorizar as diversas estratégias relatadas pelos entrevistados que se traduziram em práticas de compaixão e serviço ao próximo.**
Materiais necessários	✣ **Para todas as aulas: equipamento para pesquisa com acesso à internet e para projeção de apresentações. Acesse o link: Museu da Pessoa.** ✣ **Para a aula 3: bexigas (balão de festa) de uma só cor, em quantidade suficiente para todos os alunos da turma.**

CONTEXTUALIZANDO O TEMA

Há uma distinção feita por Hannah Arendt em *A condição humana*[2] entre vida ativa (*Vita Activa*) e vida contemplativa (*Vita Contemplativa*). No âmbito da religião, podemos dizer que essa distinção trata de duas maneiras de viver a fé. Uma delas, a vida religiosa contemplativa, é aquela que privilegia a oração, a devoção e o silêncio introspectivo. A vida ativa, por outro lado, enfatiza a ideia de que o trabalho e a ação no mundo, quando imbuídos de um senso de vocação, são

2 Hannah Arendt. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2010.

SUMÁRIO **APRESENTAÇÃO** **INTRODUÇÃO** **CRÉDITOS**	**SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1** Aula 1 Aula 2 Aula 3 Aula 4	**SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2** Aula 1 Aula 2 Aula 3	**SEQUÊNCIA DIDÁTICA 3** Aula 1 Aula 2 Aula 3 Aula 4

também uma forma de adoração a Deus. São duas maneiras de entender a vida ascética: uma extramundana, que busca se retirar do mundo para uma vida de contemplação. Outra intramundana, que busca atuar no mundo como uma missão. Ambas as formas de viver a fé são possíveis e legítimas e, quase sempre, as pessoas buscam um equilíbrio entre elas.

Nesta sequência didática, pretendemos explorar, nas entrevistas da exposição *Vida, Morte, Fé*, aqueles aspectos da religião que mobilizam o serviço ao outro e que se revelam como uma maneira de viver a fé concretizada na prática de ações comprometidas com a compaixão, a solidariedade e o auxílio ao próximo.

ACESSE: exposição **Vida, Morte, Fé**

SUMÁRIO
APRESENTAÇÃO
INTRODUÇÃO
CRÉDITOS

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1
Aula 1
Aula 2
Aula 3
Aula 4

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2
Aula 1
Aula 2
Aula 3

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 3
Aula 1
Aula 2
Aula 3
Aula 4

AULA 1

Histórias de amor ao próximo

Nesta aula, você e seus alunos vão conhecer histórias nas quais os valores éticos pessoais encontraram, muitas vezes, os seus fundamentos na religião professada pelos indivíduos.

ABERTURA

Para introduzir o tema, pergunte aos alunos se conhecem alguma organização que atue em projetos sociais, por exemplo, de auxílio a pessoas em situação de rua, idosos, crianças, animais ou outros. Pergunte, por exemplo:

- **Você sabia que existem organizações que foram fundadas para encontrar famílias para adotar animais abandonados? Outras instituições são formadas para oferecer suporte a famílias de pessoas com deficiências.**
- **Que outras instituições você conhece que atuam em projetos sociais?**
- **O que será que motiva uma pessoa a fundar uma instituição como essas?**

Acolha as opiniões incentivando a participação dos alunos, observando que, em alguns casos, a motivação para projetos sociais tem fundamentos religiosos.

CONHECENDO PESSOAS E SUAS HISTÓRIAS

Organize os alunos ao redor do equipamento de projeção para assistir aos trechos das entrevistas, ou, alternativamente, fazer a leitura desses trechos. Nesse caso, você pode definir três alunos para fazerem a leitura em voz alta, valorizando uma leitura expressiva, pausada e com boa entonação.

Um momento em que a questão da aids está estourando no mundo e causando pânico e causando moralismo, causando perseguição, causando coisas muito dramáticas. Estavam na minha cabeça também duas amigas com quem eu trabalhei, são amigas até hoje, a Cecília e a Regina, que me disseram que um dos nossos colegas de trabalho estava internado no Hospital Antônio Carlos, da Rua Antônio Carlos, em estado terminal de HIV, de aids. E elas pediram que eu fosse visitá-lo. [...]

Aí eu fui ao hospital (eu já era padre); fui visitá-lo e ele parecia uma folha seca. E, para eu poder visitá-lo, tive que colocar gorro, máscara, um avental, luvas próprias, porque era a pandemia de aids e era um momento dramático, a década de 1980; a gente já estava no final da década de 1980. E quando fui visitá-lo e ele me viu, perguntei: "Você sabe quem é?". Ele disse, fez com a cabeça que sim e falou: "Padre Júlio". Aí ele disse, ele começou a chorar e disse: "Eu quero me confessar". Eu falei: "Não fala nada. Poupa, não fala, você está muito cansado". Ele estava com a respiração muito fraca. Pus a mão na cabeça dele e disse: "Fique em paz. Não precisa dizer nada. Deus conhece o teu coração. Eu vou te dar absolvição e você pacifica o coração. Não tem que falar nada", porque ele era um rapaz *gay* e acabou infectado. Logo depois ele faleceu. E aquilo ficou na minha cabeça, o sofrimento dele e a culpa que carregava, porque o moralismo, era praga *gay*, aquelas coisas todas que a gente ouviu na década de 1980, que é a década de Freddie Mercury, do Cazuza e os grandes nomes que foram aparecendo e que pereceram vítimas da pandemia de aids. Quando eu fui lá no antigo Educandário Sampaio Viana, onde eu tinha trabalhado, vi as crianças que nasciam com HIV positivo, porque naquela época as mães sabiam que eram HIV positivo por causa dos filhos. Então, a criança aparecia doente, fazia o exame de HIV e constatava que a criança era HIV positivo. E as mães não sabiam. Então, eu vi lá no prédio do Educandário Sampaio Viana, no Pacaembu, as

Padre Júlio Lancellotti

VÍDEO 01:05:56

LEIA O QR CODE

SUMÁRIO
APRESENTAÇÃO
INTRODUÇÃO
CRÉDITOS

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1
Aula 1
Aula 2
Aula 3
Aula 4

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2
Aula 1
Aula 2
Aula 3

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 3
Aula 1
Aula 2
Aula 3
Aula 4

crianças com HIV positivo, todas no segundo andar do prédio, fechadas num quarto, de onde elas não saíam e com os funcionários todos superparamentados. Elas não viam o rosto das pessoas que cuidavam delas; elas viam o mundo pela janela, não podiam sair para brincar, não podiam nada, ficavam reclusas, porque naquele momento até funcionários que quisessem cuidar dessas crianças eram raros. E eles não tinham uma dieta específica, condições de higiene adequadas, espaço para brincar, para viver. Elas continuavam sendo crianças. Daí eu disse: "Então vamos dar uma resposta para essas crianças". Foi aí que surgiu a ideia de fazermos a Casa Vida, para ser uma casa que acolhesse as crianças com HIV e aids.

Ana Cláudia de Lima Quintana Arantes

VÍDEO 00:59:27

LEIA O QR CODE

Primeiro paciente que eu fui "tirar história". Era um paciente que tinha uma cirrose hepática por alcoolismo, tinha um câncer hepático também que se somou à cirrose pelo alcoolismo, e ele estava sozinho e muito emagrecido, com ascite, então parecia uma aranha. Lembro dele meio amarelo, com a barriga grande, muito magrinho, sentado, olhando a janela. Lembro da cena quando fui entrar no quarto. Lembra de quando os hospitais tinham uma janelinha de vidro? Na verdade, tinha a porta e, na porta, tinha um quadradinho de vidro. Eu me lembro de ter visto ele ali, entrei e ele não conseguia conversar comigo, ele tava com dor. Então fui falar com a enfermeira, e ela falou que ele já tinha tomado remédio pra dor. Aí eu falei assim: "Então, mas não funcionou. Ele falou que tomou faz uma hora e ele tá com dor ainda". Falei assim: "Mas não tem nada pra fazer? Não tem outro remédio que pode ajudar?". Ela respondeu: "Não, não, só a próxima dose que é de seis em seis horas". Então, ele tinha que ficar cinco horas, ia ficar seis horas, porque já tava uma hora e não tinha melhorado. Aí eu fui falar com o professor; o professor falou assim: "Não, esse paciente não tem nada pra fazer, não dá pra dar remédio". Eu falei: "Não, por quê?". "Não, porque o remédio pode ser tóxico pro fígado". Eu falei: "Ah, mas se ele vai morrer, qual o problema? Não é melhor ele ficar sem dor?". Aí ele respondeu: "Não, esse paciente a gente não pode fazer, não tem nada pra fazer. Vai lá, tira a história do que der pra tirar". E aí aquele cara tinha muito a ver com os medos que eu tinha, né? Porque era um cara que virou morador de rua, porque ele bebia, provavelmente viveu violência doméstica e tal. Eu olhava pra ele e pensava: "Gente, é meu pai daqui a uns anos".

Pastor Henrique Vieira

VÍDEO 00:42:36

VÍDEO 00:46:45

LEIA O QR CODE

Olha, desde pequeno, o Evangelho, de verdade, sempre me provocou sensibilidade diante das pessoas e do mundo. Então, antes de conhecer teologia da libertação, conhecer movimento negro, dialogar com o marxismo latino-americano na universidade, desenvolver uma crítica profunda ao capitalismo, antes de todas essas formulações, eu era um menino que, a partir do Evangelho, tinha sensibilidade diante da vida e das pessoas. Sempre me chamou atenção. Lembro de que, quando menino, me incomodou o fato de que existe fome no mundo; não conseguia entender, não conseguia achar razoável. Por quê? Talvez tenha alguma coisa aí, também, de recorte de classe associado à dimensão do Evangelho. Vou explicar: eu era de uma família pobre. Miserável? Não! Passando fome? Não, não, não! [...]

E eu me lembro bem de, no recreio, não ter o dinheiro do lanche. Pode parecer uma coisa banal, e não é uma história dramática, história dramática é a fome, mas eu tô falando de mim, tem uma legitimidade porque é minha mémoria, é meu corpo, e o meu constrangimento de na hora do recreio não ter o dinheiro pro suco e pro salgado, e meio que revezar, cada dia pedir pra um amigo pra não ser o cara chato, entendeu? Então hoje eu peço pro Franco, amanhã eu peço pro Garfield, tem dia que eu não peço, mas eu não tinha um real, então eu acho que essa questão social sempre me habitou. Por

SUMÁRIO
APRESENTAÇÃO
INTRODUÇÃO
CRÉDITOS

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1
Aula 1
Aula 2
Aula 3
Aula 4

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2
Aula 1
Aula 2
Aula 3

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 3
Aula 1
Aula 2
Aula 3
Aula 4

que tem diferenças de acesso às coisas, sabe? Aí, na minha adolescência, essa intuição/sensibilidade, seja por leitura do Evangelho, seja olhando pro mundo, ou pelas minhas pequenas experiências de constrangimento, por não ter acesso a algumas coisas, essa intuição ganha força. Primeiro quando eu estudo a história de Martin Luther King, um pastor batista que lutou contra o racismo nos Estados Unidos. Aí na escola fui aluno do Marcelo Freixo, professor e amigo, uma escola progressista em Niterói, uma escola que me fez pensar sobre criminalização da pobreza, política de drogas, violência da polícia, genocídio da juventude negra. Então a escola foi abrindo minha cabeça, e aquela intuição foi ganhando formulações de mundo... Desigualdade social, concentração de renda, violência policial. Já não era mais uma sensação e uma intuição, era o mundo sendo apresentado pela janela da escola. É importante dizer quando a escola cumpre essa função.

CONVERSANDO A RESPEITO

Depois de ouvir os trechos das histórias de vida dos entrevistados, proponha uma conversa, problematizando algumas questões, por exemplo:

- Foi possível perceber um senso de vocação nos relatos que ouvimos? Como essas pessoas relataram sua motivação para realizar essas ações? Como essas motivações marcaram as vidas dessas pessoas?
- Você percebeu diferenças entre os três relatos?
- Que fatores despertaram essas pessoas para se mobilizarem em superar problemas sociais? Foi possível identificar princípios éticos e/ou princípios religiosos fundamentando essas atuações?
- Foi possível perceber nas entrevistas os limites do Estado em dar suporte a pessoas em vulnerabilidade social?

SUGESTÃO DE ATIVIDADE

PESQUISA

OBJETIVO

Realizar uma pesquisa no bairro ou na cidade para identificar organizações que desenvolvem projetos sociais e as motivações que lhes deram origem, reconhecendo sua importância em viabilizar uma sobrevivência mais digna para populações em vulnerabilidade social.

DESENVOLVIMENTO

1. Proponha aos alunos que pesquisem, em sites de busca, organizações não governamentais que promovem ações sociais na região, como abrigos de idosos ou crianças, atendimento a pessoas em situação de rua, inclusão de pessoas com deficiências, projetos ambientais, apoio a mulheres, migrantes e refugiados, animais etc.
2. Divida a turma em grupos e designe para cada um deles uma ou duas das organizações encontradas.
3. Cada grupo deverá pesquisar, no site ou com outro contato fornecido pela instituição, o histórico de origem da instituição, os princípios éticos ou religiosos que desencadearam sua organização, o tipo de ação promovida.
4. Na lousa, faça um quadro relacionando as instituições pesquisadas, as áreas de atuação e as motivações dos seus fundadores. Identifique entre elas as que relatam princípios religiosos fundamentando sua atuação na sociedade.
5. Se achar conveniente, incentive os estudantes a escutarem as organizações. Elabore com os alunos perguntas que possam ser feitas às pessoas na instituição visitada, focando a relação entre a fé professada e as ações de solidariedade e de caridade. Após as entrevistas, as respostas podem ser agrupadas e o resultado pode ser organizado em tabelas para uso posterior.

SUMÁRIO
APRESENTAÇÃO
INTRODUÇÃO
CRÉDITOS

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1
Aula 1
Aula 2
Aula 3
Aula 4

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2
Aula 1
Aula 2
Aula 3

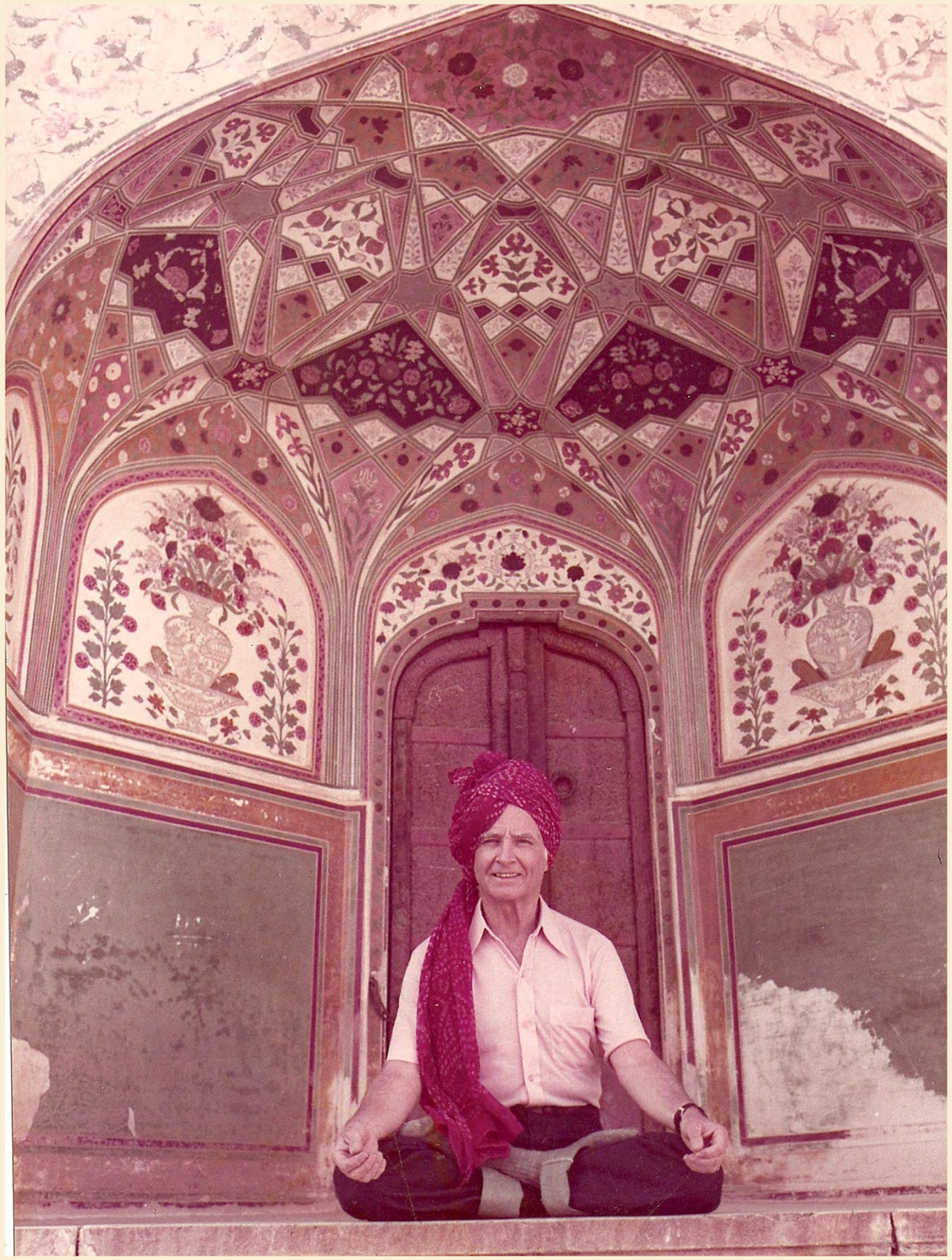
SEQUÊNCIA DIDÁTICA 3
Aula 1
Aula 2
Aula 3
Aula 4

6. Cada grupo deve apresentar aos colegas uma breve descrição dos dados encontrados a respeito das instituições pesquisadas.
7. Encerre a atividade fazendo uma síntese geral, destacando o papel das organizações religiosas na sociedade ao orientar os fiéis na prática de ações concretas de solidariedade e caridade.
8. Guarde as informações conseguidas na pesquisa para serem utilizadas nas próximas aulas.

ENCERRAMENTO

Os valores morais e as ações de solidariedade e compaixão permitiram que a humanidade, em seu desenvolvimento milenar, enfrentasse os desafios para sua sobrevivência. A cooperação entre indivíduos e comunidades, mais do que a concorrência entre eles, é que garantiu nossa permanência neste planeta. Todas as religiões incorporaram, em suas formas de crença, essa dimensão da caridade, da compaixão e da solidariedade. A religião leva os indivíduos não apenas a uma vida contemplativa, mas também à mobilização para a ação no mundo.

Na próxima aula, vamos descobrir como o chamado à compaixão impulsiona pessoas ao serviço ao próximo.



SUMÁRIO
APRESENTAÇÃO
INTRODUÇÃO
CRÉDITOS

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1
Aula 1
Aula 2
Aula 3
Aula 4

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2
Aula 1
Aula 2
Aula 3

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 3
Aula 1
Aula 2
Aula 3
Aula 4

AULA 2

Um chamado à compaixão

A religião encontra na ação prática em favor do próximo a sua dimensão social e comunitária. A fé não se limita à crença, ela desafia o fiel ao compromisso com o próximo. Nesta aula, você e seus alunos vão refletir sobre a compaixão diante do sofrimento humano, a pobreza, a dor, a doença, a morte.

ABERTURA

Para introduzir o tema, perguntar aos alunos sobre experiências de dor pelas quais tenham passado, por exemplo:

- **Quem aqui já viveu uma experiência de sentir dor e precisar de atendimento médico?**
- **Como ter vivido essa experiência faz você compreender outra pessoa que está passando pela mesma situação?**
- **Você costuma ver na sua região pessoas que vivem em situação de rua? Que tipo de sentimento isso causa em você?**

Incentive a participação dos alunos e acolha sentimentos como pena, tristeza, impotência, compaixão etc., que podem surgir desse levantamento introdutório. Agradeça àqueles que compartilharam suas experiências e encaminhe o próximo momento da aula dizendo aos alunos que iremos conhecer histórias de vida de pessoas que, despertadas por sentimentos de compaixão, encontraram em sua fé maneiras de aliviar a dor de quem sofre.

CONHECENDO PESSOAS E SUAS HISTÓRIAS

Organize os alunos ao redor do equipamento de projeção para assistir aos trechos das entrevistas, ou, alternativamente, fazer a leitura desses trechos. Nesse caso, você pode definir três alunos para fazerem a leitura em voz alta, valorizando uma leitura expressiva, pausada e com boa entonação.

Ana Cláudia de Lima Quintana Arantes

VÍDEO 00:46:56

LEIA O QR CODE

R – **Eu decidi virar médica quando era criança, com a minha avó gritando de dor.**

P/1 – Ah, então vamos recuperar esse momento.

R – Minha avó era muito amorosa, muito querida e tal, mas ela tinha muita dor. E, quando ela tinha as crises de dor, e é óbvio que as crises de dor são muito piores nas madrugadas, eu ouvia minha avó pedindo a Deus para morrer.

P/1 – Ela tinha dor de quê?

R – Era uma dor nas feridas das pernas, porque ela tinha insuficiência arterial. E aí, quando você tem... Ela tinha as duas doenças, tanto a venosa como a arterial. Sempre um problema circulatório. Com isso, ela tinha problema cardíaco e um problema periférico. Nesse problema periférico, as lesões, as feridas eram isquêmicas, que davam necrose, e ela teve gangrena da perna e teve que amputar. Pouco tempo depois, uma nova ferida na outra perna; ela amputou a segunda perna. Quando a minha avó amputou as pernas, eu cortei a perna de todas as minhas bonecas. E aí eu montei uma enfermaria. Então, eu cuidava das bonecas, que elas estavam sem dor, e falava pra minha avó, falava assim: “Vó, eu vou ser médica e vou cuidar de você. Você não vai mais ter dor. Olha, elas não têm mais dor”. Aí eu botava as bonecas sentadas e dava aula. Tinha uma lousinha assim em que eu dava aula. Minha avó falava: “Mas você vai ser médica ou professora?”. Eu falava: “Eu vou ser os dois, porque, quando passa a dor, elas querem aprender”.

SUMÁRIO
APRESENTAÇÃO
INTRODUÇÃO
CRÉDITOS

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1
Aula 1
Aula 2
Aula 3
Aula 4

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2
Aula 1
Aula 2
Aula 3

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 3
Aula 1
Aula 2
Aula 3
Aula 4

Padre Júlio Lancellotti

VÍDEO 01:25:05

LEIA O QR CODE

R – **Ah, sim, nós tínhamos várias comunidades,** em vários lugares, mas aí depois a gente entra nisso, na Pastoral de Rua. A Casa Vida foi concomitante, eu já tinha paróquia.

P/1 – Essa paróquia?

R – É. Eu sempre fiquei aqui por dois motivos: nunca nenhum padre quis vir pra cá e nunca nenhuma paróquia me quis, então eu tive que ficar aqui.

P/1 – [risos] E por que ninguém queria vir pra cá?

R – Porque é uma igreja pequena, pobre, cheia de maloqueiros, cheia de pobres em volta. Aqui não rende nada, então nenhum padre queria vir pra cá. E também nenhuma paróquia me quer, porque eu sou um padre maloqueiro, comunista...

[...] O pai da Marina, Eugênio, ficou viúvo no século VI, na Turquia, e quis ser monge, mas ele não sabia o que fazer com a filha. E a filha não queria se separar do pai, tinha perdido a mãe, mas o pai queria ir, para ser monge. Aí o pai não teve outro jeito. Chamou Marina, cortou o cabelo dela, a vestiu de menino e disse: "Agora você é o Marino". E o Marino foi para o mosteiro também. E os monges achavam o Marino com uma pele muito lisinha, uma voz fininha, mas era um monge piedoso, obediente e ficou monge. E, passado o tempo, o pai do Marino morreu, e o Marino continuou monge. Com o passar dos anos, o Marino podia sair, para ir buscar doações na cidade. Numa das saídas, eles ficaram numa hospedaria, porque teve uma tempestade, e a filha do dono da hospedaria logo depois apareceu grávida. Ela não podia dizer quem era o pai, então ela disse: "É aquele monge, mocinho bonitinho, que veio aqui, o Marino". Ela e o pai dela foram no mosteiro denunciar o Marino. E o Marino foi expulso do mosteiro, humilhado publicamente, jogado na rua, teve que assumir a paternidade da criança e não se defendeu. Assumiu a paternidade da criança, cuidou da criança como pai e continuou circulando em volta do mosteiro. Os outros monges diziam: "Perdoa o Marino, o deixe voltar". O abade não deixou e falou: "Se ele quer alguma coisa, ele vai ajudar a fazer os serviços mais penosos para pagar os pecados dele". E aí pôs o Marino para carregar fezes, urina, no século VI, cuidar de fossas, quebrar pedra, cavar o chão; em três anos o Marino, nessa vida, ao relento, morreu. E aí o abade disse: "Está vendo? Morreu cedo, nem pagou o pecado dele, enterra lá no cemitério dos malditos". Quando foram arrumar o corpo pra sepultar, viram que era uma mulher, que não podia ser o pai da criança e que nunca se defendeu. E aí todos... o monge, o abade pediram pra trazer o corpo do Marino, pediram perdão. [O corpo] ficou na capela e o povo começou a venerar. Por isso ela é a padroeira dos difamados, injuriados, caluniados e perseguidos. Ela é minha padroeira. E a Escola de Costura para as Mulheres Trans é dedicada a ela também. A ela e à Santa Paulina.

Alexandre Caldini

VÍDEO 01:05:55

LEIA O QR CODE

Eu escrevi um livro sobre a morte chamado *A morte na visão do espiritismo*. Por que eu escrevi esse livro? Já era espírita de longa data; esse livro tem acho que 10, 12 anos agora. Um dia, uma colega de trabalho, uma jornalista da Abril, o filho, comemorando que passou o vestibular, bateu o carro e morreu. E, obviamente, ela ficou muito chocada, traumatizada; o pai também. Eu fui na missa de sétimo dia do menino e vi a mãe sofrendo muitíssimo. Aí eu pensei "Poxa, podia escrever um livro que tentasse explicar, na visão do espiritismo, para não espíritas sobretudo, mas também para espíritas, o que é a morte". A pessoa pode aceitar aquela visão ou não, mas este pessoal, que é espírita, entende a morte desse jeito. Se isso te ajudar, tá bom. Aí comecei a escrever o livro… não ficou bom. Dei uma parada, passa mais um tempo, eu ligo pra um amigo pra falar com ele, um empresário aqui de São

SUMÁRIO
APRESENTAÇÃO
INTRODUÇÃO
CRÉDITOS

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1
Aula 1
Aula 2
Aula 3
Aula 4

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2
Aula 1
Aula 2
Aula 3

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 3
Aula 1
Aula 2
Aula 3
Aula 4

Paulo. E a mulher dele (é o segundo casamento dele) é muito minha amiga também. Ela falou: "Ai, cê ligou na hora certa". Havia acabado de falecer a primeira esposa desse meu amigo, numa morte meio estranha, não se sabe bem o que aconteceu e tal. E eles estavam, claro, também chocados. E do primeiro casamento, meu amigo tinha uma menina, que na época tinha 14 anos, Maria. Eu disse a eles: "Olha, se quiserem trazer a Maria aqui em casa, eu converso com ela sobre como o espiritismo entende a morte, pra tentar ajudar esse momento tão duro em que a sua mãe morreu, menina de 14 anos, de um jeito trágico". Eles trouxeram a Maria, não são espíritas, e eu conversei com a Maria por uns 50 minutos, respondi três, quatro perguntas que ela tinha, expliquei um pouquinho, e ficou por isso. Isso foi no Natal de 2012. Entre o Natal e o ano-novo eu falei: já sei, vou retomar o livro, vou escrever o livro como se fosse uma conversa que eu tive com a Maria, uma conversa que de fato existiu, mas a minha conversa com ela foi desse tamanho, eu expandi a conversa tentando imaginar tudo que as pessoas gostariam de saber sobre a morte, na visão do espiritismo. O que acontece com a gente, por que a gente morre, a gente sofre ou não sofre, ir no aborto, ir no suicídio, no homicídio, tudo. Preciso ir para o cemitério ou não, rezo ou não rezo, como é que eu rezo, pode ser cremado ou não pode, todas essas coisas. Mais uma vez, sempre na visão do espiritismo. Escrevi esse livro que deu supercerto e está aí.

CONVERSANDO A RESPEITO

Depois de ouvir os trechos das histórias de vida dos entrevistados, proponha uma conversa, problematizando algumas questões, por exemplo:

- Como você define o termo "compaixão"?
- Nos trechos das entrevistas citados, que experiências as pessoas vivenciaram que despertaram compaixão? Essas experiências estavam relacionadas à tradição religiosa da pessoa?
- Diferentes situações, como tragédias naturais, doenças, morte, pobreza, desigualdade etc., podem despertar sentimento de compaixão. Quais as situações que você conseguiu identificar nas entrevistas que também sensibilizam você? Que outras situações tocam suas emoções gerando compaixão?
- Que caminhos as pessoas entrevistadas encontraram para lidar com esses sentimentos?
- Você conseguiu perceber nas entrevistas como a fé pessoal mobilizou essas pessoas a agirem em favor de quem passa por situações de sofrimento?
- Você já se envolveu em alguma obra assistencial? O que motivou suas ações?

QUESTIONÁRIO "TRABALHO COMO COMPAIXÃO"

SUGESTÃO DE ATIVIDADE

OBJETIVO

Realizar breves entrevistas com funcionários e colaboradores da escola sobre a relação entre solidariedade e o trabalho na instituição escolar.

DESENVOLVIMENTO

1. Proponha aos alunos a realização de breves entrevistas aos funcionários da escola.
2. Elabore um roteiro de perguntas com os alunos. Veja algumas sugestões no quadro abaixo.
3. Defina o método de coleta das respostas, se por gravação de áudio, por registro escrito, por questionário virtual etc. Defina como serão registradas as respostas.
4. Determine a data para realização das entrevistas e convide as pessoas para participarem do projeto. Defina se as respostas serão anônimas ou identificadas.

SUMÁRIO
APRESENTAÇÃO
INTRODUÇÃO
CRÉDITOS

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1
Aula 1
Aula 2
Aula 3
Aula 4

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2
Aula 1
Aula 2
Aula 3

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 3
Aula 1
Aula 2
Aula 3
Aula 4

5 Apresente os resultados para a turma, identificando nas respostas coletadas aquelas que demonstraram uma ligação entre religião e solidariedade e a prática da compaixão motivada pela tradição religiosa.

Questionário: Profissão e compaixão

Como você iniciou sua trajetória profissional?
.....

Que situações trouxeram você a trabalhar em uma instituição escolar?

a. Necessidade financeira
b. Facilidade em lidar com pessoas
c. Prazer e habilidade para ensinar
d. Desejo de contribuir para a sociedade
e. A necessidade de educar as novas gerações
f. Atender a um propósito maior, uma missão de vida
g. Outro .....

Você vê alguma relação entre o seu trabalho na escola e a sua fé, religião ou filosofia de vida?.....

ENCERRAMENTO

A compaixão e a solidariedade com o próximo é o ponto de convergência entre as diferentes religiões. É na ação voltada para os mais vulneráveis que as religiões tornam visível aquilo em que creem.

Na próxima aula veremos como as ações de solidariedade e a atenção ao próximo se tornam o caminho para a construção de uma razão para viver.

SUMÁRIO
APRESENTAÇÃO
INTRODUÇÃO
CRÉDITOS

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1
Aula 1
Aula 2
Aula 3
Aula 4

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2
Aula 1
Aula 2
Aula 3

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 3
Aula 1
Aula 2
Aula 3
Aula 4

AULA 3

Encontrar uma razão para viver

O sentido da vida é algo que se constrói pessoalmente ou coletivamente. A construção desse sentido passa por uma percepção de missão que, muitas vezes, tem suas bases em uma crença ou uma fé religiosa. O serviço aos mais vulneráveis tem o potencial de levar aqueles que o praticam a uma percepção mais ampla, abrangente e inclusiva para as razões de viver. Nesta aula, você e seus alunos vão refletir sobre o sentido da vida por meio do serviço ao outro e seus efeitos na vida de quem o pratica.

ABERTURA

Com antecedência, prepare imagens do cérebro feitas por ressonância magnética mostrando as áreas ativadas pelo sistema de recompensa.

Inicie a aula perguntando aos alunos:

> Há mais felicidade em dar do que em receber.

- Você concorda com essa afirmação?

Acolha as opiniões incentivando a participação dos alunos, observando que a afirmação é citada na Bíblia, em Atos 20:35.

Em seguida, mostre aos alunos as imagens que você preparou e incentive a troca de ideias, perguntando, por exemplo:

- Você sabia que existem estudos científicos que analisam a atividade cerebral desencadeada por ações altruístas, como a prática da doação?

Informe aos alunos que Jorge Moll, um neurocientista brasileiro, analisou como o cérebro humano se comporta ao realizar atos de generosidade. Diversos neurocientistas, por meio de imagens do cérebro feitas por ressonância magnética, se dedicam a pesquisar as áreas ativadas diante de decisões relacionadas à generosidade. Jorge Moll, pesquisador do Instituto D'Or de Pesquisa e Ensino é conhecido por suas pesquisas que mapeiam o comportamento do cérebro humano ao realizar atos de generosidade. As pesquisas mostram que, ao fazer o bem a alguém, o cérebro libera substâncias que provocam a sensação de alegria e bem-estar.

Mais informações sobre Jorge Moll estão disponíveis em: <**https://www.rededorsaoluiz.com.br/instituto/idor/post_scientists/jorge-moll/**>; acesso em 18 abr. 2025.

O artigo de Jorge Moll sobre a pesquisa *Human front-mesolimbic networks guide decisions about charitable donation*, de 17 out. 2006, está disponível em: <**https://www.pnas.org/doi/abs/10.1073/pnas.0604475103**>; Acesso em 25 abr. 2025.

CONHECENDO PESSOAS E SUAS HISTÓRIAS

Organize os alunos ao redor do equipamento de projeção para assistir aos trechos das entrevistas, ou, alternativamente, fazer a leitura desses trechos. Nesse caso, você pode definir três alunos para fazerem a leitura em voz alta, valorizando uma leitura expressiva, pausada e com boa entonação.

SUMÁRIO
APRESENTAÇÃO
INTRODUÇÃO
CRÉDITOS

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1
Aula 1
Aula 2
Aula 3
Aula 4

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2
Aula 1
Aula 2
Aula 3

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 3
Aula 1
Aula 2
Aula 3
Aula 4

Nilton Bonder

VÍDEO 01:19:17

LEIA O QR CODE

Na época, quando eu voltei ao Brasil, comecei a me envolver mais com as questões mais sociais do Brasil e fui pra uma ONG que se chamava Iser, que é Instituto Superior de Estudos da Religião, que depois meio que deu origem ao Viva Rio. Na época era o Rubens César Fernandes, e ali era um reduto de intelectuais; aquilo era um reduto de resistência à Ditadura, nos anos finais dos anos 1970, 1980. Eu me envolvi muito com eles, me tornei até presidente do Iser duas vezes, e comecei a me envolver na época com a Mãe Beata, que era a líder espiritual da Baixada Fluminense. Ela era, digamos assim, a representante máxima das religiões afro-brasileiras, e eles estavam começando naquele período a sofrer a guerra religiosa que se empreendeu contra os terreiros e tudo o mais... Então, lá no Iser, a gente dava muita força, tentava ajudar muito a Mãe Beata e todas as religiões de matriz afro. Na época levei inclusive esse rabino pra conhecer a Mãe Beata; ele queria muito conhecê-la, queria conhecer muito a espiritualidade da Terra, do Brasil e tudo o mais. E foi uma coisa muito linda, porque ele chega lá no dia e está trovejando; ela pede pra ele abençoá-la; ele abençoa e sai uma foto no jornal *O Dia*, que era o grande jornal popular da época, com a manchete "Axé Rabi". E isso teve uma... assim, era uma foto linda, porque era uma foto que fazia os judeus, que pareciam sempre muito isolados, tão longe, sempre ali ensimesmados com a sua própria comunidade, de repente era uma foto que tinha um rabino abençoando a mãe de santo, e era uma foto linda. Mas a comunidade judaica viu isso de maneira péssima. E esse meu envolvimento com o rabino Zalman, que eu trouxe pro Brasil, inicialmente no primeiro trabalho que eu tive no Brasil, que era na única sinagoga não ortodoxa que tinha no Rio, aquilo foi um pouco demais pra sinagoga, o que me levou, contudo diplomaticamente, à minha segunda dispensa. Primeiro tinha sido dispensado lá do colégio e a segunda dispensa da sinagoga, porque a sinagoga achava que era tudo um pouco demais...

P/1 – A sinagoga em que você era rabino?

R – Em que eu era rabino já, eu era rabino... E é como eu venho a fundar aqui a CJB. Eu só tinha duas escolhas: ou eu ia embora, porque não tinha nenhum outro lugar em que eu pudesse funcionar como o rabino liberal, ou fundar uma sinagoga. E, na época, a Barra da Tijuca estava se expandindo, não tinha nenhuma entidade judaica aqui na Barra da Tijuca, e minha ideia era criar um centro comunitário que tivesse uma escola, que tivesse uma sinagoga, teria até uma parte recreativa e tudo o mais. E assim meio que nasceu esse movimento que acabou criando essa que é a CJB, Congregação Judaica do Brasil, que teve uma história, cresceu, se transformou numa entidade bastante forte, depois se multiplicou. A gente teve a construção de uma área cultural, que é o Midrash; a gente fundou um novo cemitério pra atender principalmente as famílias que são de casamentos mistos, que na tradição judaica os cemitérios judaicos são só exclusivamente para os judeus, então, na época, eu tinha muito medo de que, havendo um número de casamentos entre tradições diferentes, como é que seria isso no futuro? As pessoas iam morrer, cada um ia viver vinte, quarenta anos juntos, depois cada um ia ser enterrado num cemitério separado? Então, a gente fez um cemitério que tinha uma parte contígua, onde as pessoas afins pudessem ser enterradas. A gente fez todo um projeto pra poder trazer a tradição judaica para outro patamar de atendimento às pessoas, mas sempre com esse lugar... Pra mim é muito importante a tradição; as origens, as raízes, a força está ali. Então, fazer essa ponte entre o novo e o moderno, o que acolhe, e também com a visão do passado, sempre foi muito importante pra mim.

SUMÁRIO
APRESENTAÇÃO
INTRODUÇÃO
CRÉDITOS

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1
Aula 1
Aula 2
Aula 3
Aula 4

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2
Aula 1
Aula 2
Aula 3

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 3
Aula 1
Aula 2
Aula 3
Aula 4

Maga Clara

VÍDEO 01:17:43

LEIA O QR CODE

Estando forte, você vai colocar em ordem tudo o que você é, tudo que você sente; cada coisa tem um lugar. Você estando forte e ordenado, vai poder direcionar os seus sentimentos, as suas emoções para algo útil nos seus dias e no coletivo. Então, forte, ordenado e direcionado você começa a se amar do jeito que você é, do jeito que você sabe ser. Forte, ordenado, direcionado e amoroso, você fica mais sereno para manter o equilíbrio na sua vida em todas as áreas. E eu criei esse método com todo esse embasamento de conhecimento que eu fui buscar, depois que aconteceu esse episódio com a minha família. Então eu fui estudar a doença mental, fui estudar neuropsiquiatria, neurobiologia, para compreender o funcionamento hidráulico químico, mecânico, sistêmico desse organismo que nós somos. E aí busquei junto a Freud, Jung, inúmeros outros nomes da psicologia e da psiquiatria, peguei as dinâmicas que funcionaram para minha pessoa e criei este método de terapia chamado FODASE. Num vai me perguntar por que o palavrão? Todo mundo me pergunta isso, principalmente os amigos que me convidam pra fazer palestra em centro espírita, eles querem que eu vá conversar, mas eles não querem que eu fale que o nome do meu trabalho é FODASE. O FODASE, ele faz parte da minha vida, o palavrão foda-se, pois, quando eu não sabia lidar com as minhas emoções, o que acontecia comigo é que eu tacava um foda-se. Ah, não estava indo legal nesse trabalho? Foda-se! Vou arrumar outro trabalho para me realizar. Ah, esse namoro não tá legal? Foda-se! Vou arrumar outro namorado pra dar certo. Tudo na minha vida era foda-se. Não tá funcionando? Foda-se, eu vou fazer outra coisa da minha história. E o palavrão faz parte do meu sistema familiar, sabe? Todo mundo falava muito palavrão na minha família, e aí, na hora que eu compreendo um pouco melhor como eu funciono na minha trajetória, não vou abandonar tudo que faz parte de mim. Eu adoro o foda-se. Então eu falei: tá, mas agora, no mundo terapêutico, de acolhimento, de olhar pra gente – se bem que eu sou terapeuta de choque, não sou muito acolhedora, sou mais do choque –, eu falei, não, eu não vou viver sem falar o foda-se, essa não sou eu. Aí eu tornei o foda-se essa "sigla", e pra cada letrinha do FODASE tem dinâmicas pra serem realizadas e pra perceber o que você anda fazendo com a sua experiência aqui.

P – E como foi que se deu esse ato de criar uma técnica, um método? Como que você falou, ah, eu vou sistematizar isso dessa maneira ou como foi a inspiração que você teve?

R – Foi nisso, assim... Porque tudo é muito combatido, né? O trabalho do Bert Hellinger, o constelador sistêmico, é extremamente rebatido e criticado por inúmeras pessoas, e ele viveu toda aquela trajetória que o levou àquela percepção. Jung, como aluno do Freud, teve todo aquele [inaudível] de conhecimento do mestre dele, só que, além daquilo que recebeu, ele percebeu, por experiências dele, que havia outras coisas ali, como o inconsciente coletivo, como os campos morfogenéticos, transmissão celular de informação, de geração a geração, e aí não dava para ele levar na psicanálise o trabalho do Freud, porque ele tinha o dele com tudo que ele foi abarcando. Assim eu me sinto… Com todo o conhecimento que eu fui buscar, com tudo que estudei, eu coloquei a mim mesma, o que eu vivi, o que eu vi frequentando nesses últimos quinze anos não manicômios, mas as internações, os inúmeros contatos com pessoas que têm uma percepção totalmente diferenciada do que a gente tem do que seria a realidade. E aí é um trabalho meu: eu senti, eu fiz, eu criei. Quem me procura sente efeitos válidos dentro de si na experiência do dia a dia, então eu me sinto, assim, também pioneira nessa área terapêutica com o meu método.

Monja Coen

VÍDEO 02:39:04

LEIA O QR CODE

Casamos e ficamos trabalhando no templo de um amigo dele. Alugamos uma casinha muito pobrezinha, um barraquinho, fomos os dois morar no "amor, uma cabana e nada mais". Fomos morar no nosso barraquinho, muito simplesinho, pobre mesmo. Já foi tirado, era uma favelinha. Moramos nessa favelinha, fomos trabalhar no templo do amigo dele que emprestava o carro. Não tínhamos nada. Ele largou tudo – ele realmente tinha uma carreira brilhante e largou tudo. Eu trabalhava em um templo perto do Monte Fuji, que era um templo que foi construído, eu estive lá na construção desse templo, pelo irmão mais novo do meu mestre, e eu era a responsável por esse templo. Eu também tinha uma carreira brilhante acontecendo ali. A ideia era que eu ficasse no Japão e recebesse estrangeiros que viessem praticar no Japão, que quisessem ser monges ou fossem treinar. Então, eu tinha um futuro brilhante, eu também, e a gente largou tudo isso e fomos morar no amor, uma cabana e nada mais. Sem nada. Com as roupinhas. Fazíamos as meditações juntos, namorávamos, brigávamos, casalzinho novo.
[...]

VÍDEO 02:41:32

Ele acha que seria extremamente fascinante trazer o budismo para um país que tem muitos poucos budistas. E eu falo: "Por que a gente não fica? O Japão é tão bom. No Japão os monges são respeitados, têm um nível de vida muito bom". Tudo extremamente agradável. Ter um templo no Japão que pudesse acolher os estrangeiros seria uma ideia boa, havia possibilidades disso, mas ele insiste muito: "Vamos tentar o Brasil, vamos tentar o Brasil". Então, juntamos dinheiro pra comprar um templo, os instrumentos pequenos, não muito grande, mas compramos tudo pra poder vir ao Brasil e montar um templo. Falamos com a nossa sede administrativa, eles concordaram, e aqui no Brasil, o monge que veio para o Brasil, ele reconstruiu a sede no bairro da Liberdade e havia possibilidade de a gente vir trabalhar aqui também. [...]

VÍDEO 02:43:46

Assim, viemos pra cá. O templo é colocado em nossas mãos, e tudo aquilo que aprendemos no mosteiro, de não discriminação, a nova maneira de tratar o budismo, de tratar a comunidade, que bênção, caiu na nossa mão do céu, vamos pôr em prática. Nós mudamos muitas coisas na comunidade, detalhes pequenos, mas que são de grande importância dentro da ordem e da visão do mundo de equidade, de não diferenciação por dinheiro; alguém vai lá e compra um título de morto, por exemplo, não tem cabimento. Nós acabamos com tudo isso e democratizamos o zen-budismo aqui no Brasil com a nossa chegada. E trabalhávamos muito, porque o templo era muito grande. Acordava cedo, fazia a meditação, limpava o chão inteirinho, todos os altares, era uma delícia. Aparece um primeiro aluno, uma pessoa dizendo: "Eu quero me tornar monge". Eu falei: "Vamos ver, eu estou aqui. Venha". Ele começou a vir todos os dias e se torna monge. Começam a ter missas memoriais. E, de repente, eles pedem que eu faça. Agora, o que aconteceu quando eu cheguei? Havia alguns monges mais velhos que trabalhavam no templo e, quando eu cheguei, eles queriam oficiar a cerimônia e que eu fosse a atendente deles. E este meu marido diz: "Não, nós somos atendentes dela". E isso foi outro drama, porque eles não queriam, eles não engoliam isso. E a mulher desse monge dizia: "Este não é um templo para mulheres, esse é um templo de homens. Homens é que devem cuidar desse templo". Então, nós batemos de novo com a discriminação. "Como vamos lidar com isso?" E ele tinha feito esse mesmo curso comigo, então, estava muito forte isso; onde ele ia, dizia: "Gaijin não é ela, somos nós. Nós não somos brasileiros, isso aqui é o Brasil. E ela tem qualificação e vocês não têm. E vocês vão levar o incenso pra ela". Foi uma coisa meio desagradável, porque eu não faria isso, eu não chego e digo: "Agora sou eu quem mando". Não dá, não funciona. E ele quebrou todo esse gelo. E, na colônia japonesa, ele me fazia oficiar todas as missas. E começou a aumentar o número de missas no templo, porque foi reconstruído, era agradável. Começou a

vir tanta gente, tanta gente, que eu saía arriada no fim do dia de tantas missas que fazia. E as pessoas pediam que eu fizesse. Por quê? Porque os avós, as *batchan*, os *ditchan*, não falam português. E os netos não falam japonês. E eu falo japonês e português. Então, eles queriam que eu fizesse as missas, porque eu podia rezar em japonês, falar pra eles em japonês, e falar para os netos em português. Então, aquilo encheu de gente, foi uma coisa extraordinária.

CONVERSANDO A RESPEITO

Depois de ouvir os trechos das histórias de vida dos entrevistados, proponha uma conversa, problematizando algumas questões, por exemplo:

- Foi possível perceber nos relatos dos entrevistados um equilíbrio entre uma vida contemplativa, de devoção e introspecção, e uma vida ativa, de serviço ao próximo? Aponte os lugares onde você percebeu essa interação.
- Como a religião pode ser vista como uma vida de serviço ao próximo nas histórias de vida dessas pessoas?
- Que experiências no decorrer da vida dessas pessoas as capacitaram a exercer suas atividades?
- Que contrariedades, obstáculos ou pressões sofreram essas pessoas para realizar o serviço para o qual se sentiram chamadas ou vocacionadas? Que recompensa obtiveram?

SUGESTÃO DE ATIVIDADE

COMPARTILHANDO HISTÓRIAS DE GENEROSIDADE

OBJETIVO

Oferecer aos colegas de turma histórias de experiências em que viveram generosidade e relatar as sensações provocadas por essa ação de generosidade.

DESENVOLVIMENTO

- Inicie a atividade perguntando aos alunos: você já realizou atos de generosidade? Como se sentiu? Peça que os alunos fechem os olhos e respirem profundamente, trazendo à memória experiências em que tenham praticado ou recebido ações de generosidade. Permita que os alunos tenham alguns minutos relembrando esses momentos e revivendo as emoções trazidas pelo encontro com o outro e os elementos que sensibilizaram suas ações.
- Forme uma roda para serem compartilhadas essas histórias com os colegas.
- Defina um limite de tempo para cada depoimento, de forma que todos os que desejarem possam participar.
- Destaque, nas histórias, a ideia do significado de generosidade para cada um nos elementos que foram relatados em cada história.
- Encerre a atividade com aplausos, destacando que a própria partilha das histórias é um ato de generosidade.
- Sugira aos alunos que escrevam suas histórias e, continuando com a generosidade desencadeada por elas, compartilhem na plataforma do Conte Sua História.

ENCERRAMENTO

O sentido da vida ou, se preferir, as razões para viver são algo que se constrói a partir de relações com o próximo. A ampliação do olhar para as condições de vida dos mais vulneráveis nos ensina a pôr nossa própria vida em perspectiva.

Na próxima aula, veremos o que as religiões podem oferecer àqueles que sofrem.

SUMÁRIO
APRESENTAÇÃO
INTRODUÇÃO
CRÉDITOS

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1
Aula 1
Aula 2
Aula 3
Aula 4

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2
Aula 1
Aula 2
Aula 3

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 3
Aula 1
Aula 2
Aula 3
Aula 4

AULA 4

Curando o corpo e a alma

Doenças, dores e sofrimento impactam não somente o corpo, mas também a alma das pessoas. Se a medicação atende a um aspecto do problema, a religião pode concorrer para a cura da alma. Nesta aula, você e seus alunos vão analisar a busca religiosa pela cura do corpo e pelo conforto diante da dura realidade do sofrimento e da morte.

ABERTURA

Para introduzir o tema, prepare com antecedência imagens de diferentes espécies animais e o tempo de vida de cada um deles. Sugerimos:

Mamíferos	Cachorro, gato, leão	12 a 18 anos
	Cavalo, mula	25 a 30 anos
	Gorila	35 a 40 anos
	Hipopótamo	40 a 50 anos
	Rato, *hamster*	2 a 3 anos
Aves	Avestruz	40 a 50 anos
	Papagaio	50 a 70 anos
	Galinha	5 a 10 anos
	Beija-flor, pomba	3 a 5 anos
	Pinguim, coruja	20 a 25 anos
Insetos	Mosca	50 dias
	Abelha	4 a 5 meses
	Formiga	1 ano
	Pernilongo fêmea	30 dias
	Pernilongo macho	8 dias

- Você sabia que existem árvores que vivem milhares de anos? O pinheiro-da-califórnia, por exemplo, é considerado a árvore mais antiga do mundo, com idade estimada em mais de 4,8 mil anos.
- No Brasil, uma das árvores mais antigas é um jequitibá-rosa, que está localizado em Santa Rita do Passa Quatro, em Minas Gerais, com idade estimada em 600 anos.
- Qual a idade da pessoa mais idosa que você conhece?

Pinheiro-da-califórnia. dalvenjah | Flickr

Jequitibá-rosa. Antonio José Maia Guimarães | Wikipedia

Acolha as opiniões incentivando a participação dos alunos e observando que a morte é uma realidade para todos os seres vivos. No entanto, enfrentar as dores do corpo e da alma nem sempre é tão natural quando nos defrontamos com elas. Depois de fazer esse levantamento de ideias, diga aos alunos que, nos trechos das entrevistas a seguir, veremos como essas pessoas lidaram com situações-limite e que papel a religião representou em suas trajetórias de vida.

CONHECENDO PESSOAS E SUAS HISTÓRIAS

Organize os alunos ao redor do equipamento de projeção para assistir aos trechos das entrevistas, ou, alternativamente, fazer a leitura desses trechos. Nesse caso, você pode definir três alunos para fazerem a leitura em voz alta, valorizando uma leitura expressiva, pausada e com boa entonação.

Pastor Henrique Vieira

Mas eu tenho um certo trauma com a cultura médica e tenho um certo trauma com a cultura hospitalar. Demorou pouco tempo pra não só o meu nervo estar inflamado, mas a minha alma estar ferida, e não apenas pela contingência da vida, mas por causa da frieza, da dureza, da antipatia de um ambiente hospitalar. Eu virei um nervo, eu era um menino angustiadíssimo, desesperado, com uma ansiedade enorme: “Eu perco ou não perco a minha visão? O que eu tenho é grave ou é tranquilo?”. Eu só queria encontrar os meus amigos ou dormir na casa da minha avó, mas, ali, eu era um nervo ambulante... nervo óptico, isso que eu quero dizer, assim...

VÍDEO 00:14:44

SUMÁRIO
APRESENTAÇÃO
INTRODUÇÃO
CRÉDITOS

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1
Aula 1
Aula 2
Aula 3
Aula 4

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2
Aula 1
Aula 2
Aula 3

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 3
Aula 1
Aula 2
Aula 3
Aula 4

LEIA O QR CODE

Você vira uma peça de uma engrenagem, o hospital... Eu espero muito que daqui a um tempo a humanidade olhe para trás e diga: “Nossa! É assim que eles cuidavam das pessoas?”, porque eu acho uma cultura... Não estou aqui falando de um médico ou de outro médico, não é uma questão de individualidade, é de lógica. A lógica hospitalar é fria e muitas vezes violenta, enfim... Então, os primeiros dias foram horríveis pra mim, horríveis. Porque eu era jogado de um lado para o outro, e eles usavam termos que eu não entendia, tinham pouco tato com a minha dor e, às vezes, pouca paciência com o meu sofrimento. Mas é complexo, porque era necessário fazer exame, era necessário começar a pulsoterapia, que é o corticoide na veia. Então, eu tenho essa relação ambígua, né? De valorizar o conhecimento, mas questionar a cultura médica e a cultura hospitalar. Acho muito desumano, falta sensibilidade naquele espaço. Os primeiros dias foram horríveis, até porque os exames eram inconclusivos, ninguém entendia o que tava acontecendo, por que o meu nervo estava inflamando e minha visão regredindo; então ainda tinha essa dúvida sobre qual era a causa. E, além da dúvida, da cultura hospitalar, um outro dado é que a minha visão continuava piorando. Eu saio do hospital enxergando menos do que quando eu entrei. Tenho alta porque não tinha mais o que fazer, tinha que continuar acompanhando, mas objetivamente eu estava enxergando menos. Tudo muito turvo, embaçado, não reconhecendo mais as pessoas, não andando sozinho, não lendo, não escrevendo... Dias muito difíceis. Depois continuou sendo difícil, mas eu fui ganhando corpo e força para entender a situação e dar seguimento à vida. Fé! Interessante, Deus nunca foi para mim uma solução imediata para problemas complexos. Essa intuição sempre esteve no meu coração, depois com reflexões bíblicas e teológicas eu vou elaborando melhor essa questão, sofrimento humano e Deus. Mas nunca foi para mim, tipo assim: Deus significa anestesia ou Deus significa proteção prévia. Então, nesse sentido, não foi uma questão pra mim. Não me senti, assim, abandonado por Deus. Eu chorava muito no colo de Deus. Isso sempre foi muito tranquilo pra mim, perguntar a Deus o porquê das coisas, não ter nenhuma resposta e continuar crendo, e continuar ali. Eu brigo, eu brigo com Deus, mas, entende?, é com Deus. Então eu brigo com Deus e, ao brigar com Deus, eu tô reafirmando Deus na minha vida. Eu chorava no colo de Deus a minha inquietude diante da minha própria condição, mas não buscando exatamente uma solução imediata, apenas lamentando com Deus essa imprevisibilidade que constitui a vida. Depois eu li de uma teóloga, Dorothy Stang, que a presença de Deus nunca é observadora, é sempre alegria de Deus ou dor de Deus. Então, resumindo, eu não pensava em Deus como alguém que observava a minha dor, eu pensava em Deus como alguém que sentia a minha dor, gemia comigo e participava comigo da minha condição. Por isso a minha fé não se perdeu; talvez ela tenha se aprofundado quando a imprevisibilidade constitutiva da vida se materializou em mim, no meu nervo e no meu corpo.

R – **Assim, eu aprendi uma coisa muito forte.** Eu aprendi uma coisa que as pessoas, quando morrem, elas não desaparecem. Elas podem vir, elas podem falar conosco, elas podem estar presentes no nosso dia a dia. E eu tinha algumas diferenças com a minha mãe, com muito amor, tanto da parte dela quanto da minha, mas eu sou uma pessoa voluntariosa, talvez a independência que eu tive que ter desde pequena, tudo. E a minha mãe era uma pessoa muito geniosa, uma mulher de Áries, uma mulher de Oxalá, com Iansã, então ela tinha um poder meio forte. E, quando a minha mãe ia falecer, a gente correu muito para tentar evitar a morte dela. Existe fazer uma limpeza, fazer um ebó, uma oferenda. Então, para o meu filho mais velho, o Pai Carlito, de Oxumarê, a minha mãe sempre pedia: “Carlito, a morte quer me levar, mas eu não quero ir agora”. Então, ele corria para fazer uma coisa, fazer outra coisa para

Carmen de Mello Cordeiro (Mãe Carmen de Oxum)

VÍDEO 00:07:27

SUMÁRIO
APRESENTAÇÃO
INTRODUÇÃO
CRÉDITOS

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1
Aula 1
Aula 2
Aula 3
Aula 4

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2
Aula 1
Aula 2
Aula 3

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 3
Aula 1
Aula 2
Aula 3
Aula 4

LEIA O QR CODE

a gente evitar a morte dela. No dia em que ela se foi, eu senti mesmo que isso ia acontecer. A gente tinha conversado meio áspero e tudo, mas no mesmo dia eu falei com ela: “Querida, está tudo bem”. Ela falava: “Sim, está tudo bem, minha filha”. Então, no outro dia de manhã, eu levantei cedo, saí, fui comprar uns materiais na rua e também comprei um peixe. Achei um peixe bonito, uma corvina, um peixe muito bonito, e falei para o meu outro filho, o Cláudio: “Filho, eu vou levar um peixe para fazer para a tua avó, porque ela gosta muito de comer peixe”. E peguei aquele peixe, mandei cuidar do peixe, tudo para fazer. Cheguei em casa, ela ainda estava dormindo, preparei o peixe, tudo para ela, e senti falta dela acordar. Ela estava demorando para acordar. Daí eu peguei e falei assim, da cozinha, que era grudada no quarto dela, porque ela morava aqui comigo, o quarto dela era aqui e a cozinha aqui. Então, eu falei assim: “Mãe, acorda, já está tarde, querida, você tem que acordar, a senhora não tomou café, a senhora vai almoçar. Tomar um banho, almoçar, eu estou fazendo um peixe para você”, falei para ela. Ela não me respondeu. Então chamei de novo, e ela não me respondeu mais uma vez. Fiquei um pouco angustiada, porque era tarde, era mais de meio-dia. Saí da cozinha, fui até a porta. Cheguei na porta e peguei e falei: “Mãe”. Ela muito quieta, deitada na cama. “Mãe!” Aí eu olhei pra ela, vi um risquinho, aqui assim, nela, roxo. Um fio de linha. Eu achei aquilo muito estranho. Aí eu cheguei, falei, cheguei perto dela, falei: “Mãe! Mãe, acorda, mãe!”. Aí ela não se mexeu. Então comecei a gritar muito. Comecei a gritar “Mãe, mãe!” Gritando, gritando, gritando e aí todo mundo escutou. Aqui tinha muita gente nesse dia, e a minha mãe tinha falecido dormindo. Então foi uma coisa muito forte que aconteceu na minha vida de eu tê-la encontrado. E isso abalou muito, muito mesmo, todos nós. Uma das coisas muito fortes que eu disse, que eu sei que existe, é que a gente vai estar junto depois da morte, porque um dia eu estava dormindo e tive um sonho, foi uma visão. Ela chegava na minha casa, toda de branco, chegava e na casa tinha algumas pessoas. Ela vinha também com algumas pessoas. Aí eu falava assim pra ela: “Mãe, que maravilha que a senhora chegou, eu estava com muitas saudades da senhora. Estou muito contente que a senhora chegou”. Aí ela me dizia, ela olhava assim pra mim e não me falava nada. Ela olhou assim pra mim. Aí eu falei: “Meu Deus, e agora? Ela vai ver que eu desmontei o quarto dela. Ela vai ficar triste que eu tirei as coisas dela do quarto, que eu esvaziei o quarto”. Aí ela olhou pra mim, fez uma cara séria, como era do hábito dela. Aí ela... a roupa dela escureceu um pouco, virou uma roupa cinza, e ela entrou dentro do quarto. Ela entrou, ficou desse lado e eu fiquei desse lado. Dentro desse meio, essa distância entre ela e eu, tinha um espaço como se fosse uma cova, um espaço como se fosse uma cova, e em volta desse espaço tinha uma erva que, antigamente - eu digo antigamente porque eu sou de antigamente -, tinha umas maçãzinhas vermelhas, uma frutinha que eram umas maçãzinhas vermelhas. E, quando eu era pequena, eu comia essa maçãzinha. Eu sempre comia coisas estranhas. Aí tinha essa frutinha e eu percebi que ela entrou nesse buraco. Eu fiquei apavorada. Falei: “Não, mãe, não vai agora, querida. Não vai agora, fica mais um pouco. Eu senti muita falta da senhora”. Aí ela olhou assim pra mim. Ficou olhando assim, como se ela levasse um choque de eu estar falando assim para ela. Aí ela fez assim, ela arrancou um pouco daquela fruta, que eram bem pequenininhas, da folha, aí ela jogou assim para mim e eu peguei. Aí ela falou para mim: “Filha, eu te amo”. E eu disse para ela: “Eu também”. Quando eu acordei de manhã, eu estava com aquela... Eu acordei com a mão assim, como se eu

SUMÁRIO
APRESENTAÇÃO
INTRODUÇÃO
CRÉDITOS

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1
Aula 1
Aula 2
Aula 3
Aula 4

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2
Aula 1
Aula 2
Aula 3

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 3
Aula 1
Aula 2
Aula 3
Aula 4

estivesse com aquela... como se eu tivesse pego de verdade aquilo. Eu acredito que isso foi uma das coisas que me ensinaram a entender que, dentro da nossa religião, o corpo fica na terra, mas o espírito, a alma, a essência vai para um lugar onde nós vamos nos ver e nos encontrar muitas vezes. Então, todas as vezes que estou precisando muito falar com a minha mãe, eu falo com ela. E é como ela fazia com a mãe dela também. Porque a mãe dela se chamava Carmen, como eu. Então, ela agradava muito a mãe dela. Ela conversava com a mãe dela e eu, até hoje, converso com a minha mãe e tenho certeza de que ela me ouve. Então, eu tenho sempre a sensação de que estamos muito próximas. [...]

VÍDEO 02:11:00

P – Há três perguntas, na verdade. As perguntas são curtas, mas as respostas vamos ver. Primeiro, o que é a morte?

R – Eu não gosto. Eu falo claramente que eu quero viver muito. Que 100 anos é muito pouco pra mim. Quero viver muito. Eu não gosto da morte. Porque ainda não entendo essa perda. Eu tenho amor. Então, perder, para mim, eu vou sentir falta daquilo. Não é só do ser humano, eu vou sentir falta do meu cachorro, eu vou sentir falta até de uma planta que eu vejo morrer. Quando eu vejo uma planta florescer, eu fico feliz; se eu vejo ela morrer, eu fico triste. Então, a morte, para mim, é o momento certo. Eu sei que ela está ali, que a qualquer momento ela vai vir. É o que eu digo que é o começo, o meio e o fim. “Ninguém vai ficar para semente”, como meus pais diziam. “Minha filha, ninguém vai ficar para semente.” Mas a morte, ela vai... Tem momentos que ela vai te tirar o sofrimento. Tem momentos que ela vai te tirar a dor. Vai ter momentos que ela vai... Eu também entendo que o ser humano, quando ele vive pouco, é porque ele deve muito pouco. Porque o que você vai pagar não é em outra terra, não é em outro lugar. Tudo que você tiver que resgatar, Lucas, você tem que resgatar aqui. Nós temos que resgatar aqui. Você vem pra essa terra pra você ter o resgate do que você deixou lá pra trás. É igual eu falo: eu tenho meus dois filhinhos, que são criados por mim, e o Pai Carlito tem um que é irmãozinho; nós temos três filhinhos assim. Qual o momento que eu larguei essas crianças em algum lugar? Por que eles vieram? Eu tive que resgatar essas crianças e criar essas crianças. Pra fazer bem pra eles? Não. Pra fazer bem pra mim. Porque eles que me fazem bem, eles que me dão alegria, eles que me dão preocupações, eles que atualizam a minha cabeça. Então, a morte, tem momentos que ela é necessária, mas a perda é muito difícil ainda. Por isso eu não gosto muito da morte, mas eu sei que é o caminho de cada um.

Eu acho que qualquer tentativa de produzir uma visão, por exemplo, muitas vezes, do pós-morte, como uma sequência da vida, é muito bonita como poética, porque fala sobre como a gente aprecia esse mundo, como a gente aprecia quem a gente é, e são valores maravilhosos. Mas tem um lado negativo, porque tira a impermanência da vida, e o mais bonito da vida é a sua impermanência... A vida não será continuada. Eu acho que isso o judaísmo tem de uma forma muito bonita. Não é que você não faz parte de um projeto... você faz parte de um projeto, que começou antes de você aparecer por aqui e que vai continuar depois de você sair daqui; você é parte desse projeto de antes e do que vem pela frente. Pra sempre você é parte desse projeto. Mas tentar produzir uma individualidade, um sapato Nilton Bonder, que continua depois dessa minha impermanência, é um jogo de continuar com essa identidade. Então esse esforço espiritual, de tirar sapatos, que não é só naquele sentido daquela viagem, aqui é no sentido do que Deus diz pra Moisés, que supostamente é a pessoa

Nilton Bonder

VÍDEO 01:56:41

LEIA O QR CODE

mais íntima de Deus: “Tira teu sapato! Sai de cima lá do teu salto alto! Pisa no chão!”. Então eu acho que é dessa maneira que a tradição judaica é lida, em que ela reconhece uma continuidade e uma anterioridade à nossa vida, mas ela não personifica isso; isso não é uma coisa que a minha identidade, o meu sapato, vai continuar pra toda a eternidade. Eu tive aqui uma forma, uma conformação, funcionei nesse mundo, participei, tenho dons únicos de somar a toda uma construção que está sendo feita aqui, de um projeto que não é meu, não pedi pra nascer, não pedi pra crescer, não pedi pra morrer. Isso está dito na tradição judaica (inaudível), contra a sua vontade você nasce, contra a sua vontade você cresce, contra a sua vontade você morre. Então o que quer dizer isso? Você não tem responsabilidade nenhuma disso, você foi encaixado num projeto, o projeto é maior do que você. E se perceber sem sapato, pisando na terra verdadeira, é a maneira mais, eu acho, saudável, mais saudável pra você viver a sua vida, do que os apegos, a tentativa de construir um imaginário de que essa identidade, esses sapatos específicos, vão pra eternidade. Eles não vão, eles são uma conformação e eles têm um valor enorme. São partes, são um tijolo de uma construção, e é isso. Então, pra mim essa é a leitura da tradição judaica, e é uma leitura que me faz encontrar um lugar pra olhar com muito maravilhamento o que é o mundo. Qualquer outra forma me parece mórbida, essa forma de permanência, de tentar vislumbrar uma vida futura, nada disso... Então a morte é uma escolha da nossa espécie, é uma dimensão comunitária, a gente morre comunitariamente. E esse sonho de vencer a morte, de ficar, mesmo que não seja morrer, mas continuar em algum outro lugar, é uma tentativa de preservar essa dimensão mais individual de cada um de nós. A gente vira parte de uma sopa maravilhosa, que existia antes de você nascer e que continua depois que você for embora daqui, e que não deleta você do projeto, você continua sendo parte integral desse projeto.

P – **E como foi que você entrou para o mundo da magia** e das ciências ocultas?

Maga Clara

VÍDEO 00:51:15

LEIA O QR CODE

R – Foi quando teve um episódio com uma descendente minha, que até então levava uma vida como qualquer outra adolescente. No dia do aniversário dela de 16 anos, nós estávamos aqui na montanha; ela acordou muito cedo, foi para a cozinha e começou a fazer um miojo. Oito horas da manhã, eu levantei e falei: “Mas o que você tá fazendo, um miojo? Tem tanta coisa que você gosta para comer aqui, hoje é o seu aniversário”. Aí ela virou pra mim com um garfo na mão e começou a gritar que ela queria a mãe dela, “cadê a mãe dela”. Eu achei que ela estava brincando comigo ou alguma coisa assim. Tomei o garfo da mão dela e, na hora que eu tomei o garfo, ela entrou em pânico, como se eu quisesse matá-la ou sei lá, e saiu correndo por aqui gritando absurdamente que queriam matá-la. Eu pedi para o irmão dela que fosse buscá-la. Esse episódio foi o que a psiquiatria chama de um surto psicótico, só que eu ignorava completamente essa questão da saúde mental, eu nunca tinha vivenciado isso próximo de mim e não entendia aquele episódio que aconteceu com ela. Nós a levamos para São Paulo. Antes de ir ao médico, eu a levei ao Paulo Ludogero – que é aquele mago que eu falei para você –, para ver o que que estava acontecendo com ela, porque ela estava completamente fora de si e não me reconhecia como mãe dela. Eu a levei lá no Paulo, ela destruiu o terreiro dele em um surto e gritava que iam matá-la de novo, que queriam mata-lá, e ele, com todo o conhecimento que ele já tinha dessa área magística e espiritual, falou pra mim que eu deveria levá-la ao médico, que era uma questão clínica, física e que, claro, nada tá desconectado, que tinha alguma coisa a ver com esse mundo imaterial, sim, só que ela precisava desse olhar integral. Aí a levei ao Hospital São Paulo. Uma equipe atendeu superbem, e

SUMÁRIO
APRESENTAÇÃO
INTRODUÇÃO
CRÉDITOS

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1
Aula 1
Aula 2
Aula 3
Aula 4

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2
Aula 1
Aula 2
Aula 3

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 3
Aula 1
Aula 2
Aula 3
Aula 4

ela foi diagnosticada com esquizofrenia. E foi a partir da não aceitação de que aquilo estava acontecendo dentro da minha casa, da minha família, que eu comecei essa busca por querer entender, por querer explicar e por querer reverter, para que ela voltasse a ser como eu a conhecia até então. Foi aí que eu fui pra esse universo da magia, do ocultismo… Eu fui estudar a história das religiões, o fundamento que cada etnia tem a respeito da nossa existência, mas buscando mudar o que se apresentava, entendeu? Foi aí que eu quebrei essas resistências – foram anos, tá? Para tudo! Não vai atrás de mais nada, não tem mais papo, não tem mais trabalho de umbanda, de magia branca, magia preta, magia rosa, para tudo! Para! E olhe para isso como é e aprenda com isso, porque isso está acontecendo para você aprender mais. Pare de recusar o aprendizado e o que se apresenta. E aí eu parei com todos os tratamentos de ordem mística esotérica e espiritual com essa minha filha, continuei levando-a no psiquiatra convencional, que é um excelente profissional, e constatei, nesses nossos últimos 15 anos de caminhada com esse diagnóstico, que realmente há mesmo uma disfunção química neural de transmissão de informação neurológica que só a indústria farmacêutica, no momento, proporciona esse equilíbrio pra minha filha como ela se encontra hoje, superbem. E hoje eu consigo ser grata aos medicamentos psiquiátricos, que eu já tive tanto preconceito, sabe?

CONVERSANDO A RESPEITO

Depois de ouvir os trechos das histórias de vida dos entrevistados, proponha uma troca de ideias, problematizando algumas questões, por exemplo:

- Que diferenças foi possível perceber nas entrevistas entre a cura pela medicina e a cura relacionada à religiosidade?
- O pastor Henrique Vieira e a Maga Clara tiveram experiências diferentes com a doença. O que a compreensão deles a respeito de suas doenças despertou em você?
- O rabino Nilton Bonder e a Mãe Carmen compartilharam maneiras diferentes de compreender a morte. Esses relatos afetaram você? De que forma?
- Você já passou pela experiência de ir a um velório ou enterro? Como se sentiu?
- Você tem pessoas idosas em sua família? Que conselhos você daria para as famílias tratarem seus idosos?

SUGESTÃO DE ATIVIDADE

FEIRA DE ORGANIZAÇÕES

OBJETIVO

Reunir as informações coletadas durante as aulas e montar uma exposição para ser apreciada pela comunidade escolar, inclusive os familiares, os representantes e os convidados das organizações.

DESENVOLVIMENTO

- Consulte a coordenação da escola para definir local e data para ser realizada a exposição.
- Defina os objetivos, quais organizações serão envolvidas; escolha um título atraente para a exposição; defina estratégias de divulgação em redes sociais.
- Consulte as organizações sobre o interesse de participar, expondo seus materiais de divulgação, vídeos, participantes; prepare um orçamento caso haja materiais que precisarão ser adquiridos pela escola; defina quem será a equipe de apoio para realizar o evento, como técnicos de som e imagem, segurança, limpeza etc.

- Incentive as organizações a exporem, além das

SUMÁRIO
APRESENTAÇÃO
INTRODUÇÃO
CRÉDITOS

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1
Aula 1
Aula 2
Aula 3
Aula 4

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2
Aula 1
Aula 2
Aula 3

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 3
Aula 1
Aula 2
Aula 3
Aula 4

ações executadas, informações sobre procedimentos com que toda a população pode contribuir para a área atendida, por exemplo: como tratar os familiares idosos; quais oportunidades profissionais existem para pessoas com deficiências; o que fazer quando encontrar animais abandonados; quais os procedimentos para adotar crianças institucionalizadas; e assim por diante.

- Prepare mesas ou barracas para cada organização, materiais e equipamentos necessários.
- Divulgue o evento pelas redes sociais da escola.
- Prepare o local para o evento, fixando cartazes, organizando as mesas, dispondo os equipamentos etc.
- Ao final da programação, faça um fechamento agradecendo a todos os participantes e incentivando a comunidade a se envolver com as organizações e suas ações.

SUGESTÃO DE ATIVIDADE EXTRA

OBJETIVO

Escrever um relato sobre sua própria história de vida usando a plataforma **Conte Sua História**, do Museu da Pessoa

DESENVOLVIMENTO

- Relembre aos alunos o tema de toda a sequência: **A religião como serviço**, e resgate situações em suas histórias pessoais que mostrem como a religião, a tradição religiosa da família ou a espiritualidade motivaram ações de cuidado com outras pessoas.
- Acesse a plataforma **Conte Sua História** do Museu da Pessoa.
- Depois de navegar um pouco no conteúdo, pergunte aos alunos quais etapas puderam perceber na construção das narrativas.
- Elabore um roteiro para construir um relato pessoal de suas experiências relacionadas ao tema da sequência.
- Escreva o relato de suas experiências seguindo o roteiro elaborado.
- Insira as histórias na **plataforma** seguindo as instruções para o *upload*.

ENCERRAMENTO

A dor e o sofrimento são experiências comuns a todos nós. Para as dores do corpo, a medicina quase sempre pode oferecer alívio. Mas nem todas as dores têm sua origem ou seu fim no corpo físico. As dores da alma podem ser tão sofridas quanto, e ambas as formas de sofrimento estão, muitas vezes, imbricadas uma na outra. A religião concorre também para o alívio do sofrimento.

SUMÁRIO
APRESENTAÇÃO
INTRODUÇÃO
CRÉDITOS

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1
Aula 1
Aula 2
Aula 3
Aula 4

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2
Aula 1
Aula 2
Aula 3

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 3
Aula 1
Aula 2
Aula 3
Aula 4

A RELIGIÃO COMO HERANÇA

Sequência didática

A religião como herança familiar exerce forte influência na formação da identidade e dos valores individuais. Desde a infância, práticas e crenças são transmitidas por pais e avós, moldando a espiritualidade e os valores morais. Tradições culturais são passadas de geração em geração, reforçando a continuidade da fé. Quando a parentalidade é presente, há uma vivência religiosa mais consistente, com rituais e ensinamentos incorporados ao cotidiano. Em contextos de migração, a religião carrega o papel de manter laços culturais e afetivos com o país de origem – é a "fé que vem na mala", preservando tradições e proporcionando sentido em meio às mudanças e senso de pertencimento em um novo ambiente. Assim, a religião herdada se entrelaça com a história familiar, servindo como ponte entre passado, presente e futuro.

Tópicos abordados: Identidade · Tradição religiosa · A importância da família na transmissão da fé

QUADRO-RESUMO	
Quantidade de aulas	3
Duração de cada aula	50 minutos
BNCC para a área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas para o Ensino Médio	✣ Competência específica 1: Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir de procedimentos epistemológicos e científicos, de modo a compreender e posicionar-se criticamente com relação a esses processos e às possíveis relações entre eles.
BNCC para a área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas para o Ensino Médio *(continuação)*	
Habilidades	✣ (EM13CHS101) Analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão e à crítica de ideias filosóficas e processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais. ✣ (EM13CHS104) Analisar objetos da cultura material e imaterial como suporte de conhecimentos, valores, crenças e práticas que singularizam diferentes sociedades inseridas no tempo e no espaço.
Objetivos pedagógicos	✣ Analisar as circunstâncias familiares e ambientais que cercam a formação da identidade pessoal. ✣ Compreender os processos de desenvolvimento da espiritualidade como influência da tradição religiosa familiar. ✣ Reconhecer e valorizar a herança da tradição religiosa familiar na preservação de memórias. ✣ Identificar nas crenças e convicções religiosas um fator de influência nas escolhas e atitudes pessoais e coletivas.
Materiais necessários	✣ Equipamento para pesquisa com acesso à internet e para projeção de apresentações. Acesse o acervo da exposição. ✣ Mala ou mochila com alguns objetos que tenham marcado sua própria trajetória de vida. ✣ Acesso à ferramenta Conte Sua História na plataforma do Museu da Pessoa.

SUMÁRIO
APRESENTAÇÃO
INTRODUÇÃO
CRÉDITOS

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1
Aula 1
Aula 2
Aula 3
Aula 4

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2
Aula 1
Aula 2
Aula 3

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 3
Aula 1
Aula 2
Aula 3
Aula 4

CONTEXTUALIZANDO O TEMA

É comum pensar que a religião é fruto de uma escolha pessoal, que ela é algo exclusivamente individual e de foro íntimo. No entanto, essa forma de pensar a religião surgiu após a Revolução Francesa, que instituiu o Estado laico e propugnou pela liberdade dos indivíduos. É, portanto, algo recente e circunscrito à cultura ocidental. Mas, mesmo nos dias de hoje, a religião funciona ainda como um marcador de identidade pessoal e coletiva. Religião é também uma expressão da cultura de uma nação, de um clã ou de uma família. A religião é a responsável pela criação do senso de comunidade ou, nas palavras do sociólogo francês Émile Durkheim[1], da criação da "comunidade moral".

Nesta sequência didática, pretendemos explorar, nas entrevistas da exposição *Vida, Morte, Fé*, a religião como algo que se herda ao nascer e molda o caráter, a identidade e o sentimento de pertença de indivíduos a uma comunidade.

ACESSE: exposição **Vida, Morte, Fé**

1 Émile Durkheim. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

SUMÁRIO
APRESENTAÇÃO
INTRODUÇÃO
CRÉDITOS

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1
Aula 1
Aula 2
Aula 3
Aula 4

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2
Aula 1
Aula 2
Aula 3

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 3
Aula 1
Aula 2
Aula 3
Aula 4

AULA 1

Histórias de saídas e chegadas

ABERTURA

O Brasil é um país de migrantes. As religiões afro-brasileiras também vieram com as populações escravizadas. Os evangélicos, os judeus, os muçulmanos, os budistas: todos professam uma fé trazida na bagagem dos migrantes.

Nesta aula, você e seus alunos irão conhecer histórias de pessoas e famílias que se deslocaram de seus países de origem, cuja religiosidade, como herança familiar, também "veio na mala".

Para introduzir o tema, traga uma mala ou mochila com alguns objetos que tenham marcado sua própria trajetória de vida. Compartilhe com os alunos, brevemente, o significado que esses objetos têm para você. Incentive a troca de ideias entre os alunos, perguntando, por exemplo:

- **Que objetos você traria em uma mala para compartilhar sua trajetória de vida com os colegas?**
- **Existem objetos em sua casa que trazem lembranças de outras pessoas de sua família? Que significado eles têm para você?**
- **Que significado os objetos têm para seus pais ou avós? É diferente do valor que você vê neles?**

Incentive a participação dos alunos e acolha as opiniões em suas diferentes expressões. Observe que os objetos que guardamos como lembrança possuem valor afetivo por representarem simbolicamente momentos que marcaram nossa história. Note que objetos que lembram familiares que já partiram podem ter maior significado para aqueles que conviveram diretamente com aquela pessoa.

Finalize o levantamento inicial e apresente os trechos das entrevistas.

Organize os alunos ao redor do equipamento de projeção para assistir aos trechos das entrevistas, ou, alternativamente, fazer a leitura desses trechos. Nesse caso, você pode definir três alunos para fazerem a leitura em voz alta, valorizando uma leitura expressiva, pausada e com boa entonação.

CONHECENDO PESSOAS E SUAS HISTÓRIAS

Nilton Bonder

VÍDEO 00:11:36

LEIA O QR CODE

Minha família... Então, como a gente ficou, nós éramos imigrantes, né? Chegamos no Rio de Janeiro, nós não tínhamos família próxima mesmo, nenhuma. E meus avós eram mais observantes, os do lado paterno, eles eram mais da cultura, mas guardavam as festas, era tradicional, eram pessoas desse mundo antigo, onde isso era muito presente. E do lado da minha mãe, o meu avô, esse avô que era o carroceiro, ele tinha uma participação grande, ele era um dos cantores da sinagoga, originalmente em Passo Fundo, depois também na sinagoga de Porto Alegre, e ele era uma pessoa que tinha mais envolvimento. Mas eu usufruí relativamente pouco, né? Porque eu saí pequeno, então eu não tinha muito contato. Quando nós chegamos aqui no Rio de Janeiro, tinha a família mais próxima, justamente do lado da minha mãe; era um tio que guardava, que tinha tradições, então nas festas nós começamos a acompanhá-lo. Chamava Jacó, Jacó Souter, e ele fazia principalmente a Páscoa judaica, o *Pessach*. Eu ficava muito impressionado, porque ele era aquela figura bem tradicional, vovô, e levava tudo muito a sério. Aquilo tudo impacta muito a criança, você vê alguém verdadeiramente envolvido, então ele foi esse personagem pra mim, muito na figura do avô, desse patriarca. Nas festas – são duas grandes festas que a gente tem no judaísmo: a Páscoa, próxima da Páscoa cristã, que é o *Pessach*, e o ano-novoo, o *Yom Kippur* – nós seguíamos, nós íamos exatamente à sinagoga que ele frequentava em Copacabana, no CIB, que era um pequeno grupo. O CIB é uma sinagoga de origem

SUMÁRIO
APRESENTAÇÃO
INTRODUÇÃO
CRÉDITOS

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1
Aula 1
Aula 2
Aula 3
Aula 4

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2
Aula 1
Aula 2
Aula 3

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 3
Aula 1
Aula 2
Aula 3
Aula 4

sefaradita, que tem um rito mais de judeus orientais, e ali tinha também um outro grupo que se reunia, que tinha mais o rito dos judeus que a gente chama de *ashkenazi*, que são da Europa oriental, da Europa basicamente. Então, nós íamos, acompanhávamos o que ele indicava. Ele foi o nosso marcador religioso. Meus avós no Sul faleceram poucos anos depois de a gente chegar aqui, então eu não cheguei realmente a interagir com eles. Minha mãe contava muito das festividades, de como a tradição era mantida na casa dela, eu ouvia mais como história, não cheguei a ter esse convívio, e a gente tinha mais através desse tio.

Ivaldino de Assis Mendes Tavares (Padre Assis)

VÍDEO 00:03:36

LEIA O QR CODE

Os meus pais foram muito presentes, sabe? Isso é uma das coisas que eu agradeço ao universo. Desde o berço eu recebi a energia, a positividade de ambas as partes, tanto da parte paterna, como da parte materna. Acho que isso forjou o Assis que vocês hoje conhecem. Eu via o meu pai desde criança partilhar, digamos, o trabalho doméstico com a minha mãe. Cresci vendo meu pai passando roupa da minha mãe, as nossas roupas, e não o contrário, sabe? Então isso são imagens que, quando a gente analisa o contexto cultural do nosso país, onde o machismo infelizmente impera… Aí, na minha casa, tive uma outra imagem, um homem, um cabo-verdiano, um africano, que partilha os deveres de casa com a esposa, cozinhava… Quando ia pra casa dos outros colegas, via que o cara não fazia nada, deixava, transportava tudo para a esposa ou então a filha. Falei; "Pô, mano, de fato sou privilegiado nesse sentido", porque em casa tive exemplos, né? E isso marcou enormemente. Depois, também, somos três meninos. A menina veio em 1994, certo? Então, tem um irmão que nasceu em 1985, tem outro que nasceu em 1988. A minha irmã em 1994. Então crescemos os três fazendo tudo em casa… tudo. E, quando a minha irmã nasceu, continuou a mesma coisa. Não é porque havia nascido uma mulher, uma jovem, que íamos transportar todos os deveres de casa. Coisa simples, lavar louça, pegar água, cuidar dos animais, sabe? Coisas assim. Ela cresceu nesse meio. Nós falamos que fomos desconstruindo, aos poucos. Claro que nós somos uma eterna desconstrução, sobretudo quando nascemos num país ou num continente onde o machismo é muito… Tem separação: esse é trabalho de homem, esse é trabalho de mulher.

P/1 – Mas lá em Cabo Verde tinha isso?

R – Tinha, tinha! Tinha.. tem, né? Como muitos países, como aqui mesmo também, infelizmente isso é…

P/1 – O que fez o seu pai, por exemplo, ter essa postura diferente?

R – Cara… Talvez porque também ele foi educado assim na casa dele. Os meus avós não tiveram meninas, só tiveram meninos, certo? Então a minha vó também era uma matriarca… Nossa! Quando dá uma ordem, você para e vai, certo? Então acho que pelo fato de a minha vó ser uma matriarca, com postura, uma rainha mesmo, ela transmitiu isso para os filhos. E os filhos transmitiram, nesse caso, meu pai transmitiu para nós. Eu tenho um sobrinho… tenho três: não conheço duas que estão em Lisboa, onde o meu irmão está, e um garotinho… Mas a minha irmã também já está educando ele de uma forma diferente. Eu acho também que os meus irmãos lá em Lisboa vão educar as minhas sobrinhas com essa pegada. Eu creio, eu creio… Porque a gente fala sobre isso, uma educação onde a gente não vai ver os gêneros, ou que trabalham disso e aquilo, mas pessoas tentando trabalhar junto, fazendo teias, rosários. Somos eu, você, ela, somos conta do rosário. O rosário é formado por contas, cada conta "conta" [risos], é importante, certo? Então é isso, sabe?

SUMÁRIO
APRESENTAÇÃO
INTRODUÇÃO
CRÉDITOS

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1
Aula 1
Aula 2
Aula 3
Aula 4

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2
Aula 1
Aula 2
Aula 3

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 3
Aula 1
Aula 2
Aula 3
Aula 4

Eduardo Gomes Marinho

VÍDEO 00:03:10

LEIA O QR CODE

R – **O pouco que eu sei dessa parte biológica**, sim, é muito mais história, na verdade. É onde entra a história do culto de jurema sagrada na minha vida, foi nessa parte ancestral, biológica, porque eu fui criado numa família totalmente católica. Então, na minha infância, ia a missas, fui a igrejas evangélicas e tudo. Chegou um período da minha vida em que eu sentia alguma coisa diferente, um chamado, alguma coisa que eu não sabia como explicar o que era. E tinha amigos na escola; nessa época eu acredito que eu fazia 6ª série, e fui levado do nada a uma sessão de Jurema. Lá mesmo eu passei mal e fiquei. Aí começou toda a minha história espiritual. E foi muito difícil para a minha família biológica aceitar ou entender isso, porque eles não fazem parte do culto, de nenhuma forma. Foi daí que eu descobri toda a história, que eu tinha outra família, de onde vinha a ancestralidade, que a minha avó já era ialorixá. Então já tinha aquilo na minha vida espiritual e eu não sabia, não tinha conhecimento nenhum. Eu entrei assim, forçado, né? Caí de gaiato na história. Foi bem por aí.

P – E como é que foi esse momento?

R – Foi estranho para mim, porque era diferente de tudo aquilo que eu conhecia ou acreditava. Mas fui aceitando, fui indo. Com o tempo, eu quis lutar; não era aquilo que eu achava que queria para a minha vida. Eu comecei a fazer rituais, obrigações, coisas que tem dentro do culto, e fui me desenvolvendo, mas eu achava que ia ser uma pessoa médium, normal, que ia frequentar aquilo ali e pronto. Meus projetos, na verdade, eram outros. Meu projeto era me formar em História e toda uma coisa diferente. Foi quando eu decidi, em 2003, vir para São Paulo, porque meus planos eram estudar e fazer História. No fim das contas, eu não fui fazer História, eu fui fazer Pedagogia e desisti. Logo que cheguei em São Paulo, no primeiro ano, já começou gente de lá, ligavam pessoas aqui, me procuravam, começaram a fazer consulta, não sei o quê. O caminho espiritual me perseguindo novamente. Aqui eu construí uma história de jurema dentro do culto. Numa época, quando eu cheguei, esse culto de jurema não era falado, não era comentado, as pessoas não entendiam bem. Era uma resistência a mais que tinha que ultrapassar, aceitando aquilo. Quando fui ver, já estava envolvido com um monte de gente dentro de casa. Dali construí o templo e foi indo. Hoje tem uma família de jurema em São Paulo e em vários lugares; a gente deve ter mais de mil pessoas já, entre netos, bisnetos, afilhados e filhos.

P – E nessa época, ainda criança, antes de a gente ir para a sua atuação aqui em São Paulo, eu queria saber como você se sentia nas outras religiões. Como é que era? Na missa?

R – Eu me sentia neutro. Eu achava que aquilo era uma obrigação ir com meus pais. Recife, em si, é uma cidade muito religiosa. Então tem muita igreja, muito patrimônio histórico. Mas eu achava que aquilo era um compromisso que tinha que ir normalmente aos domingos. Não tinha nenhuma afeição àquilo. Também fui a cultos evangélicos. Eu, na verdade, acho que nunca me encontrava em canto nenhum. Mas eu ia mais pela família mesmo.

CONVERSANDO A RESPEITO

Depois de ouvir os trechos das histórias de vida dos entrevistados, proponha uma conversa, problematizando algumas questões, por exemplo:

- Participar de reuniões, celebrações ou rituais religiosos pode ajudar os migrantes a se sentirem acolhidos quando vão morar em outra cidade. Quais as situações em que você perce-

SUMÁRIO
APRESENTAÇÃO
INTRODUÇÃO
CRÉDITOS

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1
Aula 1
Aula 2
Aula 3
Aula 4

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2
Aula 1
Aula 2
Aula 3

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 3
Aula 1
Aula 2
Aula 3
Aula 4

beu, nas entrevistas, que a religião contribuiu para esse acolhimento?
- Que memórias os entrevistados trouxeram de seus antepassados?
- Que elementos materiais marcaram as trajetórias dos entrevistados?
- Em que momento das entrevistas foi possível perceber que os entrevistados assumiram para si mesmos a tradição religiosa de sua família? Em que momentos diferiram delas ou as ressignificaram?
- Que objetos ou elementos você traz da sua família que marcaram sua trajetória de vida e sua experiência religiosa?

Para ampliar seu conhecimento

Um aspecto fundamental da cultura e da vida em sociedade é a sua dimensão material, que se expressa na alimentação, na arquitetura, na moda, nas maneiras de se vestir. No campo religioso, essa dimensão também é muito importante e está presente na música, nos instrumentos musicais usados em cerimônias, nas vestes dos sacerdotes, fiéis e adeptos, na decoração e na arquitetura dos templos e espaços religiosos, nas imagens, nas cores, nos adereços, nas posições dos corpos durante as cerimônias. Religião, portanto, não se limita às crenças e rituais, mas é composta também pelos seus objetos físicos e concretos. Eles dizem muito sobre a religião que se pratica. Compreende-se muito de uma religião só por se observar essa sua dimensão material.

SUGESTÃO DE ATIVIDADE

RELATO DA RELIGIÃO COMO SUA HERANÇA FAMILIAR

OBJETIVO

Elaborar um relato sobre a religiosidade transmitida pela sua família, a partir de pesquisa no acervo do Museu da Pessoa e de fotografias de família.

DESENVOLVIMENTO

1. Consulte, no acervo do Museu da Pessoa, relatos ou imagens que tragam elementos de rituais religiosos praticados por famílias. Para isso, disponibilize aos alunos o link do acervo em: https://museudapessoa.org/historias/imagens/.
2. Selecione algumas imagens ou vídeos do acervo e observe se as pessoas estão sentadas ou em pé, ajoelhadas ou deitadas; se estão calçadas ou descalças; se estão em roda ou dispostas em filas; como se movimentam no espaço de culto. Peça aos alunos para observarem a organização do espaço, o lugar do altar, o lugar onde o sacerdote ou líder religioso se posiciona. Observe a decoração do local e o decoro no comportamento dos participantes etc.
3. Proponha aos alunos que realizem uma pesquisa nos arquivos de suas próprias famílias, procurando fotografias ou vídeos que demonstrem elementos de uma religião material: locais de culto, celebrações, instrumentos musicais, festas tradicionais, vestes e adereços dos sacerdotes e fiéis, imagens, uso das cores na decoração etc.
4. Observe cada aluno nas imagens de sua família, os elementos materiais que caracterizam as tradições culturais ou religiosas que foram transmitidas para sua geração.
5. Descreva essas observações resgatando sua própria trajetória de vida em um relato sobre sua religiosidade ou prática religiosa, herdada ou ressignificada, diante da sua tradição familiar.

SUMÁRIO **APRESENTAÇÃO** **INTRODUÇÃO** **CRÉDITOS**	**SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1** Aula 1 Aula 2 Aula 3 Aula 4	**SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2** Aula 1 Aula 2 Aula 3	**SEQUÊNCIA DIDÁTICA 3** Aula 1 Aula 2 Aula 3 Aula 4

6 Programe uma data para o retorno desses relatos, quando alguns alunos poderão compartilhar seus textos e imagens com a turma e, se quiserem, na plataforma **Conte Sua História**.

ENCERRAMENTO

A religião que herdamos de nossa família faz parte da nossa bagagem cultural e da nossa identidade enquanto indivíduos. Ninguém se faz sozinho e a religião ocupa lugar central nessa construção. Ela diz quem somos, de onde viemos e a que grupo pertencemos. Ela está presente não apenas em nossa forma de crer, mas também na maneira como nos comportamos, nos vestimos e nos relacionamos com as pessoas.

SUMÁRIO
APRESENTAÇÃO
INTRODUÇÃO
CRÉDITOS

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1
Aula 1
Aula 2
Aula 3
Aula 4

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2
Aula 1
Aula 2
Aula 3

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 3
Aula 1
Aula 2
Aula 3
Aula 4

AULA 2

Histórias de presenças e ausências

A ausência da família, pela perda, pelo divórcio ou pelo afastamento de seus membros, tem impacto direto na percepção dos indivíduos sobre si mesmos e seus projetos de vida. É quase como se um navio perdesse sua âncora.

Nesta aula, você e seus alunos observarão como separações, divórcios, perda de familiares, a presença da família ou a falta dela impactaram as escolhas pessoais e projetos de vida das pessoas entrevistadas.

ABERTURA

Para introduzir o tema, mostre a imagem de uma âncora em um navio parado no porto. Incentive a troca de ideias entre os alunos, perguntando, por exemplo:

- **Você sabia que um navio transatlântico, como o navio de cruzeiro *Icon of the Seas*, pesa por volta de 200 mil toneladas, ou que um navio cargueiro, chega a pesar mais de 300 mil toneladas? Agora imagine que a âncora para um navio desse porte, no entanto, pode pesar por volta de apenas 10 a 20 toneladas. Como você imagina que ela seja suficiente para "segurar" um navio como esse no porto?**
- **Que momentos, na sua vida hoje, representam um porto seguro, um espaço estável em que você pode sentir-se confortável consigo mesmo?**

Informe aos alunos que a âncora consegue segurar um navio muito maior e mais pesado do que ela ao se prender no fundo do mar; pela força do cabo ou corrente que a liga ao navio, cria uma resistência à pressão do vento e da água, o que impede o navio de ser levado pelas correntes marítimas.

Utilize a analogia da âncora para abordar o sentimento de segurança que todos necessitamos para um bom desenvolvimento emocional. Acolha as opiniões incentivando uma escuta respeitosa dos alunos para que se sintam à vontade para compartilhar experiências com os colegas.

Finalize o levantamento inicial apresentando os trechos das entrevistas em que se observará como a presença (ou ausência) da família impactou a definição de rumo na vida das pessoas entrevistadas.

CONHECENDO PESSOAS E SUAS HISTÓRIAS

Organize os alunos ao redor do equipamento de projeção para assistir aos trechos das entrevistas, ou, alternativamente, fazer a leitura desses trechos. Nesse caso, você pode definir três alunos para fazerem a leitura em voz alta, valorizando uma leitura expressiva, pausada e com boa entonação.

Monja Coen

VÍDEO 00:12:40

LEIA O QR CODE

Nisso meu pai se apaixona por uma mulher muito linda que trabalhava com ele, que era secretária dele, e minha mãe e ele se separam. Nessa época eu devia ter dois, três anos de idade, então, eu tenho poucas memórias disso. Tenho algumas memórias dos meus avós por parte de mãe, que vinham todos os dias pra nossa casa e amarravam as cortinas pra fazer balanço, traziam balas e a gente brincava muito. Os avós por parte de pai eu via muito pouco, talvez a minha mãe com a minha avó não tenham se entendido muito bem morando juntas e não tinham muita intimidade. Depois da separação dos meus pais, ele construiu uma casa pra ela no Pacaembu e outra pra ele, a dois quarteirões de distância, com sua nova esposa. Naquela época, era muito difícil para as mulheres desquitadas; não havia divórcio, não eram bem-vistas. Mesmo pra nós, pra ir pra escola, minha mãe achava que era importante estudar em colégio de freira para ter uma boa educação, bons modos. Nos colégios, não admitiam filhos de desquitados, a não ser que fossem internas. E minha mãe não queria que a gente fosse interna, então, tinha

que mentir. A gente ia à escola dizendo que tinha pai e mãe em casa, não era para contar pra ninguém que o pai não morava em casa. Era sempre uma situação meio difícil, que me impedia muito de ter amigas. Eu não podia trazer amigas pra casa porque iam ver que não tinha roupa de homem em casa. Criança logo percebe. Era uma situação! Tinha uma mentira ali envolvendo a nossa intimidade familiar que não podia ser revelada na escola. Isso é um pouco difícil.
[...]

VÍDEO 01:00:05

P/1 – Qual o nome da sua filha?

R – Fábia. Primeiro eu fiquei brava porque era mulher, eu falei: "Mais uma pra sofrer no mundo de discriminações". Eu percebia isso, a questão do desquite da minha mãe, ela tinha um certo ressentimento de ter perdido um grupo social que ela frequentava. Ela gostava muito de socializar, a família tinha esses saraus etc., quando o meu pai estava no Palácio, ela declamava nas festas do Palácio, ela tinha muitos amigos, casais amigos que se encontravam. Com a separação, ela perdeu tudo. Ele continuou no Palácio, ele continuou amigo dos seus amigos, mas ela perdeu esse grupo de amizades.

P/1 – E pra vocês, o relacionamento com a madrasta?

R – Pois é. Às vezes o meu pai levava pra passar o final de semana com ela, e o que aconteceu foi que em um desses finais de semana eu voltei e disse essa frase pra minha mãe: "Ela é tão legal, mamãe! Eu queria que ela fosse a minha mãe". Quando eu disse pra minha mãe que achava a minha madrasta maravilhosa e que pena que ela não era a minha mãe, ela disse: "Não vão mais. Porque ela tirou o meu marido e não vai tirar as minhas filhas. Então, não tem mais fins de semana com ela". O pai vinha buscar de manhã e trazia à noite, sempre sem a Marina, sem a mulher dele. A gente ia pra Santos, pra praia, ficava lá algumas horas na praia e voltava, mas nunca mais passamos o final de semana com ela.

P/2 – E a relação com o seu pai, depois da separação, como ela era?

R – Ah, bom, não era muito íntima, não tinha a intimidade de morar junto. Eu tinha dois, três anos, não tinha muita intimidade com ele, tinha muito amor, muito respeito. Não era uma pessoa com quem eu falasse tudo o que eu quisesse, tudo o que eu pensasse, não. A gente era tudo assim, meio: "O pai chegou". E a mamãe construiu isso pra nós, ela achava que era muito importante a imagem masculina ser forte. Ela sempre dizia: "O seu pai é um ótimo filho, ele é um ótimo pai. Ele não foi um bom marido, mas ele é uma pessoa muito honesta". Ela o elevava muito. Eles nunca brigaram na nossa frente. De vez em quando se trancavam no quarto e a gente imaginava que brigavam em voz baixa. As brigas que eles tinham, as discussões que eles tinham, ninguém escutava, ninguém sabia. E isso foi uma bênção pra nós, porque a gente não percebeu muito, não sentiu. Sabia, às vezes, quando a coisa pegava, mas era muito suave, não era na nossa frente. Isso eles fizeram questão de fazer, que eu acho que foi uma coisa benéfica pras crianças. Mas até hoje eu não tenho muita intimidade. Minha filha tem mais intimidade com o meu pai do que eu. Ele é alguém que eu conheço, de quem eu sei pouco até. Ele me ajudou muito, em muitos momentos do meu crescimento, das minhas dificuldades. Eu lembro uma vez, sei lá por que, eu estava muito triste, chorando muito, ele falava pra mim: "Vai lavar o rosto, isso passa". Ou então ele chegava pra mim, e dizia "Vem aqui", me abraçava, olhava pela janela e dizia: "Olha o céu, olha a imensidão que é isso, não faça um

SUMÁRIO
APRESENTAÇÃO
INTRODUÇÃO
CRÉDITOS

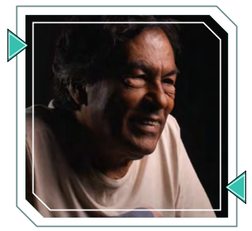
SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1
Aula 1
Aula 2
Aula 3
Aula 4

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2
Aula 1
Aula 2
Aula 3

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 3
Aula 1
Aula 2
Aula 3
Aula 4

drama muito grande. Tudo isso é passageiro". Ele teve uma influência muito positiva, a gente sempre confiou muito nele.

Ailton Krenak



VÍDEO 01:21:05

LEIA O QR CODE

R – **A vó Laurita, para mim, sempre foi** como uma personificação da montanha. A própria pessoa-montanha, lenta, se deslocava devagar, falava também com muita calma. O jeito dela se comunicar com a gente é como uma montanha se comunica mesmo. É profundo e tranquilo. Então eu sempre observei ela como alguém que ia estar, tipo, para sempre com a gente. E os eventos que foram se sucedendo até a gente não ter ela mais junto, encantar-se, deixou todo mundo órfão por um tempo, porque coincidiu também com o desastre que impediu a gente de ter acesso ao rio, ao Watú. Então, o rio e a vó Laurita foram dois seres transcendentais que saíram do nosso cotidiano quase ao mesmo tempo. Foi um sentimento de finitude, de que tudo ao nosso redor tem fim. A ideia de que a gente pode ter uma memória cultivada infinitamente, eu acho que ela é muito improvável, principalmente quando está relacionada com os nossos afetos, com as pessoas com quem a gente conviveu ou convive agora. Nossos avós, nossos filhos, nossos netos, essas memórias, elas são todas memórias perecíveis; por mais que a gente insista em fixá-las em algum lugar, elas são perecíveis. Eu consigo reter algumas boas lembranças de episódios de memória, mas eu acho que todas elas ficam movendo-se entre o presente e o esquecimento, entendeu? Tem que ter alguma coisa, tem que ter algum evento que me faça lembrar aquele instante de memória. Então, a memória não é alguma coisa que está tão ativa o tempo inteiro.

VÍDEO 01:24:35

P/1 – Você falou sobre isso de encantar-se, de partir do mundo e da vó Laurita. Eu queria que você falasse sobre essa experiência que a gente chama de morte. O que você entende pela experiência? Porque a gente falou bastante da vida e do biocentrismo a respeito da vida. Parte da vida, a morte. Eu queria que a gente conversasse um pouquinho sobre a morte.

R – Olha, todo mundo, qualquer um de nós, interpelado sobre isso, fica num pequeno campo de expressão que é o seguinte: "Ah, eu não falo disso porque eu não sei como é a experiência fora dessa que a gente conhece da vida. A gente sabe que os outros morrem. A gente sente falta e tudo, mas a gente não sabe o que é morrer". Mas a pergunta pode ser feita assim: "Tá, mas como é que você vive essa experiência? Você a vive como uma coisa radical, que algum dia vai te ocorrer também? O que é morrer?". Tem a ver com memória isso. A ideia de a gente permanecer em outros organismos, permanecer a nossa energia em todas as outras coisas com que a gente se contagiou. Eu acho que a coisa mais parecida com algo que seja biocêntrico, uma ideia de memória biocêntrica, talvez seria a gente se desfazer em tudo. Que é isso que a gente chama de encantar-se. Encantar-se em pedra, em chão, em terra, em vento, em areia, em folha. É uma metamorfose, é uma transformação dessa experiência de estar corporificado num desmanchamento em outras formas de existir, que é diferente do que nós chamamos de estar vivo. Para estar vivo, tem que arregimentar tudo isso para ter esse corpo aqui. Se desfazendo disso aqui, eu estou em outra, digamos, existência. Se eu estou em outra existência, então não tem fim. Quando comecei a conversar com gente como o Emanuele Coccia, lá no Ciclos de Estudos Selvagem, e com o Jeremy Narby, dois pensadores, dois caras ativos, que produzem muito atualmente, me fizeram refletir sobre essa parábola da lagarta que não sabe que vai ser borboleta, e da borboleta que

SUMÁRIO
APRESENTAÇÃO
INTRODUÇÃO
CRÉDITOS

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1
Aula 1
Aula 2
Aula 3
Aula 4

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2
Aula 1
Aula 2
Aula 3

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 3
Aula 1
Aula 2
Aula 3
Aula 4

não se lembra como é ser lagarta. Ela virou borboleta, ela não lembra como é ser lagarta. Eu me animo a imaginar que essa transição, essa passagem, que a gente chama de morrer, é, na verdade, uma volta da gente para todas as formas de vida que já existiram antes e que a gente não lembra. Então, eu acho que estou cada vez mais me tornando borboleta e com muita possibilidade de não me lembrar que fui lagarta. Penso que isso é muito bom. Sei que, para quem vai ficar vivo depois que eu sair daqui, isso pode parecer um episódio dramático: "Ah, ele morreu!". Eu espero que não falem isso de mim. Mas vão falar. Então, mesmo que eu deixe um manifesto dizendo: "Olha, por favor, não venham com esse papo furado pro meu lado, não. Eu me desfiz em areia, em pedra, em terra, em árvore, em folha". Eu gosto mais dessa ideia do que da ideia de "fulano morreu". Encantar-se. O que é encantar-se? Os encantados estão em todos os lugares e em todas as coisas. Eu acho que foi o Emanuele que disse uma frase interessante, que é assim: "Quando eu estou só em mim, eu sou uma pessoa. Quando eu me desfaço em matéria, eu sou todas essas coisas". Então, é como se a finitude dissesse respeito só a isso aqui, essa estrutura, esse aparelho: a finitude. Mas o que pode existir além disso é uma imensidão de organismos de que eu vou fazer parte. Eu vou deixar de ser um para ser bilhões, milhões. Porque cada partícula que estiver por aí, pelo espaço, também sou eu. Agora, como eu não estou nem aí para o eu, não é nada. Talvez seja isso que o pensamento recorrente dos humanos chame de morrer: que é deixar de ter um eu. É ser árvore, ser pedra, ser pau, ser rio. Se dissolver nisso. Talvez menos partículas no sentido de existir e mais pertencer a tudo isso, se desfazer em tudo isso.

Sheikh Jihad

VÍDEO 00:46:31

LEIA O QR CODE

R – **Quando nós viemos, meu pai veio,** a gente morou numa casa bem humilde. Tinha dois cômodos. Aliás, tinha um cômodo. Um dormitório, tinha a sala e tinha a cozinha e o banheiro. E tinha um quintal grande e um abacateiro, um pé de abacate desse no quintal. E eu via o pessoal querendo entrar em casa para pegar abacate e pedir. E a gente não sabia o que era aquilo, né? E caía e o pessoal pegava e a gente não entendia. Para entender o que era abacate, levou tempo. Aprender que era gostoso, que era bom e tal. Em casa era tranquilo. A gente tinha, todo dia, a comunidade que se visitava. Era o costume. E os pais nos levavam junto. Quando iam visitar as outras famílias, nos levavam junto. Então era uma forma de perpetuar os costumes, de manter as conexões. Então, à noite, nós éramos proibidos de sair com os amigos. A gente só saía com os nossos pais e trabalhava durante o dia. À noite era o momento de socialização. Diferente de hoje, que você tem outros programas, você tem outras distrações, outros eventos. Antes, não. A comunidade não era tão grande. E eles precisavam manter os costumes, manter os vínculos, fortalecer os laços e também tinham muita saudade dos países de origem. Então, eles precisavam se confortar. E aí nos levavam para nós conhecermos os nossos primos, manter, criar vínculos e crescermos juntos. Até hoje, nós temos um clube chamado Clube Sultan e tinha o Clube Ghazzi, também aqui em São Bernardo, no Riacho Grande. Nós nos reuníamos nos finais de semana lá para fazer churrasco. Era uma forma de confraternização, de manter os laços, fortalecê-los. Estudávamos; quando meu pai estava trabalhando de mascate, minha mãe tentava nos ensinar a história dos profetas, a religião islâmica, o Alcorão, o valor, então ela sempre manteve aceso isso dentro de casa e também tinha um apoio. Naquela época, a televisão abria 10 horas da manhã e se encerrava 10 horas, 11 horas da noite, acredito que 9 horas. Então não tinha muita

SUMÁRIO
APRESENTAÇÃO
INTRODUÇÃO
CRÉDITOS

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1
Aula 1
Aula 2
Aula 3
Aula 4

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2
Aula 1
Aula 2
Aula 3

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 3
Aula 1
Aula 2
Aula 3
Aula 4

distração com televisão, com essas coisas. E os programas eram diferentes. A família conseguia estar mais unida, e todo dia meu pai estava com a gente em casa, saíamos juntos, e isso ajudou bastante a manter os laços.

CONVERSANDO A RESPEITO

Depois de ouvir os trechos das histórias de vida dos entrevistados, proponha uma conversa, problematizando algumas questões, por exemplo:

- Foi possível perceber nos relatos dos entrevistados como familiares forneceram a eles um porto seguro para alicerçarem suas vidas? Em que momentos você percebeu isso nas entrevistas?
- Quando as presenças ou ausências familiares estavam relacionadas à religião? Que aspectos positivos sobre a religião apareceram nos relatos? Que aspectos negativos?
- Como as separações, perdas ou morte de familiares dos entrevistados impactaram essas pessoas no decorrer da vida?
- Como você definiria a sua própria experiência familiar de segurança? Como sua tradição religiosa, espiritualidade ou a ausência dela contribui para você pensar seu futuro, seus projetos de vida?

Acolha as opiniões e experiências compartilhadas pelos alunos, procurando construir um espaço seguro e respeitoso. Valorize a experiência dos alunos caso relatem empatia, identificação ou solidariedade com as pessoas entrevistadas.

SUGESTÃO DE ATIVIDADE

IDENTIFICANDO HERANÇAS FAMILIARES

OBJETIVO

Realizar uma atividade de memória e registro sobre as heranças recebidas da família.

DESENVOLVIMENTO

- Proponha aos alunos uma atividade de memória sobre sua família. Sugerir a criação de um título para a atividade, por exemplo “Minha herança pessoal”.
- Faça uma lista dos familiares, começando pelos de convívio mais próximo até os mais distantes. Os alunos podem escolher as pessoas que querem incluir na lista.
- Prepare um quadro com espaço para ser preenchido com informações pessoais.
- Elabore algumas questões que podem ser mais objetivas ou mais subjetivas de acordo com o grupo de alunos, por exemplo:

Familiares	Pai	Mãe	Avó materna	Avó paterna	Avô materno	Avô paterno	Etc.
Uma característica que temos em comum							
Uma característica que nos distingue							
Um objeto que me faz lembrar dessa pessoa							
Um comportamento que procuro reproduzir							

SUMÁRIO
APRESENTAÇÃO
INTRODUÇÃO
CRÉDITOS

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1
Aula 1
Aula 2
Aula 3
Aula 4

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2
Aula 1
Aula 2
Aula 3

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 3
Aula 1
Aula 2
Aula 3
Aula 4

Familiares *(continuação)*	Pai	Mãe	Avó materna	Avó paterna	Avô materno	Avô paterno	Etc.
Um comportamento que procuro evitar							
Aspectos da tradição religiosa ou da espiritualidade dessa pessoa que quero levar para minha vida							

- Fixar os quadros dos alunos em algum local da sala, onde possam ser apreciados pelos colegas.

ENCERRAMENTO

São muitas as causas de afastamento entre os membros de uma família: divórcios, falecimentos, migração, mudanças para estudar ou trabalhar. Os laços familiares podem sobreviver a isso tudo, mas também podem enfraquecer. Sejam quais forem os efeitos sobre nós, eles são importantes na maneira como tocamos nossa vida. Sentimentos de segurança e desamparo têm raízes no ambiente familiar.

SUMÁRIO
APRESENTAÇÃO
INTRODUÇÃO
CRÉDITOS

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1
Aula 1
Aula 2
Aula 3
Aula 4

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2
Aula 1
Aula 2
Aula 3

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 3
Aula 1
Aula 2
Aula 3
Aula 4

AULA 3

Histórias dos que vieram antes de nós

A família ocupa papel central na transmissão de uma religião às novas gerações. A gramática religiosa serve de instrumento de transmissão dos valores familiares e muitas das tradições e ritos familiares têm seu respaldo e suporte na troca de afetos do círculo familiar. Nesta aula, você e seus alunos conhecerão a influência dos pais e avós na formação de uma identidade religiosa e cultural.

ABERTURA

Para introduzir o tema, promova um momento de recordação da infância. Peça aos alunos que se sentem confortavelmente em roda e inspirem pelo nariz lentamente, expirando pela boca até soltar todo o ar. Repita o exercício de respiração algumas vezes, percebendo os alunos relaxarem. Depois conduza as lembranças, perguntando, por exemplo:

- **Imagine que você está caminhando na rua. Aos poucos, você percebe que caminha em um lugar conhecido. De repente, você percebe que está na frente da casa em que você morava na sua infância. Como é sua casa? Como é a entrada?**
- **Imagine que você entra na sua casa, vai passando pelos ambientes, observando o que há ali. Qual é o seu lugar preferido? Imagine que você entra nele. O que há ali?**
- **Imagine que agora já é hora de dormir. Onde você dorme? Como você se prepara para dormir? Quem mais está com você?**
- **Há uma rotina, que sempre se repete antes de dormir? Alguém canta canções? Alguém conta histórias? Alguém lê um livro?**
- **Existe alguma canção ou história que você gostaria de compartilhar com seus colegas?**

Finalize a dinâmica pedindo aos alunos que respirem novamente e pergunte se alguém gostaria de compartilhar a experiência. Acolha a participação dos alunos com respeito e admiração.

Termine o levantamento inicial apresentando os trechos das entrevistas.

CONHECENDO PESSOAS E SUAS HISTÓRIAS

Organize os alunos ao redor do equipamento de projeção para assistir aos trechos das entrevistas, ou, alternativamente, fazer a leitura desses trechos. Nesse caso, você pode definir três alunos para fazerem a leitura em voz alta, valorizando uma leitura expressiva, pausada e com boa entonação.

Boubacar

VÍDEO 00:46:56

LEIA O QR CODE

R – **Eu pedi pela infância,** mas, quando era criança, me chamavam de Doutor Ngom. Na escola, na vila, todo mundo me chamava de Yaï Boubacar, mas em casa, me chamavam de Doutor Ngom. E eu não entendia [por quê]. Quando um colega de classe vinha perguntar pelo nome Boubacar, diziam-lhe: “Não, Boubacar não mora aqui”. Eu não entendia, então fui consultar meu dicionário que fala minha gramática (avó). Ela sabia responder a todas as perguntas. Ela tinha tempo. Ela me disse: “Ngom é o nome do melhor amigo do seu pai”. Na realidade, ele era doutor, veterinário, e viajava de vila em vila para tratar dos animais doentes. “Todo mundo o conhecia, e seu pai, para imortalizar a amizade com essa pessoa que tanto o amava, te deu o mesmo nome”. Eu sempre dizia: “Mas, vovó, eu não sou doutor, eu sou dançarino”. Ela sempre me dizia: “Então, dance. Sempre que você quiser algo, então, dance. Dance”. E depois ela me disse: “Você é dançarino, mas também doutor, porque você sabe fazer o bem com o coração, você pode curar”. Eu sentia que tinha recebido uma resposta

iluminada. Fui ao mercado para comprar nozes-de-cola para ela. Ela as prova depois de ralar, claro. E é aí que, porque os avós, as mães, no dia a dia, observam o que você faz e, como criança, um simples gesto poderia ser o suficiente para que eles contassem uma história relacionada ao que você acabara de fazer. Isso também é tradição oral. É o momento da transmissão. Mas antes de transmitir, antes de contar, é necessário viver com a pessoa. E isso é o que é importante nessa tradição, no que diz respeito à arte de fazer. E o simples fato de dizer algo, elas podiam nos contar uma história. Especialmente os avós. Nós somos camaradas dos avós. Os netos podem perguntar tudo. Geralmente, os avós têm mais tempo. Por isso a maior parte dos africanos diz: "Minha avó, meu avô". Porque eles tinham muito mais tempo. Eles não eram excluídos. Eles viveram. Eles viram. Sempre dizemos, na África, antes de falar: "Pergunte a quem viu o sol antes de você, quem viu a luz antes de você". Essa organização é importante. Para nós, isso também nos fala. Então, é aí que eles poderiam contar uma história de acordo com o que fizemos, conforme uma pergunta, uma história surgia. Geralmente, são lendas, histórias sobre animais. Contamos muitas histórias sobre o mundo animal. Porque a tradição africana diz que o homem é um animal vertical falante, que gosta de ouvir críticas sobre os outros. Ele se sente feliz. E assim que o critica diretamente, ele não gosta. Por isso, para não ofender o homem, passamos por meio de uma história para falar com ele. O homem também gosta que digam: "Você é o mais bonito, você é o mais forte". Isso não vai despertar sua sede de aumentar nosso ego. Passamos por meio de uma história para falar com o homem. O fundamento dessa tradição é isso, de coração a coração e de corpo a corpo. Sempre com uma moralidade. Quando não há tempo, um único provérbio pode ser suficiente para dizer o essencial do que queremos transmitir.

– Se você não souber mais para onde vai, volte de onde veio.
– Nunca se abaixe para olhar por trás de alguém. Caso contrário, outra pessoa se abaixará e olhará por trás de você.
– Por mais alta que seja a árvore, suas folhas sempre cairão no chão.
– A língua não tem ossos, mas com a língua podemos quebrar ossos.
– Na floresta, sejam os animais ou os elefantes brigando ou fazendo amor, é sempre a grama que é esmagada.
– É bom ser bom uma vez, duas vezes. E isso é bom, é o suficiente. Três vezes, você se torna bom demais. Bom demais, você se torna doce. E, doce, te comem.
Podemos continuar até amanhã, provérbios que podem retornar. Isso quer dizer que tudo isso é também uma maneira de repetir sem impor imagens. Porque a palavra africana, a oralidade, tem como objetivo humanizar o homem. Que ele permaneça no vínculo. Não apenas o entendimento da mente, mas o entendimento de todo o corpo.

Boubacar:
Na tradição africana, quando alguém iniciado fala, faz-se silêncio. Escutamos, muitas vezes até baixamos os olhos para aprender. Dos 42 aos 63 anos, devemos transmitir o que aprendemos. A transmissão geralmente acontece à noite, no tempo dos sonhos, em que a imaginação transforma a dimensão das coisas. À noite não se vê a cor da pele do outro. À noite não se vê se o outro é rico ou pobre. Estamos todos juntos ao redor do fogo. A transmissão acontece assim, e cada um tem seu lugar. Repetindo as mesmas coisas, isso nos fixa e nos dá confiança de estarmos em uma única e mesma família.

Baichère Mbaye:
Sobre a fé… Eu recebi meu legado de fé. Eu recebi meu legado de griô e recebi meu legado espiritual. E meu pai, antes de partir, deu a cada um seu legado. Ou você o pratica e seu legado está lá, ou você não o pratica, e seu legado está lá. Meu irmão mais velho, ele começa a fazer transição um pouco na mesquita do seu legado. Meu

SUMÁRIO
APRESENTAÇÃO
INTRODUÇÃO
CRÉDITOS

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1
Aula 1
Aula 2
Aula 3
Aula 4

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2
Aula 1
Aula 2
Aula 3

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 3
Aula 1
Aula 2
Aula 3
Aula 4

irmão é um dos chefes de um grupo de busca espiritual do Senegal. Meu irmão é um dos chefes responsáveis no bayefallismo na França. Eu sempre permaneci com a tradição. Mas meu legado espiritual está comigo. E porque eu tive a sorte de conviver muito, muito, eu era a mão direita dele. Tudo o que ele queria fazer, era eu. Eu era seu secretário. Ele me deu muitos segredos. Mesmo seus próprios filhos, eles vêm me perguntar, até hoje, segredos que o pai deles me disse. Então eu recebi meu legado com ele. E isso eu vou guardar. Eu vou guardar. Eu nunca brincarei com isso. Ele está em algum lugar. Talvez um dia esse legado se vá. Mas hoje eu tenho certeza disso. E, se Deus quiser, eu gostaria que, um dia, esse legado tomasse seu lugar, cada coisa ao seu tempo. Mas eu recebi esse bom legado como todas as crianças.

Carmen de Mello Cordeiro (Mãe Carmen de Oxum)

VÍDEO 00:19:43

LEIA O QR CODE

R – **Meu pai era um homem negro, magro,** um homem caprichoso, um homem limpo, um homem que cozinhava, sabia fazer comida, sabia fazer doces. Meu pai se chamava José do Carmo Cordeiro. E meu pai fazia doces, me ensinou a fazer doces, doces de Minas Gerais; fazia doce de mamão, fazia canjica, doce de leite. E meu pai cozinhava muito bem: fazia peixe, fazia carne de porco, que em Minas Gerais se fazia muito isso. Era um homem extremamente trabalhador. Nós éramos muito pobres, muito mesmo. Meu pai era mestre de obras, então ele trabalhava com construção. E eu, junto com meu pai, quando eu já tinha sete anos de idade, eu fazia os contratos para ele de emprego. Eu fazia os contratos para ele, para ele poder pegar obra, para ele poder pegar serviço. E quando não tinha o serviço, que não tinha fechado nenhum tipo de contrato, a gente saía na rua, eu e meu irmão, meu segundo irmão, o Pedro, nós pegávamos uma carrocinha, hoje fala reciclagem, mas nós saíamos os três, de porta em porta, pegando o que a gente achava nas portas. No lixo, às vezes, a gente achava uma lata, achava uma roupa, achava um brinquedo, porque nós morávamos num bairro de classe média, mas nós éramos muito pobres. Então, o que a gente achava com aquela carrocinha, a gente pegava para trazer para casa para o nosso uso. Eu e meu pai fazíamos muito isso. Meu pai era um homem muito esforçado. Ele ficava triste de precisar fazer isso junto com a gente. E, às vezes, eu o pegava andando com a gente, puxando aquela carrocinha, numa carroça grande assim, e eu via algumas lágrimas dele. Aí eu fingia que não tinha visto, não queria deixar ele preocupado com isso. E a gente passava o dia inteiro pegando aquelas coisas. De tarde a gente levava para casa, porque às vezes a gente aproveitava algumas coisas que nós tínhamos para comer em relação a isso. Um dia, nós achamos um bolo grande, que sobrou da casa de alguém, e a mulher pôs no muro. Quando eu vi aquele bolo, eu pensei, “meu Deus!”, era um bolo azul. Fiquei pensando, será que é para pegar esse bolo da mulher? Aí ela apareceu e eu mostrei pra ela, ela balançou que eu podia pegar o bolo. Então eu peguei aquele bolo como uma prenda mesmo, que eu tinha achado aquele bolo. Meu pai olhou assim para mim e eu falei: “Não, ela me ofereceu o bolo, ela me deu o bolo”. Então, a gente pegou o bolo, acomodou, para levar para casa, que ia ser uma festa aquele bolo lá. Aí nós levamos para casa o bolo e saboreamos aquele bolo com muita alegria mesmo. Passamos primeiro, vendemos todas as latas, as coisas que nós achamos durante o dia, levamos o dinheiro para preparar a comida, o jantar, tudo, e comemos aquele bolo lá como uma sobremesa maravilhosa. Nós cantamos até parabéns que não era para ninguém. E foi muito gostoso aquele dia. E meu pai sempre foi muito trabalhador. Mas ele, pelo peso, trabalhou com muito peso, muita obra, teve problemas de coração. Então, meu pai teve muitos derrames, que se fala assim, derrames. Teve muitos derrames, sabe?

SUMÁRIO
APRESENTAÇÃO
INTRODUÇÃO
CRÉDITOS

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1
Aula 1
Aula 2
Aula 3
Aula 4

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2
Aula 1
Aula 2
Aula 3

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 3
Aula 1
Aula 2
Aula 3
Aula 4

E quando ele foi falecer, ele faleceu nos braços do meu irmão. Nós levamos ele para o médico e ele olhou para o meu irmão, assim, só olhou para o meu irmão e faleceu naquele momento nos braços do meu irmão. Ele era um homem... O meu pai sempre foi um homem com quem eu tive muita afinidade. Muita afinidade. Muito respeito pelo meu pai, sabe? Foi uma coisa muito importante ter sido filha desses pais.

Ana Cláudia de Lima Quintana Arantes

VÍDEO 00:32:28

LEIA O QR CODE

P/1 – **Você estudou muito em escola de freira,** como uma boa católica. Como foi a sua relação com a fé? Isso era presente na sua vida?

R – Sempre foi. A minha avó, como eu disse, era muito católica. Quando eu era adolescente, tinha muita enxaqueca e melhorava mais com a minha avó benzendo do que tomando remédio. Então, eu falava: "Vó, me benze". Aí eu sentava no chão, apoiava a mãozinha e aí ela benzia, melhorava. E essa coisa da fé nunca foi uma questão de dúvida, assim, né? Não era uma coisa assim: "Ah, você acredita?". "Acredito não, eu não tenho dúvida. É uma coisa diferente. Pelo menos no meu entendimento é. Mas eu comecei a perceber que, no catolicismo, existia muita limitação para aquilo que eu sentia. Então eu comecei a perceber que... Eu comecei a entender qual era o papel da religião, de você organizar uma espiritualidade, que é algo muito intenso na vida do ser humano. Independente de ser ateu ou ter alguma religião, essa dimensão espiritual é tão imensa que você precisa, de alguma forma, organizar isso. E aí a organização traz para você uma sensação de segurança. Então, você tem rituais, orações, livros. Mas eu comecei a perceber que as religiões têm uma necessidade muito grande de compreender o pensamento de Deus. E aí eu falo assim: "Isso é uma falta de noção... Tipo, criança do maternal decidindo sobre a grade da pós-graduação". É patético. Como é que você vai entender o pensamento de Deus? Cai na real. Então, eu comecei a perceber que todas são um pouco assim. Todo mundo tem um jeito, Deus pensa assim: "Filho, quem é você na fila do pão?", pra dizer como ele pensa. E por que você acha que saberia e os outros não? Então, comecei a me distanciar da religião e ficar muito mais integrada a essa condição de ir para além do concreto. Não é óbvio. Se não é óbvio, está na dimensão da espiritualidade. Então, para mim, isso é muito presente.

CONVERSANDO A RESPEITO

Depois de ouvir os trechos das histórias de vida dos entrevistados, proponha uma conversa, problematizando algumas questões, por exemplo:

- Foi possível identificar nas entrevistas os vínculos com os pais, avós, irmãos? Que situações você percebeu que marcaram essas pessoas, fortalecendo o vínculo familiar?
- Na sua experiência, que papel ocupam os provérbios, canções e histórias transmitidas pelos seus familiares para os mais jovens?
- Que pessoas, da sua família ou não, exercem influência sobre você atualmente? Por quê?

PAINEL DE FOTOGRAFIAS DE FAMÍLIA

OBJETIVO

Realizar uma pesquisa no acervo do Museu da Pessoa e na internet coletando fotos que representem a diversidade na identidade étnica e religiosa e construir um painel visual. As pesquisas e relatos desenvolvidos nas aulas anteriores poderão ser incluídos nesta atividade.

DESENVOLVIMENTO

- Pesquise fotos no acervo do Museu da Pessoa e

SUMÁRIO
APRESENTAÇÃO
INTRODUÇÃO
CRÉDITOS

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1
Aula 1
Aula 2
Aula 3
Aula 4

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2
Aula 1
Aula 2
Aula 3

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 3
Aula 1
Aula 2
Aula 3
Aula 4

na internet que representem a diversidade na identidade étnica e religiosa.

- Faça a seleção das imagens e imprima em papel fotográfico. Alternativamente, o painel pode ser digital. Nesse caso, faça a seleção das imagens e as organize em uma plataforma virtual que todos possam acessar, como o Google Drive, por exemplo.
- Classifique as imagens selecionadas por etnia, religião ou período histórico.
- Acrescente a essa curadoria as imagens e textos desenvolvidos nas atividades das aulas 1 e 2 desta sequência.
- Defina data e local para a exposição do painel visual, uma parede ou quadro onde fixar as imagens. No caso de exposição virtual, providencie também o equipamento (TV ou projetor e telão) para apresentação.
- Elabore o painel visual organizando e fixando as imagens, legendas, títulos e textos de forma a terem boa visibilidade. No caso da exposição digital, defina o aplicativo em que será feita, os títulos, as legendas e a música de fundo. Realize os *uploads* e teste a apresentação no equipamento.
- Realize a divulgação da exposição nas mídias internas e nas redes sociais da escola.

ENCERRAMENTO

As religiões valorizam a família porque ela ocupa lugar central na transmissão de valores e, consequentemente, na organização da vida em sociedade. É no ambiente familiar que os afetos são vividos de maneira fluida, e são esses afetos que nos prendem ou nos afastam das pessoas, dos lugares e das religiões.

SUMÁRIO
APRESENTAÇÃO
INTRODUÇÃO
CRÉDITOS

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1
Aula 1
Aula 2
Aula 3
Aula 4

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2
Aula 1
Aula 2
Aula 3

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 3
Aula 1
Aula 2
Aula 3
Aula 4

A RELIGIÃO COMO EXPERIÊNCIA

Sequência didática

A religião pode ser descoberta e vivida a partir de uma experiência pessoal e transformadora que desperta o sentimento de transcendência. Muitas pessoas encontram a fé através de momentos de introspecção, desafios ou eventos significativos que despertam um sentido mais profundo de espiritualidade. Essa descoberta pode ocorrer independentemente do contexto familiar ou cultural, revelando uma dimensão pessoal e única da religiosidade. Assim, a religião se apresenta também como uma jornada individual, em que a herança e a experiência se entrelaçam para construir um mundo de riqueza e diversidade cultural.

Tópicos abordados:
- diversidade de experiências
- equilíbrio entre a tradição e a experiência pessoal
- diversidade como um valor

QUADRO-RESUMO	
Quantidade de aulas	**4**
Duração de cada aula	**50 minutos**
BNCC para a área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas para o Ensino Médio	✣ **Competência específica 6: Participar, pessoal e coletivamente, do debate público de forma consciente e qualificada, respeitando diferentes posições, com vistas a possibilitar escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.**
Habilidades	✣ **(EM13CHS601) Relacionar as demandas políticas, sociais e culturais de indígenas e afrodescendentes no Brasil contemporâneo aos processos históricos das Américas e ao contexto de exclusão e inclusão precária desses grupos na ordem social e econômica atual.** ✣ **(EM13CHS602) Identificar, caracterizar e relacionar a presença de paternalismo, do autoritarismo e do populismo na política, na sociedade e nas culturas brasileira e latino-americana, em períodos ditatoriais e democráticos, com as formas de organização e de articulação das sociedades em defesa da autonomia, da liberdade, do diálogo e da promoção da cidadania.** ✣ **(EM13CHS605) Analisar os princípios da declaração dos Direitos Humanos, recorrendo às noções de justiça, igualdade e fraternidade, para fundamentar a crítica à desigualdade entre indivíduos, grupos e sociedades e propor ações concretas diante da desigualdade e das violações desses direitos em diferentes espaços de vivência dos jovens.**
Objetivos pedagógicos	✣ **Reconhecer experiências relacionadas à espiritualidade e tradição religiosa dentro dos contextos sociopolíticos nas histórias de vida das pessoas entrevistadas.** ✣ **Reconhecer o valor das experiências religiosas pessoais na validação da herança das tradições religiosas recebidas, validando a diversidade de interpretações e escolhas relacionadas à adesão religiosa particular.** ✣ **Identificar, nos relatos dos entrevistados, as diferentes formas de violência física ou simbólica decorrente da desigualdade econômica e social, relacionando-as às experiências dos estudantes.**

SUMÁRIO
APRESENTAÇÃO
INTRODUÇÃO
CRÉDITOS

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1
Aula 1
Aula 2
Aula 3
Aula 4

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2
Aula 1
Aula 2
Aula 3

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 3
Aula 1
Aula 2
Aula 3
Aula 4

Objetivos pedagógicos (*continuação*)	✣ **Promover a reflexão sobre projetos de vida fundamentados em princípios éticos de justiça e fraternidade.**
Materiais necessários	✣ **Equipamento para pesquisa com acesso à internet e para projeção de apresentações.** ✣ **Acesse Museu da Pessoa.** ✣ **Aula 1: 5 ou 6 jogos de quebra-cabeça; folhas de papel-sulfite em formato A3 para todos os alunos.** ✣ **Aula 2: papel-cartão em formato A3, impressora.** ✣ **Aula 3: objetos variados de uso cotidiano em grande quantidade (ver sugestões na abertura da aula 3); 3 folhas de papel-cartão ou Kraft em formato A3; pincéis e tinta em tons de pele variados; canetas hidrográficas.** ✣ **Aula 4: papel-cartão em formato A3, impressora ou equipamento para apresentação do painel.**

CONTEXTUALIZANDO O TEMA

Uma das marcas da modernidade é pensar a religião como fruto de uma experiência pessoal. Na cultura moderna, centrada no indivíduo, as experiências vividas são o tribunal de aferição da verdade. Para além da dimensão coletiva de toda religião, a experiência religiosa individual se apresenta como condição de validação da tradição. Essa experiência é o que justifica a adesão a um grupo e promove a identificação do indivíduo com esse grupo. A diversidade de experiências religiosas é um fato. Segundo Jacques Dupuis[1], o reconhecimento da diversidade leva ao reconhecimento do valor de cada experiência e a uma postura ética de diálogo com o outro. Essa diversidade pode ser vista como uma ameaça, mas pode ser vista também como uma riqueza da vida em sociedade.

Nesta sequência didática, pretendemos explorar, nas entrevistas da exposição *Vida, Morte, Fé*, histórias de vida que mostram a diversidade de experiências de fé na vida pessoal dos entrevistados e suas implicações para toda a sociedade da qual fazem parte e com a qual contribuem como cidadãos.

ACESSE: exposição **Vida, Morte, Fé**

1 Jacques Dupuis. *Rumo a uma teologia cristã do pluralismo religioso*. São Paulo: Paulinas, 2000.

SUMÁRIO
APRESENTAÇÃO
INTRODUÇÃO
CRÉDITOS

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1
Aula 1
Aula 2
Aula 3
Aula 4

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2
Aula 1
Aula 2
Aula 3

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 3
Aula 1
Aula 2
Aula 3
Aula 4

AULA 1

Em busca de si mesmo: ancestralidade, identidade e diferença

A busca pelas origens leva os indivíduos a reconstruírem não apenas suas árvores genealógicas, mas também reafirmarem elementos culturais de seus ancestrais. Cultura e tradição se tornam fatores de afirmação identitária. A identidade do indivíduo é construída no processo de socialização que se inicia no nascimento. Esse processo depende de referências positivas com as quais a pessoa se identifica, mas também com referências negativas com as quais ela cria contraste.

Nesta aula, você e seus alunos vão conhecer pessoas que encontraram sua identidade na tradição cultural e religiosa de suas origens.

ABERTURA

Para introduzir o tema, prepare com antecedência alguns jogos de quebra-cabeça, não muito grandes, e divida a turma em grupos. Determine um tempo para cada grupo montar um dos quebra-cabeças e, encerrado o tempo, veja quais grupos conseguiram deixar o quebra-cabeça mais completo no tempo determinado. Proponha uma reflexão usando esse jogo como analogia para nossas experiências de vida, dizendo, por exemplo:

- **Conhecer a si mesmo resulta da união de muitas pequenas peças que vamos recebendo aos poucos durante toda a vida. No início, não sabemos que imagem vai se formar, mas à medida que encontramos o lugar de cada peça, a figura vai se delineando até o resultado final.**

Finalize o levantamento inicial dizendo que iremos conhecer pessoas cujas experiências em busca de si mesmas incluíram também a busca pelas origens, pela vida e fé de seus antepassados. Em seguida, apresente os trechos das entrevistas.

CONHECENDO PESSOAS E SUAS HISTÓRIAS

Organize os alunos ao redor do equipamento de projeção para assistir aos trechos das entrevistas, ou, alternativamente, fazer a leitura desses trechos. Nesse caso, você pode definir três alunos para fazerem a leitura em voz alta, valorizando uma leitura expressiva, pausada e com boa entonação.

Carmen de Mello Cordeiro (Mãe Carmen de Oxum)

VÍDEO 01:05:04

LEIA O QR CODE

R – **A coisa de que eu me lembro mais**, de que eu gosto de me lembrar, é a convivência com a minha irmã. Eu tenho uma única irmã, somos eu e ela, então essa convivência que nós temos é uma das coisas mais importantes. A gente tem um relacionamento muito bom, dá muita risada, brinca muito. E, de madrugada, a gente conversa. Eu durmo muito pouco. Eu não gosto de dormir. Eu falei que um dia eu vou ter que dormir tanto que eu quero dormir muito pouco. Vai ter um dia em que eu vou dormir tanto que eu vou querer acordar e não vou conseguir. Então, eu durmo muito pouco, e por isso eu me lembro de coisas assim com a minha irmã, com a minha irmã pequena. Eu me lembro de quando a minha irmã ia pra escola; lembro que ela chorava muito, que não queria ir pra escola. Então eu me lembro de a gente dar muita risada juntas. Eu lembro do nascimento dos meus filhos, detalhadamente o nascimento dos meus filhos; lembro a escolha dos nomes dos filhos e da minha religião. O que eu mais trago comigo, o que eu mais carrego comigo, que para mim é extremamente importante. Eu vivi muitas coisas, mas, dos 19 anos em diante, eu vivi minha religião, então a maioria das coisas, detalhadamente, tudo é voltado para o sacerdotismo, para eu poder ser a pessoa que eu sou; eu tenho um orgulho muito grande, um amor muito grande por tudo isso, porque eu acredito

SUMÁRIO
APRESENTAÇÃO
INTRODUÇÃO
CRÉDITOS

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1
Aula 1
Aula 2
Aula 3
Aula 4

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2
Aula 1
Aula 2
Aula 3

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 3
Aula 1
Aula 2
Aula 3
Aula 4

que a nossa ancestralidade sofreu muito. O que acontece nesse momento de estar fazendo isso aqui, essa entrevista, conversando, colocando tudo isso, é um marco, é uma história de valorização dos nossos ancestrais. Eu não vou nem dizer que é meu. Mas são os meus ancestrais que lutaram muito para o que se fala hoje deles, eles fizeram muito para isso. Eles sofreram muito. Então, essas lembranças religiosas, eu converso mais sobre isso. Poderia contar outras histórias, mas as histórias importantes, para mim, têm a ver com a nossa convivência religiosa, com a nossa fé, com o nosso sagrado. Essas lembranças, dos 19 anos para cá, todas são voltadas… além da minha vida pessoal – porque eu tenho uma vida comum, uma vida pessoal, eu tenho filhos, eu tive filhos, nasceu de uma mulher, partos normais, assim tudo, eu tive os filhos, tive casamento, relacionamento, eu me lembro muito perfeitamente –, gosto de lembrar disso também, a gente dá risada, a gente brinca, a gente sai, viaja, passeia. Mas a maioria das coisas com que eu convivo, na grande realidade, é religiosa, é pela continuação da nossa ancestralidade. Porque eu acredito que, quanto mais você vive, mais você convive com o seu sagrado, com a sua fé, com a espiritualidade, a ancestralidade também, e isso se valoriza. Isso não acaba. Porque a tendência das pessoas que lutaram muito era para encerrar a nossa religião, para que isso não existisse. E cada vez que nós conversamos com uma pessoa, com outra pessoa, que a gente propaga a religião, deixamos aquilo fluir, aquilo florescer, aquilo acontecer. Então, a religião é maravilhosa. E as minhas lembranças, dos 19 anos para cá, sempre são da religião.

Boubacar

VÍDEO XX:XX:XX

LEIA O QR CODE

A palavra começa, estamos no ventre de nossa mãe. É lá que começa a comunicação, através de cantos, através de canções de ninar, através de orações, para manter o vínculo que temos com essa criança. De zero a sete anos, estamos na escola da mãe. A primeira escola é a escola da mãe. Aprendemos tudo no pátio. A mãe que nos observa, antes de nos receber, já através de seus cantos.

[*Canto*]
A criança chega, e a recebemos com cânticos. O canto marca nossa vida. A esperança é sempre a chave que abre todas as portas. Independentemente da situação da vida, a recebemos com crença, como um presente que a vida nos oferece. Portanto, a criança que está aqui, todos a recebem. A criança cresce, todos cuidam dela. A criança que quer dançar, mesmo que comece a andar, o que fazemos é ajudá-la a dançar com ritmos, ajudá-la a encontrar seu lugar, a encontrar seu ritmo, a confiar nela mesma. Portanto, até os 7 anos. E, de 7 em 7 anos, porque a vida é dividida em partes de 7 anos. Aos 7, o segundo ciclo de 7 anos é até os 14 anos. Ela ainda está na escola dos pais, especialmente da mãe. E a partir desse momento, aos 14 anos, é quando começamos a questionar. Assim que nossa memória se torna como um tipo de cuscuzeiro. E é aí que, normalmente, na África tradicional, somos levados para a iniciação na floresta, para nos conectar com o mundo vegetal, animal e mineral e, lá, com a verdadeira religião, com a espiritualidade africana. Isso é se conectar com tudo isso. E, ao retornar, temos 21 anos para aplicar o que aprendemos. Aos 42 anos, temos o direito de falar. Antes disso, não temos o direito de falar. Ouvimos, na tradição africana.

SUMÁRIO
APRESENTAÇÃO
INTRODUÇÃO
CRÉDITOS

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1
Aula 1
Aula 2
Aula 3
Aula 4

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2
Aula 1
Aula 2
Aula 3

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 3
Aula 1
Aula 2
Aula 3
Aula 4

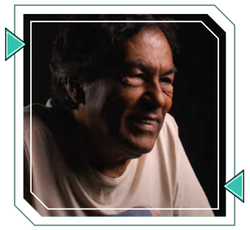
Aryel Veríssimo

VÍDEO 00:41:40

LEIA O QR CODE

R – **Ah, já tem um tempo, já tem um tempo,** mas isso foi amadurecendo aos poucos. Foi um processo: primeiro você pensa, depois você vai, aos poucos, colocando na sua rotina e, aos poucos, aquilo que te incomodava, que outras pessoas vêm tentar te falar ou tentar te impor, aí você vai colocando. Então, hoje eu não tenho muita... Assim, se as pessoas quiserem falar sobre filosofia, sobre religião comigo, numa boa, eu vou escutar, eu vou permanecer, eu vou até respeitar muito. Mas se ela quiser impor, ela não vai me escutar mais, porque eu não tenho tempo para perder com isso. Eu sei quem eu sou. Eu sei o meu tamanho, nem para mais, nem para menos. Eu sei exatamente o meu tamanho, eu sei exatamente o que eu estou fazendo na Terra, eu sei exatamente o que eu quero. E eu quero gostar de mim. Gostar de mim no sentido de olhar e falar, "cara, talvez você não esteja 100% certo, mas você faz aquilo em que você acredita e você tenta não prejudicar absolutamente ninguém, pelo contrário". Então, isso para mim é muito importante, porque o que é fé? O que é amor ao próximo? Amor ao próximo é querer ter uma religião em que ele tem que se enquadrar naquilo que ele acha certo ou olhar para aquela pessoa e entender que é essa naturalidade dela. Da mesma forma que, quando eu vou atender uma pessoa, eu quero não estar influenciado, porque eu quero que a minha leveza chegue naquela pessoa. Não quero o contrário. Porque se eu for impor dogmas, não vai ser legal, não é isso que eu quero. Por isso que eu falo: religião é uma coisa, espiritualidade é outra. Ser espírita quer dizer que você frequenta um centro ou é kardecista e tal. Ser espiritualista é você estar aberto. Você tá aberto pra ir num kardecismo, pra ir em algum lugar, pra seguir uma... Eu, se tiver uma procissão numa cidadezinha do interior – eu adoro Nossa Senhora, por exemplo, eu sou louco por ela –, eu vou atrás. Mas eu sei o meu propósito. Eu sei exatamente o meu propósito.

Ailton Krenak



VÍDEO 01:55:15

LEIA O QR CODE

Mas eu já escutei também uma vez a vó Laurita, que era também ascendente de pajé. Ela falou que o pajé não é uma pessoa, aquela pessoa é o pajé. O pajé é um encanto que vai estar nele quando ele tem que ser, quando ele está fazendo um trabalho, quando ele está fazendo uma cura, quando ele está na função dele. Quando ele passa aquela função dele, ele é uma pessoa que tem a rotina dele como qualquer outra pessoa. Ele não vive o tempo inteiro nesse estado "espiritado" dele. Falar em espiritado, os meus amigos do povo Maxakali, os Ticman, os Maxakali têm a língua materna muito forte, então, quando eles precisam falar alguma coisa em português, eles conseguem criar palavras assim, aportuguesadas. Então, eles disseram que quando eles estão espiritados, eles conseguem ver as coisas que nós, os comuns, não vemos. Mas é quando eles estão espiritados. E vamos considerar que o pajé é alguém que, por um instante, por um momento, é espiritado. E eu acho que o xamã também, porque senão eles não teriam como viver o cotidiano deles com suas famílias, cuidando das obrigações deles, porque eles iam ficar em transe o tempo inteiro. Então, eu creio que nem o xamã, nem os pajés vivem em transe o tempo inteiro. Eles têm suas vidas comuns, suas rotinas. E, em algum momento, assim como a gente se concentra aqui agora, eles também têm esse momento em que eles concentram a sua atenção e fazem o trabalho do pajé. Eu penso que é assim. E é claro que já vi muitas pessoas que eu admiro, txai, e que eu digo, nossa, que sabedoria! É alguma coisa que conflui entre a integridade daquela pessoa que guarda as dietas, que faz todas as dietas que aquele iniciado precisa praticar, com o fato dele ser protegido ou atrair a atenção dessas energias que a gente está chamando aqui de espirituais, para ele poder atuar em benefício das outras pessoas. Isso seria o trabalho do pajé. Ou é para a saúde, ou é para tirar alguma coisa fazendo mal para a pessoa, é para isso que os pajés trabalham. Geralmente, trabalham para o coletivo, para cuidar da terra, cuidar da floresta, cuidar dos bichos, cuidar

SUMÁRIO
APRESENTAÇÃO
INTRODUÇÃO
CRÉDITOS

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1
Aula 1
Aula 2
Aula 3
Aula 4

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2
Aula 1
Aula 2
Aula 3

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 3
Aula 1
Aula 2
Aula 3
Aula 4

da vida. Teve um senhor, um pajé antigo, que uma vez me deu um trabalho para fazer, que era o de cuidar da floresta. Ele me disse que ele tinha tido uma visão e que ele queria que eu cuidasse da floresta. Ele era o mensageiro disso, que era para eu cuidar da floresta. Ele estava fazendo o trabalho dele em favor da floresta. E foi o que me motivou a criar o Centro de Pesquisa Indígena, na década de 1980. Foi um pajé que falou isso comigo. Então, às vezes, as pessoas pensam que o pajé não vai se incomodar com coisas práticas, tipo proteger a floresta, trabalhar para proteger a floresta. Mas foi a tarefa que um deles me deu.

CONVERSANDO A RESPEITO

Depois de ouvir os trechos das histórias de vida dos entrevistados, proponha uma conversa, problematizando algumas questões, por exemplo:

- Que momentos históricos foi possível identificar nos relatos? Em que momentos foi possível perceber a desigualdade social e econômica entrelaçada à tradição religiosa das pessoas entrevistadas?
- Em que momentos das entrevistas você notou que a pessoa gosta de si mesma, aceita quem ela é, reconhece o valor de sua ancestralidade na formação da sua identidade?
- Compare os trechos das falas das pessoas entrevistadas, e converse com seus colegas sobre como essas pessoas foram definindo sua identidade pessoal a partir da experiência religiosa observada na tradição familiar:

Mãe Carmen	**Mas a maioria das coisas com que eu convivo, na grande realidade, é religiosa, é pela continuação da nossa ancestralidade. Porque eu acredito que, quanto mais você vive, mais você convive com o seu sagrado, com a sua fé, com a espiritualidade, a ancestralidade também, e isso se valoriza. Isso não acaba.**
Boubacar	**A criança chega, e a recebemos com cânticos. O canto marca nossa vida. A esperança é sempre a chave que abre todas as portas. Independentemente da situação da vida, a recebemos com crença, como um presente que a vida nos oferece.**
Aryel	**Eu sei quem eu sou. Eu sei o meu tamanho, nem para mais, nem para menos. Eu sei exatamente o meu tamanho, eu sei exatamente o que eu estou fazendo na Terra, eu sei exatamente o que eu quero. E eu quero gostar de mim.**
Aylton Krenak	**Teve um senhor, um pajé antigo, que uma vez me deu um trabalho para fazer, que era o de cuidar da floresta. Ele me disse que ele tinha tido uma visão e que ele queria que eu cuidasse da floresta. Ele era o mensageiro disso, que era para eu cuidar da floresta. Ele estava fazendo o trabalho dele em favor da floresta. E foi o que me motivou a criar o Centro de Pesquisa Indígena, na década de 1980. Foi um pajé que falou isso comigo.**

- Boubacar explica que cada criança deve “encontrar o seu lugar”. O que isso significa para você?

Para conhecer mais sobre os povos originários, acesse e explore a exposição Vidas Indígenas: modos de habitar o mundo, do Museu da Pessoa.

SUGESTÃO DE ATIVIDADE

MINHAS ORIGENS RELIGIOSAS

OBJETIVO

Fazer uma árvore genealógica de sua família que retrate as origens religiosas e culturais dos seus ascendentes, identificando a diversidade presente nas experiências religiosas dos familiares.

SUMÁRIO
APRESENTAÇÃO
INTRODUÇÃO
CRÉDITOS

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1
Aula 1
Aula 2
Aula 3
Aula 4

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2
Aula 1
Aula 2
Aula 3

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 3
Aula 1
Aula 2
Aula 3
Aula 4

DESENVOLVIMENTO

1. Proponha aos alunos uma pesquisa em sua família, identificando a religião de cada membro. Sugerir que os alunos consultem pais ou avós que possam oferecer essas informações.
2. Em uma folha de formato A3, cada aluno vai elaborar o desenho de uma árvore com raízes, tronco e galhos. Posicionar o nome de cada familiar de acordo com o lugar que o aluno designar para a pessoa (iniciando, por exemplo, pelos ascendentes mais antigos nas raízes). Junto do nome, coloque as religiões (ou a não religião) que essa pessoa professa. Se houve mudanças de adesão religiosa, o aluno pode registrar na árvore também.
3. Na lateral do desenho, registre quais qualidades o aluno observa em cada familiar e a influência na sua própria trajetória religiosa, por exemplo: "pai (evangélico): a dedicação ao estudo bíblico; mãe (espírita): a doação de tempo para distribuir cestas básicas", e assim por diante. É possível que os alunos também tenham observações negativas quanto à influência que os familiares exerceram em sua experiência. Nesse caso, incentive os alunos a expressarem suas opiniões com respeito.
4. Fixe as folhas na sala. Chame atenção para a diversidade religiosa que pode ser observada nos trabalhos realizados.

Nossas experiências cotidianas, ao longo da vida, dão-nos o contexto e as motivações para nossa identificação com as tradições herdadas ou para a rejeição delas. Uma experiência profunda de ordem espiritual, ou mesmo intelectual, pode determinar qual religião resolvemos abraçar ou ditar também a religião que queremos rejeitar.

ENCERRAMENTO

Algumas religiões valorizam a ancestralidade e veem nela a principal dimensão da vida espiritual. A experiência religiosa dos indivíduos se mistura e se confunde com a tradição.

SUMÁRIO
APRESENTAÇÃO
INTRODUÇÃO
CRÉDITOS

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1
Aula 1
Aula 2
Aula 3
Aula 4

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2
Aula 1
Aula 2
Aula 3

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 3
Aula 1
Aula 2
Aula 3
Aula 4

AULA 2

Em busca do equilíbrio: passado, presente e futuro na trajetória espiritual

As tradições têm o poder de oferecer um terreno no qual o indivíduo se sente seguro. Mas, para que elas tenham eficácia, precisam dialogar com o tempo presente. Nesse diálogo, a pessoa reafirma sua identidade e acrescenta novos elementos.

Nesta aula, você e seus alunos refletirão sobre como o passado define o contexto contemporâneo e influencia as escolhas para o futuro na experiência de fé e na vivência religiosa.

ABERTURA

Para introduzir o tema, peça aos alunos que observem nas imagens o local e as pessoas que retratam, identificando as roupas, carros, locais que remetem ao passado. Proponha uma troca de ideias sobre as mudanças que acontecem ao longo do tempo e amplie o debate para questões subjetivas, como as mudanças de opinião, de religião, de crenças na experiência de cada um. Problematize, por exemplo:

- **Você já perguntou aos seus familiares mais próximos, como pais e avós, se conheceram ou como era no tempo deles algum aspecto do dia a dia, por exemplo, o transporte, a comunicação, os casamentos e outras relações sociais?**
- **Você conseguiu identificar na experiência de seus familiares o contexto sociopolítico ou econômico em que viveram?**
- **Na sua opinião, que vantagens traz a passagem do tempo para nossa maneira de ver o mundo? Existe alguma questão que você pensava no passado que mudou com o passar do tempo?**

Acolha as opiniões incentivando a participação dos alunos, observando que muitas vezes os familiares mais velhos relatam situações de privação, personalidades que marcaram o mundo político de sua época, conflitos ou guerras mundiais, e como isso afetou o cotidiano deles. Ajude os alunos a identificarem na história de suas famílias essas situações e incentive-os a conversarem com os familiares a respeito de como vivenciaram esses momentos.

Finalize o levantamento inicial dizendo que o passado deixa muitas marcas no presente, inclusive nas questões relacionadas à jornada religiosa de uma pessoa e da sociedade. Em seguida, apresente os trechos das entrevistas.

CONHECENDO PESSOAS E SUAS HISTÓRIAS

Organize os alunos ao redor do equipamento de projeção para assistir aos trechos das entrevistas, ou, alternativamente, fazer a leitura desses trechos. Nesse caso, você pode definir três alunos para fazerem a leitura em voz alta, valorizando uma leitura expressiva, pausada e com boa entonação.

SUMÁRIO
APRESENTAÇÃO
INTRODUÇÃO
CRÉDITOS

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1
Aula 1
Aula 2
Aula 3
Aula 4

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2
Aula 1
Aula 2
Aula 3

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 3
Aula 1
Aula 2
Aula 3
Aula 4

Alexandre Caldini

VÍDEO 01:16:05

LEIA O QR CODE

R – **Essa é a história da humanidade.** O que é a história da humanidade? É só isso, né? A humanidade, o que que é? A gente invadia a tribo vizinha, a cidade vizinha, o país vizinho. Até hoje, não é o que está acontecendo agora? As guerras estão acontecendo no mundo agora. Ao invadir, o que a gente fazia? A gente guerreava, machucava, torturava, escravizava, estuprava, assassinava. E, se isso aconteceu na história da humanidade, aconteceu e nós estamos reencarnando, a gente fez parte disso. Então, é só natural que você tenha desafetos. Tudo ia estar num processo obsessivo, era um ex-escravizado que estava perseguindo dois velhinhos, aqui em São Paulo, que teriam sido capitão do mato e dono de escravos. Ele fala, "esses velhinhos que você está vendo aí, não é isso que você está vendo, não. Esses caras, você não sabe o que eles fizeram comigo e com a minha família". Então, quando o ódio persiste, o que acontece? O espírito vem e vai querer descontar naquele que o sacaneou tanto. Quando esse aqui encarna, às vezes esse aqui desencarna, aí é o contrário. E fica nesse bate, bate, bate, bate. Isso é obsessão. Então, não é uma coisa assim, um espírito maligno e tal, é uma pessoa que tem uma pendência com você, que não gosta de você por algum motivo; ele se acha sacaneado, talvez tenha sido mesmo. Em geral é um batendo no outro, um batendo no outro. Isso aí você não resolve arrancando o espírito ali. Algumas religiões vão lá, arrancam o espírito e o levam preso. E o cara se sente aprisionado mesmo e abandona, a pessoa se sente bem. Só que não resolveu a pendência; esse cara vai voltar depois, porque ainda tem o ódio ali. Como é que o espiritismo trabalha, então? Conversa com os dois, com o encarnado e com o desencarnado, e tenta resolver a situação. "Você está feliz?" "Olha o que está acontecendo, cara." "Não, eu vou acabar com esse cara, porque você não sabe o que ele fez comigo." "Tá bom, mas não é bom para você também?" Você tenta provar que isso leva a nada. Quando eles percebem isso, pronto, desfez a mágoa, o ódio. Não precisa você adorar, mas já não tem aquele embate. Por isso também que Jesus teria dito: "Antes de fazer sua oferta ao altar, vai e resolve suas pendências com todo mundo". Porque você morrer com pendência é complicado. Você morrer com alguém te odiando, ou você odiando alguém é muito complicado. Por isso que também é bom levar uma vida mais arrumada. Tá com problema? Resolve o problema enquanto você tá vivo por aqui. Ou você vai levar isso com você. Isso é obsessão. O espírito é isso. É um espírito livre. Ele pode estar onde ele estiver.

Monja Coen

Nisso, o que está acontecendo? Passeatas, estudantes saindo às ruas; nós estamos em 1968. Eu tenho essa menina que entrou junto comigo, Marisa Figueiredo; ela é quartanista de Direito na São Francisco e tem passeata, mas eles dizem que não, as meninas não vão. E ela então diz: "Nós vamos. E ela vai comigo". E ela sou eu. "Porque, se não formos como jornalistas, nós vamos como estudantes, mas nós vamos a essa passeata". Eles nos autorizam pra gente fazer a cobertura da passeata. E ela, então, me veste. Eu andava só de saia, vestido, salto alto. Eu tinha lá o meu estilo, de parecer mais velha, tal. Ela corta isso: "Vai pôr tênis, calça comprida; leva amoníaco no bolso"... Porque nós íamos correr, a coisa pega. E a gente foi. Realmente foi uma passeata, a gente foi empurrada pra cá e prá lá. Foi aquela onde mataram o menino lá na Maria Antônia; foram situações bem violentas. E eu sou jogada no fogo. Agora você é jornalista pra tudo. E ninguém pergunta se você é jornalista na hora da passeata. Vem com cavalo em cima, gás lacrimogêneo, soco e o que fosse. Porque não há diferença mesmo, todo mundo com a mesma cara, tudo estudante.

VÍDEO 01:15:19

LEIA O QR CODE

Aí, começaram a me dar livros pra ler, e um dos livros

VÍDEO 01:22:17

era de Trótski. Era um livro fininho que falava que a revolução tem que ser internacional; não adianta um país só fazer uma mudança se todos não fizerem. Mas o livro contava uma história assim: um grupo político toma o poder à força, mata todo mundo e assume o poder. Poucos meses depois, esses novos ministros repetem o que os ministros anteriores estavam fazendo. A ideia de Trótski é: a revolução tem que ser internacional, porque as pressões externas causam isso. A minha interpretação foi outra; a minha interpretação foi: se o ser humano não mudar na sua essência, não são sistemas políticos e econômicos que vão fazer a transformação do mundo; é uma coisa de consciência individual e coletiva. Isso é a grande mudança. E eu acho que a imprensa, o contato com tantas pessoas, das mais pobres às mais ricas… quando você vê todos os seres humanos, tantas injustiças e tantos absurdos, você fala: "O que eu posso fazer por isso? Será que a minha vida pode ser dedicada a levar a uma coisa maior?".

Eduardo Gomes Marinho

VÍDEO 00:11:20

LEIA O QR CODE

P – **E lá em Recife, na época** em que você era pequeno, era comum as pessoas serem juremeiras?

R – Sim, porque o culto de jurema lá é tradicional, tanto em Recife, Paraíba, Maceió, Rio Grande do Norte, com algumas vertentes ali diferentes, mas ele é um culto totalmente, realmente nordestino. Que se chamava de catimbó, se chamava de jurema. E catimbó era bem pejorativo na época em que se utilizava essa palavra. Vem aquela junção do indígena. Porque, segundo as histórias, veio da aldeia de Aracati, que hoje é em Alhandra, na Paraíba, em que Maria Gonçalves da Silva, que era uma benzedeira muito conhecida na época, conseguiu se juntar com os índios, que já tinham culto de invocação aos seres encantados, essas coisas. Ela trouxe a parte branca, juntou com a indígena e fez ali, segundo as pessoas, os historiadores falam, a primeira sessão de mesa de invocação, quase o mesmo tipo, uma coisa bem Allan Kardec, de mesa branca, e ali começaram as invocações e o culto foi se desenvolvendo. Com a perseguição pela polícia em 1930, quando foram fechados muitos terreiros no Brasil todo, Pernambuco, no Rio de Janeiro também – porque tinha muita cabula na época no Rio de Janeiro, que hoje já é extinto –, dizem que três guardiães foram guardar o segredo em Tambaba para que ele não morresse por causa da perseguição. O culto ali continuou sendo restrito mais ainda por causa da perseguição policial. Foi quando começou o culto de jurema de chão, que era feito nas matas, longe dos holofotes, pra ninguém chamar a polícia, essa coisa toda; e o culto foi tomando outras proporções devido a essa perseguição, porque até então ele era só aquela reunião de mesa branca, a tal história da mesa branca com o copo de água ali. Mas a perseguição fez com que eles saíssem da mesa, fossem para a mata e fizessem o culto de jurema de chão, no meio da mata. Depois, com aquilo evoluindo, a perseguição parando, o culto tomou a proporção de sala, de salão, de fazer giras, entendeu? E é um culto muito antigo e muito forte dentro do Nordeste, na cultura das pessoas. Geralmente, quem era benzedor e benzedeira fazia parte do culto de jurema.

R – **Eu acredito que sim. Isso nunca** é uma coisa clara. Não é uma coisa clara pra mim, porque meu pai, ele fazia as coisas dele, ele trabalhava, a gente ficava em casa naquela época, criança brincava na rua. Então, a criança era solta, eu podia andar e tal, desde que você chegasse na hora; você tinha que entrar, você tinha que estar em casa. Tinha esse processo. Então, me lembro de que eu era uma pessoa que gostava de andar. Eu andava no bairro, caminhava. E me lembro de que escrevi um conto, de uma casa, uma

Aryel Veríssimo

VÍDEO 00:17:00

LEIA O QR CODE

casa linda, que eu achava linda assim. Eu ficava imaginando quem morava lá, o que eles faziam. Isso com 11, 12 anos de idade. E me lembro de que, quando eu passo, a casa não existe mais, mas a lembrança existe. Era um tempo de ditadura e tal, era muito complicado no colégio. A polícia parava na rua e te humilhava por conta de nada. Essa história é muito engraçada: um dia eu estava entrando na rua e esse vizinho... Ele era vizinho assim, ele morava a umas duas quadras de mim, mas ele me conhecia. E ele me intimidou. Ele parou – eu tava entrando na minha rua –, me encostou na parede, fez toda aquela palhaçada que pode fazer, me humilhou e passou. Anos depois, eu tô na minha casa e aí quem aparece? Essa pessoa. Aí eu olhei, recebi ele no meu quarto de atendimento, fiz o melhor atendimento que eu pude, não toquei nesse assunto, não toquei nesse assunto, mas um olhar dele pra mim soou como um pedido de desculpa. Pra mim soou, talvez porque ele tivesse encontrado algumas respostas que ele precisava e talvez ele tivesse falado coisas que, de alguma forma, tocaram a alma dele. E aquilo, para mim, foi uma interpretação também. Libertação é essa sensação de você ser parado, sem culpa de nada, sem ter feito nada errado, e ser machucado pela suposição de alguém só pra mostrar poder. Naquele momento, a polícia tinha muito poder na rua. Tinha rota, tinha... Eram uns fusquinhas assim. E a gente se intimidava mesmo. Porque eles passeavam na periferia com uma abordagem que eles não faziam em bairros mais nobres. Por isso você tinha um certo receio do que podia acontecer. E a gente sabia de histórias, então a gente tinha muito medo. Eu me lembrei disso quando ele apareceu; depois ele acabou ficando meu amigo, inclusive. Ele ficou meu amigo. Eu não fiquei amigo dele, mas eu não tenho nada contra ele. De qualquer forma, eu não falaria a minha vida pra uma pessoa que eu não sei se só me procurou por conta da dor que tava passando. Mas foi isso.

CONVERSANDO A RESPEITO

Depois de ouvir os trechos das histórias de vida dos entrevistados, proponha uma conversa, problematizando algumas questões, por exemplo:

- Que contextos históricos foi possível identificar nos relatos das pessoas entrevistadas? Como esses momentos impactaram as crenças ou a experiência religiosa delas?
- Como o passado aparece nos relatos dos entrevistados? Em que momentos você percebeu que aconteceram rupturas ou marcas no passado dessas pessoas que precisaram ser revisitadas depois?
- Como as pessoas entrevistadas lidaram com situações de injustiça em sua experiência?
- Você percebe, na sua religiosidade ou maneira de compreender o mundo, uma interligação entre o que aconteceu no seu passado e o que você está vivendo no presente? Como esses fatos e sentimentos podem oferecer possibilidades para a sua maneira de viver no futuro?

A Monja Coen cita sua experiência como jornalista durante o período da ditadura militar no Brasil. Para saber mais, acesse a exposição **Ditadura: Cotidianos e Heranças**, do Museu da Pessoa.

SUGESTÃO DE ATIVIDADE

PAINEL PASSADO, PRESENTE E FUTURO

OBJETIVO

Elaborar um painel (que pode ser feito em papel ou de forma virtual) de situações geopolíticas que influenciam a maneira como vivemos a religiosidade nos dias de hoje.

DESENVOLVIMENTO

- Proponha aos alunos uma pesquisa sobre notícias que informem mudanças territoriais e políticas que podem ser relacionadas às experiências

SUMÁRIO
APRESENTAÇÃO
INTRODUÇÃO
CRÉDITOS

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1
Aula 1
Aula 2
Aula 3
Aula 4

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2
Aula 1
Aula 2
Aula 3

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 3
Aula 1
Aula 2
Aula 3
Aula 4

religiosas. Por exemplo: a promulgação de leis que determinam a atuação religiosa na sociedade; construção de templos ou edifícios religiosos que impactam o bairro; ações policiais em comunidades locais ou religiosas etc.

- Organize as pesquisas selecionadas por temas e datas, correlacionando os eventos noticiados aos impactos que trazem especialmente para os grupos religiosos da região.
- Imprima o cabeçalho das notícias ou, no caso de optarem por um painel virtual, defina o aplicativo, o formato e os padrões visuais e organize os arquivos selecionados.
- Monte o painel, indicando as implicações do que está sendo noticiado com a vida e experiência religiosa da população da região. No caso de ser um painel virtual, organize as imagens em um arquivo e prepare equipamento para projeção. Lembre-se de que você e os estudantes podem usar a plataforma do Museu da Pessoa para criar uma coleção de relatos e fotos.

ENCERRAMENTO

Nenhuma tradição é apenas a reprodução de um passado ancestral. Para sobreviverem, todas elas precisam dialogar e fazer sentido para indivíduos que enfrentam os novos desafios dos tempos presentes. E é no terreno firme das tradições que as pessoas se sentem seguras para empreender novas aventuras no campo religioso. As novas experiências espirituais têm como referência, positiva ou negativa, as tradições herdadas.

SUMÁRIO
APRESENTAÇÃO
INTRODUÇÃO
CRÉDITOS

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1
Aula 1
Aula 2
Aula 3
Aula 4

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2
Aula 1
Aula 2
Aula 3

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 3
Aula 1
Aula 2
Aula 3
Aula 4

AULA 3

Em busca de pontos em comum: o encontro da diversidade cultural e religiosa

A vida moderna é feita de encontros, às vezes de conflitos, às vezes de cooperação. A despeito de todas as diferenças culturais e religiosas, continuamos vivendo, circulando e reconhecendo as pessoas. A diversidade, ao invés de se tornar uma barreira para a convivência, é uma oportunidade de aprendizagem e amadurecimento.

Nesta aula, você e seus alunos reconhecerão, nas entrevistas, a maneira como as diferentes experiências de vida e de fé fizeram as pessoas encontrarem caminhos de compreensão e diálogo diante da diversidade.

ABERTURA

Para introduzir o tema, peça com antecedência que cada aluno traga de casa um objeto significativo e a história dele para ser compartilhada com o grupo. Na roda de história do objeto, os alunos podem contar, um de cada vez, como o objeto chegou até ele, qual a relação com a sua vida, por que o escolheu para compartilhar a história. Lembre aos alunos que, enquanto um conta a história, os outros devem escutar o relato com atenção.

Finalize a atividade propondo uma conversa sobre a diversidade dos objetos relacionada à diversidade de experiências de vida de cada um.

Em seguida, apresente os trechos das entrevistas.

CONHECENDO PESSOAS E SUAS HISTÓRIAS

Organize os alunos ao redor do equipamento de projeção para assistir aos trechos das entrevistas, ou, alternativamente, fazer a leitura desses trechos. Nesse caso, você pode definir três alunos para fazerem a leitura em voz alta, valorizando uma leitura expressiva, pausada e com boa entonação.

Sheikh Jihad

VÍDEO 00:00:44

LEIA O QR CODE

R – **Eu quero agradecer primeiro a Deus** por essa oportunidade e também agradecer ao Museu da Pessoa e a vocês pela escolha, que muito me honra. Meu nome é Jihad Hassan Hammadeh. Eu sou *sheik*, nascido na Síria, em 5 de junho de 1965. Meu pai é sírio, minha mãe é libanesa. Eu nasci na Síria, mas fui muito pequeno para o Líbano. Meu pai veio para o Brasil enquanto nós ficamos no Líbano, na casa do meu avô materno, no Vale do Beca, em Sultan Yacoub. Mais tarde, meu pai, ao vir para cá, trabalhava de mascate. Como a maior parte dos imigrantes, ele trabalhou para juntar um pé de meia e aí nos trouxe; comprou as passagens e nos trouxe para ficarmos com ele aqui. Desde então, eu moro no Brasil, minha família mora no Brasil. Eu fiquei no Brasil até os 16 anos, até 1981. Em 1981, eu era muito curioso, tinha muitas perguntas, muitas dúvidas sobre a minha religião. Não tinha muita oportunidade, porque os *sheiks* da época, os líderes religiosos tinham poucas mesquitas. Eles falavam árabe, o árabe clássico, gramatical. E, em casa, nós falávamos o árabe coloquial, popular. Então, ficava muito difícil de entender o que o *sheik* estava dizendo. Mas meu pai nos levava para a mesquita, nos ensinava a religião. Meu pai e minha mãe nos ensinavam a religião. No entanto, ainda ficava uma inquietude dentro de mim; querer saber, querer respostas para tudo. Ainda mais que aqui a maior parte do povo brasileiro é cristã. E aqui também tinha algumas diferenças. Eu via essas diferenças e queria saber o porquê dessas diferenças. Por que meus amigos podiam namorar e eu não? Por que eles rezavam assim e eu tinha que fazer movimentos? Muitas questões, muitos questionamentos. E certamente que meus pais tentavam me res-

ponder adequadamente, saciar essa curiosidade que eu tinha. Porém, tinha um limite, que era o limite da religião, o conhecimento deles da religião. Então eu via que precisava de mais profundidade.

Vídeo 00:51:30

Então, a gente conseguiu conviver bem. Nós crescemos tendo duas culturas, vivenciando duas culturas. E isso é interessante. Eu vou te dizer por que é curioso e por que é inusitado. Nós tínhamos dois mundos; a gente vivia em dois mundos, eu vivia em dois mundos. O mundo árabe, islâmico, e o mundo brasileiro, da sociedade brasileira. Da porta de casa para fora, a gente vivia na escola, com os amigos. A gente era muçulmano, mas tinha coisas que não eram costumes árabes, não tinha nada a ver com religião, não eram costumes árabes. Por exemplo, comer feijão e arroz não é um costume árabe. E até hoje, sempre foi a minha comida predileta. Um pê-efe é insubstituível. Ovo frito ali é insubstituível. Tanto que, quando eu estudava na Arábia, trazia livros, quando vinha para cá de férias, trazia livros. Quando voltava, era farofa e feijão. Arroz lá tinha. Então, eu levava muito feijão. E, na alfândega, na receita, eles falavam "o que é isso?". Tipo, isso é Brasil, para explicar. Então, a gente fazia, cozinhava, fazia feijão, e era a comida predileta. Acabamos vivendo em dois mundos diferentes, mas eles conversavam, e a gente transitava bem, transitava muito bem nesses mundos. Qual é a questão inusitada em tudo isso? É que, quando você está no Brasil, você é árabe. Quando você vai para o Líbano, você é brasileiro. E aí eu nunca estou no meu país? Eu nunca sou considerado do local onde eu estou? Você vai para o Líbano, "ah, chegou brasileiro". Está no Brasil, "o árabe". E isso é inusitado. Se a pessoa não conseguir assimilar isso bem, pode criar algum problema. De fato, porque muitas pessoas querem se sentir inseridas; se você me chama de estrangeiro, onde eu estiver, eu sou estrangeiro, eu não pertenço a nenhum dos lugares? Mas eu consegui assimilar muito bem, entender, porque, como eu convivi com muitos estrangeiros, com muitos imigrantes, principalmente na Arábia Saudita, acabei aprendendo a assimilar toda essa questão. Eu fui imigrante aqui no Brasil; hoje meus filhos são brasileiros natos, nascidos aqui. Uma das questões, por exemplo, no Brasil, é que eu tinha vontade no começo – isso é uma questão inusitada também, curiosa – eu queria preservar a minha identidade, o meu passaporte sírio. Eu me orgulhava disso. Então, eu já tinha, já poderia ter tido, desde pequeno, a naturalização. Mas eu não quis. Tipo, sou sírio. Porém, quando eu viajava, em todos os aeroportos, me paravam e eu ficava uma, duas, três horas nos passaportes para averiguação. E eu não entendia o porquê. Uma vez, na Inglaterra, eu estava passando e acho que a agente dos passaportes, acho que ela me viu ali, meus amigos passaram, todos brasileiros, e eu ali com o passaporte sentado e o pessoal depois do guichê lá esperando. Eu fiquei acho que umas duas horas ali. Aí eu cheguei para ela e falei: "Eu posso saber o que acontece, por que que meus amigos..." E ela se sentiu, acho que se solidarizou, se sensibilizou com essa situação. Ela falou: "Você tem um passaporte brasileiro?" "Falei, não, não tenho. Ela falou: "Por quê? Há quanto tempo você está no Brasil?" Falei: "Desde pequeno, desde...". "Por que você não pegou?" Falei: "Porque eu tenho orgulho, quero até visitar", falei para ela. Ela falou: "Não, o teu problema está aqui. Todos os seus amigos passaram, são brasileiros. O teu problema está aqui, porque você está carregando o passaporte brasileiro. Sírio, se fosse brasileiro, você passava". Aí eu, quando cheguei na Arábia Saudita, mandei uma carta para o meu pai e falei: "Comece a fazer a papelada de naturalização". E aí, quando vim na outra vez, vim para o Brasil, me naturalizei, e foi outra sensação, porque eu passava batido. Eu já ia para os guichês, já esperando ser retido lá, parado, por uma hora, duas horas. De repente, sem nada, pode passar. "Como assim? Não vai me parar?" E passava. E passei. Então, aí eu comecei a ver o quanto ser brasileiro é bom. O quanto ser brasileiro é

SUMÁRIO
APRESENTAÇÃO
INTRODUÇÃO
CRÉDITOS

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1
Aula 1
Aula 2
Aula 3
Aula 4

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2
Aula 1
Aula 2
Aula 3

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 3
Aula 1
Aula 2
Aula 3
Aula 4

valorizado. E é valorizado pelos árabes. Há um vínculo. Descobri esse vínculo de amizade e de carinho que tem. Existe uma ponte invisível entre o Brasil e os países árabes, principalmente Síria, Líbano, Jordânia, Palestina, muito grande. O Brasil, ele é visto com outros olhos; até hoje isso é muito bom. As pessoas consideram muito o brasileiro, consideram muito o Brasil. Os árabes gostam muito do Brasil, do povo brasileiro.

Pastor Henrique Vieira

VÍDEO 00:48:46

LEIA O QR CODE

Lembro de um projeto chamado "O que é loucura?". Primeiro ano do ensino médio, um projeto multidisciplinar que debateu com a gente o conceito de loucura na história. Afinal, o que é ser louco? Quem define a partir de qual critério? O que é uma definição científica, psíquica, psicológica? O que é produção do louco como forma de violência? Uma mulher lutando contra a opressão pode ser uma louca; militantes de direitos humanos podem ser loucos; pessoas foram presas em manicômios durante a ditadura. O que que é louco? Entende... Primeiro ano do ensino médio... Então a gente estudou, a gente viu filmes como *Bicho de sete cabeças*, *Um estranho no ninho*, *Garota interrompida*, conversou com assistente social, psicólogo. A gente foi apresentado à reforma psiquiátrica, luta contra os manicômios, que foi a minha primeira forma de militância. E sabe como termina esse projeto sobre o que é loucura? De uma forma muito louca: a escola nos levou ao hospital psiquiátrico penal. Eu cheguei em casa e falei: "Mãe, tem um passeio, a escola vai fazer uma excursão, e não é um museu, não é um parque aquático. Nós vamos a um manicômio prisional, são pessoas que cometeram crimes, mas houve um julgamento de que elas não estavam no seu estado mental adequado, e por isso a prisão é convertida em internação; não é presídio comum, é manicômio prisional, a escola quer levar a gente até lá". [*Risos*] Minha mãe: "Nossa! Que coisa! Não era melhor ir no Rio Water Planet?". [*Risos*] Enfim, fomos e, cara, isso mudou minha cabeça, irmão. Eu já estava assim superto-mado pela reflexão, pelos filmes, as conversas, mas, quando chegou nessa visita, aí foi potente demais. Porque, assim, do início ao fim da visita, conversei com um menino que estava lá. Cara, ele devia ter uns dezoito anos, no máximo, não mais do que isso. Jovem, negro, pobre, com histórico de várias privações e dependência química; não sei que crime ele cometeu, mas a gente só conversou, conversou, conversou, bateu papo o tempo inteiro na visita guiada ali. Quando chega no final... Só um parênteses, nesse momento, meu irmão e minha irmã já tinham entrado na universidade e estavam fazendo estágio, e a condição da minha família tinha dado dois passos acima, já éramos uma família de classe média baixa, entendeu? [*Risos*] Então, já tava melhor, a gente morava em Santa Rosa, outro bairro de Niterói, enfim... eu estudava ali nessa escola progressista de Icaraí, um bairro elitizado da cidade. Daí esse menino me faz duas perguntas, quando acaba a visita, e Freixo chama a gente pra ir embora. Ele me pergunta assim: "Pra onde cê vai?" [*Pausa*]. E... nunca foi tão estranho dizer o óbvio, sabe: "Vou pra casa", eu tinha uma casa pra voltar. Não era só uma casa: era encontrar meu pai, minha mãe, dormir, comer, acordar, amanhã tinha escola de novo... Um abismo se abriu entre nós. Casa, família, memo, eu volto, você não. Ele perguntou se eu voltava, segunda pergunta que mexeu comigo: "Você volta?", eu não lembro o que eu respondi, mas assim, cá entre nós, óbvio que eu não ia voltar, como é que eu ia voltar? Eu tinha quinze anos, fui levado por um projeto da escola, mas isso foi em 2001, estamos em 2022, eu não voltei, mas olha como é que ele não saiu de mim, esse menino. Ali eu tomo uma decisão militante de vida, a política que eu defendo na minha vida: quero ser alguém que participa da sociedade pra transformar a realidade, simples assim. Porque eu não quero mais esses abismos, não quero, não quero manicômio, não quero prisão, não quero letalidade policial, não quero genocídio da juventude negra, não quero ver criança passando fome, não quero ver família viver sem teto,

SUMÁRIO
APRESENTAÇÃO
INTRODUÇÃO
CRÉDITOS

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1
Aula 1
Aula 2
Aula 3
Aula 4

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2
Aula 1
Aula 2
Aula 3

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 3
Aula 1
Aula 2
Aula 3
Aula 4

não quero ver família sem terra. Acho que tá errado pouca gente com tanto dinheiro e tanta gente lutando pra sobreviver. Então, eu quero me organizar coletivamente... É isso que eu chamo de política... Quero me organizar coletivamente pra incidir no mundo, pra reduzir abismos, pra eu ir pra casa e ele também, isso que pra mim é política.

Maga Clara

VÍDEO 02:13:19

LEIA O QR CODE

Então eu não sei o que é humanidade, pois o que eu percebo, assim, o que é um humano? Ah, é um animal bípede, mamífero, vertebrado que acredita que é inteligente, que acredita que realiza coisas, né, isso é um ser humano. Vários seres humanos com o mesmo dnazinho de bípede, vertebrado, mamífero, com raciocínio, o mesmo DNA é uma raça humana. Humanidade não significa bons comportamentos, comportamentos salutares, comportamentos saudáveis, comportamento cooperativo, né, fala assim "ah que desumano aquilo que fizeram". Eu realmente não sei responder o que é humanidade, eu sei que enquanto uma raça, com o mesmo DNA, com a mesma constituição biológica, a gente é como o peixe, é como qualquer outro bicho. Um pouco mais desavisados, né?, pois os outros, os peixes, as aves, as formigas, as minhocas, elas seguem o dom próspero da existência, elas exercem a função que auxilia o todo, e o humano não exerce uma função que auxilie todos os humanos; o humano machuca o outro humano. A gente tá no século XXI brincando de jogar bombinha no quintal do irmão, né?

CONVERSANDO A RESPEITO

Depois de ouvir os trechos das histórias de vida dos entrevistados, proponha uma conversa, problematizando algumas questões, por exemplo:

- Em que momentos foi possível perceber, nos relatos dos entrevistados, que o encontro com o diferente representou uma ameaça? Em que momentos a diversidade foi percebida como uma oportunidade de enriquecimento pessoal?
- Em que momentos a desigualdade social e econômica aparece entrelaçada à tradição religiosa da pessoa entrevistada?
- Que tipo de posicionamento em defesa da redução de desigualdades ou do diálogo com o diferente foi possível notar nos relatos dos entrevistados?
- Depois de ouvir os relatos dessas pessoas, o que mudou na sua maneira de entender a diversidade de experiências de vida e das experiências pessoais com a espiritualidade?

Acolha as opiniões dos alunos e incentive o debate sobre as diferentes opiniões e como elas estão fundamentadas nas experiências práticas vividas pelas pessoas.

PAINEL INTERATIVO DA DIVERSIDADE: MINHA VIDA, MINHA FÉ

SUGESTÃO DE ATIVIDADE

OBJETIVO

Realizar um painel interativo, onde estudantes, pais e professores possam se representar registrando algo sobre si mesmos e sua experiência de fé.

DESENVOLVIMENTO

- Defina uma parede em local visível para a exposição dos trabalhos das aulas anteriores e, entre eles, um espaço para interação do público da escola.
- Prepare 3 folhas de papel-cartão ou Kraft para ser afixado na parede formando um painel.
- No painel, coloque o título "Minha vida, minha fé" ou outro à escolha dos alunos, e uma mensagem explicativa do objetivo do painel, por exemplo: "Registre aqui o seu rosto, algo sobre você e algo sobre sua fé".

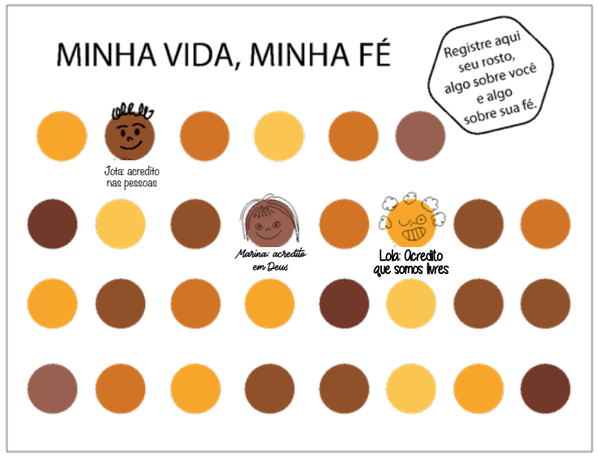
SUMÁRIO
APRESENTAÇÃO
INTRODUÇÃO
CRÉDITOS

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1
Aula 1
Aula 2
Aula 3
Aula 4

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2
Aula 1
Aula 2
Aula 3

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 3
Aula 1
Aula 2
Aula 3
Aula 4

- Pinte, com tintas de cores variadas que representem tons de pele, círculos pequenos, onde posteriormente as pessoas vão desenhar seus rostos, colocar seus nomes e uma pequena frase sobre no que acreditam. Inicie pela própria turma, deixando o exemplo para que quem passe pelo painel faça seu registro também. Veja o modelo abaixo como sugestão. Disponibilize canetas para serem usadas pelo público.
- Exponha os trabalhos feitos nas aulas anteriores em um local onde possam ser visualizados pelos colegas, pais e professores da escola, e, entre eles, o painel interativo. Se desejar, promova uma exposição única, incluindo o painel que será realizado na aula 4 desta sequência.



ENCERRAMENTO

A diversidade de experiências religiosas, políticas, intelectuais, de gosto e de valores, longe de ser uma barreira para o convívio social, pode ser a razão da sobrevivência de uma sociedade complexa como a nossa. É a diversidade que nos permite encontrar soluções para os novos desafios. A quantidade imensa de religiões e de experiências religiosas é uma riqueza de nossa cultura e nos permite aprender a conviver com quem é diferente de nós.

SUMÁRIO
APRESENTAÇÃO
INTRODUÇÃO
CRÉDITOS

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1
Aula 1
Aula 2
Aula 3
Aula 4

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2
Aula 1
Aula 2
Aula 3

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 3
Aula 1
Aula 2
Aula 3
Aula 4

AULA 4

Em busca da tolerância religiosa: superando preconceitos

A intolerância religiosa causa sofrimento e medo nas pessoas. Ela é fruto do desconhecimento sobre as crenças alheias. O melhor caminho para superar a intolerância e a violência religiosa é buscar conhecer a religião do outro, suas origens, a razão de ela existir, aquilo que ela oferece, a maneira como ela funciona, seus ritos e suas crenças.

ABERTURA

Para introduzir o tema, proponha um debate sobre os limites e regras que devem cumprir em suas casas. Pergunte, por exemplo:

- **Em sua casa, existem regras sobre como os membros da família devem se comportar para conviver bem? Quais você considera as principais? Quem estipulou essas regras?**
- **Na sua opinião, por que as regras são importantes para a convivência em família?**
- **Com quais regras você concorda? Com quais discorda? Que alternativa você ofereceria no lugar daquelas com que você discorda?**
- **Que regras você criaria para que as pessoas que professam diferentes religiões pudessem conviver em harmonia em nosso país?**

Finalize o levantamento inicial dizendo que iremos descobrir, nos trechos selecionados das entrevistas da exposição *Vida, Morte, Fé*, como as pessoas compreendem sua fé no contexto da diversidade religiosa. Em seguida, apresente os trechos das entrevistas.

CONHECENDO PESSOAS E SUAS HISTÓRIAS

Organize os alunos ao redor do equipamento de projeção para assistir aos trechos das entrevistas, ou, alternativamente, fazer a leitura desses trechos. Nesse caso, você pode definir três alunos para fazerem a leitura em voz alta, valorizando uma leitura expressiva, pausada e com boa entonação.

P – **Me conta o que é essa estrutura** que está aqui atrás.

Carmen de Mello Cordeiro (Mãe Carmen de Oxum)

VÍDEO 02:06:17

LEIA O QR CODE

R – Isso é uma das coisas mais sagradas que tem numa casa de axé. Chama-se *Opó*. É a ligação do *Ayé*, que é a terra, com o *Ò rùn*, que é o universo. Então, aqui tem um ritual plantado, aqui dentro. Ali dentro, o cipó é direcionado à nação de Jeje, porque aqui a nação é Ketu, e nós temos a nação de Jeje por conta de Babá Besen de Oxumaré, que é da nação de Jeje, que é do meu filho, o Pai Carlito. Então, aqui tem um fundamento plantado ali embaixo. E o cipó é a vida. Nós vamos crescendo. Começou com pouquinha coisa e nós fomos enrolando, enrolando, enrolando. E foi, cada dia coloca mais, cada dia coloca mais, com paciência. Então, o *Ayé* é a terra e o *Ò rùn* é o universo, é o céu. Então, é uma direção. E é a firmeza que nós temos aqui. A firmeza com a terra e com o universo. É a garantia de que todos os orixás vão dançar aqui nesse chão; todas as pessoas, de todas as cores, todas as raças, todas as etnias, pessoas de todos os gêneros, pessoas de todas as classes sociais, porque o candomblé é isso. O candomblé é o acolhimento. Nunca que uma pessoa vai descer essas escadas e eu vou dizer para essa pessoa: você tem uma carteira profissional? Você nasceu onde? Qual é o seu nome completo? A sua filiação? Você trabalha onde? A primeira coisa que nós vamos fazer é acolher essa pessoa. Pode vir… Você é doente, você tem uma doença congênita, você tem uma doença... Nunca, nunca, nunca, nunca. Então, quando ele chegar aqui, ele tem que ser

SUMÁRIO
APRESENTAÇÃO
INTRODUÇÃO
CRÉDITOS

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1
Aula 1
Aula 2
Aula 3
Aula 4

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2
Aula 1
Aula 2
Aula 3

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 3
Aula 1
Aula 2
Aula 3
Aula 4

acolhido, ele tem que ser abraçado. Porque tem outras religiões em que você entra e vê estátuas que não vão te abraçar, que não vão te olhar, que não vão pegar na sua mão. Ali você ajoelha, você chora, você conversa, ali conta os seus problemas e vai embora. Dentro da casa de candomblé, não. "Você almoçou, quer um copo de água, quer tomar um café ou um chá?", porque, se não tiver nada de café, de comida, tem uma folha, que a gente pega aquela folha, ferve com uma água e oferece um chá para aquela pessoa. Por que eu tenho essa fé e esse amor, Lucas? E a todas as pessoas? Porque o candomblé, ele é um acolhimento muito grande. Ele é um amor muito grande que nós temos um pelo outro. É família. Nós amanhecemos, tomamos a bênção, que isso também foi se perdendo. "Bença, minha mãe", "bença, meu pai", "bença, meu irmão". Então, essa é a forma, nós reverenciamos o ser humano dentro do candomblé. Se as pessoas estudassem o candomblé, se vissem o candomblé como ele tem que ser, valorizariam muito mais. Não teria essa discriminação, esse desrespeito. Porque às vezes eu passo na rua, vou à farmácia, vou ao mercado, vou a qualquer lugar vestida assim. E, às vezes, as pessoas se afastam da gente, como se a gente fosse uma coisa repelente, que tivesse que ser repelido. Então, é uma coisa muito séria, uma coisa muito forte, uma coisa muito complicada.

Alexandre Caldini

P/1 – **E eu queria ir caminhando** já para algumas conclusões. Como você vê a relação entre o espiritismo e as outras religiões de fé? Você chegou a falar que budismo, judaísmo, são várias formas que falam desse mundo que a gente chama espiritual. Narrativas às vezes diferentes, às vezes complicadas, às vezes... Como você vê isso? Essas outras religiões...

R – Então, tem uma coisa que é a definição de início: tem espiritismo e espiritualismo, não são a mesma coisa. Espiritualista é todo aquele que não é materialista, que acredita em existir algo além da matéria. Então, tem um espírito, tem uma sobrevida depois que seu corpo morreu; esse é o espiritualista. O espírita é o Kardec, tanto que Kardec cunhou o termo espírita, espiritismo, então são um pouquinho diferentes um do outro. As religiões todas são espiritualistas, elas acreditam que há algo além da matéria. Nesse sentido há muita afinidade mesmo. Também isso eu falo nesse meu novo livro, eu analiso um pouco a semelhança e a diferença. Há muitas diferenças; por exemplo, o espiritismo não tem ninguém remunerado, não tem uma carreira no espiritismo, são todos voluntários. No espiritismo não tem uma indumentária especial, você não usa uma roupa assim ou assado, branca, ou com chapéu X ou colar, nada. Não há talismã, você não usa crucifixo, não usa patuá, não tem nada que te proteja. O que te protege é a mente, é você lidar com a sua própria mente. Não há silício, você não se vergasteia, nada disso. Então tem muita diferença, não há promessa. Você não negocia com Deus, fala, "ah, Deus, se você me ajudar a passar no vestibular, eu não vou comer chocolate por seis meses". Você acha, cara, que Deus vai se importar com uma bobagem dessa? Então, tem uma séria diferença entre elas todas. Dito isso, o espiritismo tenta o ecumenismo, ele tenta conviver, ele tenta ajudar o convívio. Entre todos, inclusive das religiões. Apesar de pensarmos diferente, a gente se gosta, a gente tem muita coisa em comum, que é o humanismo, que é viver bem. A essência das religiões todas é a mesma. É o amor, é o bom convívio com o próximo. Então, nesse sentido, o espiritismo faz um esforço de conciliação. Frequentemente, os eventos espíritas a que eu vou, convidam-se um *sheik*, um rabino, um padre, um pastor, um babalorixá, para estar ali

VÍDEO 02:02:00

LEIA O QR CODE

junto conversando naquela hora, alguém budista, apesar das diferenças, tentando buscar as coisas que sejam comuns. Kardec fala, em um dos livrinhos dele, o seguinte: é o papel do espiritismo não só não fomentar a divisão, mas promover a união das religiões. Apesar de pensarmos diferente em muita coisa, nós estamos todos juntos nessa... Por isso que ele fala que é uma filosofia, não é uma religião, porque, se fosse uma religião, teria antagonismo, sabe? Acabar com o antagonismo. Hoje está tendo guerra supostamente por visões religiosas diferentes, que é uma bobagem, não é? Na verdade, é uma disputa por território e tudo mais. Mas, para o espiritismo, não tem um lugar santo, não tem um livro santo, não tem uma pessoa santa, não tem um papa no espiritismo, não tem batismo, não tem crisma, não tem casamento, nada disso. Porque crê que o que importa é a gente viver harmoniosamente.

Eduardo Gomes Marinho

VÍDEO 01:10:00

LEIA O QR CODE

P – **E esse momento de aceitação** que você passou desde que você começou até fundar a casa. Como é que você se sente hoje em relação a isso?

R – Eu me sinto a mesma pessoa. Não sinto realização, não sinto nada disso, como vejo as pessoas pregarem por aí. Vejo que é uma missão e que eu tenho que cumpri-la. Eu fui, vamos dizer assim, obrigado a aceitar. Aceitei e tento fazer da melhor forma possível aquilo que aprendi nessa caminhada dentro do culto de jurema e dentro do candomblé. O melhor que pude aprender e passar para os meus, para a geração futura, é aquele aprendizado de não deixar morrer a parte ancestral que existe, das rezas, de coisas que são, vamos dizer, segredos e liturgias que existem dentro do culto. Porque, se eu não passar, isso vai morrer. Então acredito que tem que ter essa passagem de geração para a continuidade do culto.

P – Eduardo, tem alguma coisa que eu não perguntei sobre a jurema que você queira contar?

R – Não, acredito que não. Agora, às vezes, para as pessoas que não entendem muito do culto de jurema, o que eu sempre gosto de colocar é que a jurema é uma religião. Tem pessoas que acham que não, mas ela é uma religião, tem dogmas, tem doutrina. Hoje já tem estados que têm o Dia do Juremeiro. O primeiro estado a fazer isso foi o Rio Grande do Norte. Agora Pernambuco também, que foi esse ano. Então, é uma religião de culto ancestral brasileiro, mais antiga que a umbanda, porque já vem da pajelança, bem antes da umbanda, que é um culto que agrega várias situações espirituais, várias linhas espirituais, no caso, que vêm do caboclo, vêm dos encantados; tem os mestres, as mestras. E algumas casas cultuam também as chuvas e Pombajiras, que não são do culto de jurema, mas fazem parte da cultura nacional, da umbanda e da quimbanda, que também agregam, vamos dizer, numa casa de jurema. Também não fazem parte do culto, mas como a jurema em si agrega todo o clã espiritual, vamos dizer assim, também fazem parte. E as pessoas tiraram um pouco da visão distorcida que tem no culto catimbó. Como eu falei, a palavra catimbó era muito usada, mas como um termo pejorativo antigamente. Hoje em dia não, o povo fala normal. Mas eu me lembro, ainda como uma criança no Nordeste, que o povo falava assim: “É catimbó, é catimbozeiro, não sei o quê”. Fazia uma ligação muito com o mal também. E não era verdade, porque era muita benzedeira. O povo, para não ir com medo, alguma coisa, ah, vou no benzedor, vou no benzedor. Eram umas coisas meio escondidas. Porque tinha esse estigma do mal também. Então, quando veio formar o culto jurema sagrada, foi mais, eu acredito, para quebrar esse preconceito dessa palavra catimbó, que era muito utilizada. Mas é catimbó, jurema, jurema sagrada, e o culto é isso aí.

SUMÁRIO
APRESENTAÇÃO
INTRODUÇÃO
CRÉDITOS

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1
Aula 1
Aula 2
Aula 3
Aula 4

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2
Aula 1
Aula 2
Aula 3

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 3
Aula 1
Aula 2
Aula 3
Aula 4

CONVERSANDO A RESPEITO

Depois de ouvir os trechos das histórias de vida dos entrevistados, proponha uma conversa, problematizando algumas questões, por exemplo:

- Que elementos as pessoas citaram como características da religião delas (candomblé, espiritismo e jurema) que você ainda não conhecia? Como isso impacta sua opinião a respeito das religiões dessas pessoas?
- Como você nota, nos trechos das entrevistas, que a religião está relacionada à própria história de vida dessas pessoas?
- Em que momentos você notou nas entrevistas que as pessoas sentem o peso da intolerância contra sua religião?
- O que significa para você a intolerância religiosa?
- Você concorda que, ao conhecer a história das pessoas, é possível reduzir situações de intolerância? Que atitudes poderiam ser tomadas individualmente ou em grupo para reduzir episódios de intolerância religiosa?

Acolha as opiniões dos alunos e incentive o debate sobre as diferentes opiniões e como elas estão fundamentadas nas experiências práticas vividas pelas pessoas.

SUGESTÃO DE ATIVIDADE

PAINEL DA TOLERÂNCIA RELIGIOSA

OBJETIVO

Realizar um painel com frases retiradas das entrevistas da exposição *Vida, Morte, Fé*, que estimulem a reflexão sobre a intolerância religiosa e promovam respeito e valor às diversas experiências religiosas.

DESENVOLVIMENTO

- Proponha a realização de um painel para dar visibilidade às entrevistas da exposição, citando frases que mostrem a diversidade religiosa e promovam maior respeito e tolerância aos fiéis dessas religiões.
- Peça aos alunos que pesquisem informações sobre a Declaração Universal dos Direitos Humanos, proclamada em 1948 pela Assembleia-Geral das Nações Unidas, com o objetivo de promover o respeito aos direitos e liberdades dos cidadãos. Procure o artigo 18, relacionado a crenças religiosas, como reproduzimos abaixo:

> **Declaração Universal dos Direitos Humanos**
>
> **Artigo 18**
> Todo ser humano tem direito à liberdade de pensamento, consciência e religião; esse direito inclui a liberdade de mudar de religião ou crença e a liberdade de manifestar essa religião ou crença pelo ensino, pela prática, pelo culto em público ou em particular.

- Divida a turma em grupos. Atribua uma ou duas entrevistas para cada grupo. Os grupos vão selecionar frases nas 13 entrevistas que possam dar visibilidade à questão da intolerância religiosa.
- Faça uma curadoria das frases, selecionando as de maior impacto e procurando contemplar todas as religiões representadas na exposição.
- Realize o painel, que pode ser físico ou virtual, escolhendo um título e colocando, destacado em um quadro, o artigo 18 da Declaração Universal dos Direitos Humanos.
- Promova a divulgação do trabalho em dia e local definidos pela escola.

SUMÁRIO **APRESENTAÇÃO** **INTRODUÇÃO** **CRÉDITOS**	**SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1** Aula 1 Aula 2 Aula 3 Aula 4	**SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2** Aula 1 Aula 2 Aula 3	**SEQUÊNCIA DIDÁTICA 3** Aula 1 Aula 2 Aula 3 Aula 4

ENCERRAMENTO

As crenças das pessoas estão intimamente relacionadas às suas histórias de vida. Para entendermos a religião vivida por alguém, precisamos conhecer a sua história. Ser intolerante com a crença de uma pessoa é ser intolerante com a história dessa pessoa.

SUMÁRIO
APRESENTAÇÃO
INTRODUÇÃO
CRÉDITOS

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1
Aula 1
Aula 2
Aula 3
Aula 4

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2
Aula 1
Aula 2
Aula 3

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 3
Aula 1
Aula 2
Aula 3
Aula 4

Vida, Morte, Fé – Religião Não É Crime
Caderno do Professor

Coordenador Geral
Lucas Lara

Concepção Editorial e Escrita
Edin Sued Abumanssur
Glair Alonso Arruda

Revisão
Sílvia Balderama Nara

Coordenação Editorial
TRIO Educação, Cultura e Memória
Sônia London

Produção
Teresa de Carvalho

Pesquisa de Acervo
Lucas Torigoe
Bruna Ghirardello
Luiza Gallo

Projeto Gráfico e Diagramação
José Roosevelt Junior | Mediacts

Parceiro
Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião – PUC/SP

INSTITUTO MUSEU DA PESSOA

Associados: Ana Maria Wilheim | Carla Nóbrega | Carlos Seabra | Carolina Misorelli | Celia Picon | Cláudia Leonor | Elza Lobo (*in memoriam*) | Fernando Von Oertzen | Heloísa Nogueira | Immaculada Prieto | Iris Kantor | José Matos | José Mauger | Karen Worcman | Luiz Egypto | Marcia Trezza | Maria Francisca Passos | Mauro Malin | Roberto da Silva (*in memoriam*) | Rosali Nunes | Rosana Miziara | Sandra Sinicco | Sergio Ajzenberg (*in memoriam*) | Sônia London | Silvia Carvalho | Zilda Kessel

Conselho Consultivo: Alberto Dines (*in memoriam*) | Celia Picon | Danilo Miranda (*in memoriam*) | Eliezer Batista (*in memoriam*) | Lisandra Alves | Octavio Barros | Paul Thompson | Paulo Nassar | Roberto da Silva (*in memoriam*) | Tom Gillespie | Wellington Nogueira

Conselho de Gestão: Beatriz Azeredo | Carla Nóbrega | Gustavo Gonzaga | Tiago Lara

Conselho Fiscal: José Mauger | Leandro Salatti | Maria Francisca Passos

Comitê de Compliance: Cynara Reinert | José Mauger | Luiz Egypto | Maria Francisca Passos

EQUIPE EXECUTIVA

Curadora: Karen Worcman

Diretor Executivo: Marcos Terra

Relações Institucionais e Governamentais: Rosana Miziara

Museologia: Lucas Lara | Felipe Rocha | Renata Pante | Estfani da Costa | Jefferson Trindade | Maria Heloisa Ruas Lourenço | Priscila Gomes Oliveira | Teresa de Carvalho | Xayene Atanduara Reis

Colaboração: Marcela Lanza Tripoli | Marcia Trezza | Sônia Helena Dória London | Jonas Samaúma | Aline Scolfaro | Levi Andrade

SUMÁRIO
APRESENTAÇÃO
INTRODUÇÃO
CRÉDITOS

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1
Aula 1
Aula 2
Aula 3
Aula 4

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2
Aula 1
Aula 2
Aula 3

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 3
Aula 1
Aula 2
Aula 3
Aula 4

Museu Digital: Odilon Gonçalves | Amanda Lira | Isadora Catem Santos | Ariane Permonian| Leandro Almeida | Thiago Magalhães | Ana Gomes

Gestão e Operação: Ricardo Vilardi | Allan Russo Fava | Dalci Alves da Silva | Eduardo Valente | Renato Herzog | Lucas Torigoe | Ane Alves | Samantha Xavier

Lei Rouanet
Incentivo a Projetos Culturais

Idealização

MUSEU DA PESSOA

Apoio Financeiro

BNDES

Patrocínio

mercado livre

3M

Parceria

PUC-SP

Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião - PUCSP

ter.a.pia

MUSEU FUNAI

FUNAI

Patrocínio Oficial

BR PETROBRAS

Realização

MINISTÉRIO DA CULTURA

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO